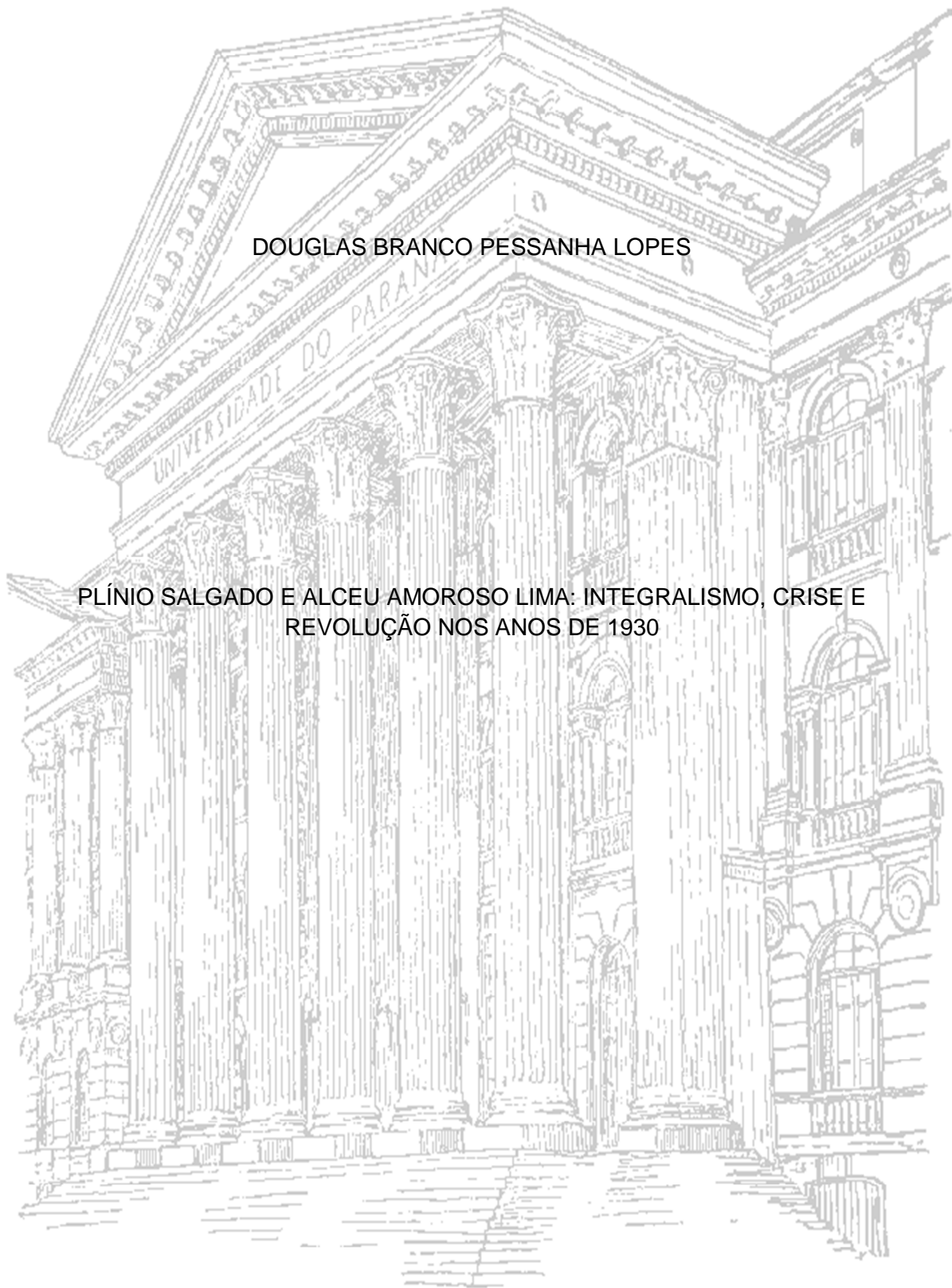


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DOUGLAS BRANCO PESSANHA LOPES

PLÍNIO SALGADO E ALCEU AMOROSO LIMA: INTEGRALISMO, CRISE E
REVOLUÇÃO NOS ANOS DE 1930



CURITIBA

2015

DOUGLAS BRANCO PESSANHA LOPES

PLÍNIO SALGADO E ALCEU AMOROSO LIMA: INTEGRALISMO, CRISE E
REVOLUÇÃO NOS ANOS DE 1930

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Sociologia, no curso de pós-graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Meucci

CURITIBA

2015

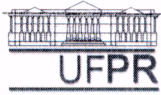
Catálogo na publicação
Vivian Castro Ockner – CRB 9ª/1697
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Lopes, Douglas Branco Pessanha
Plínio Salgado e Alceu Amoroso Lima: integralismo, crise e
revolução nos anos de 1930. / Douglas Branco Pessanha Lopes. –
Curitiba, 2015.
111 f.

Orientadora: Profª Drª Simone Meucci
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná

1. Sociologia – intelectuais – catolicismo.
2. Pensamento social católico – década de 30 – modernismo. 3. Lima,
Alceu Amoroso, (1893-1983) – Salgado, Plínio, (1895-1975) – crítica e
interpretação. I. Título.

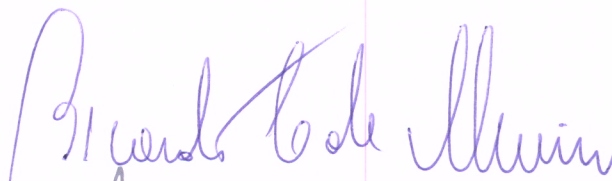
CDD 801.95

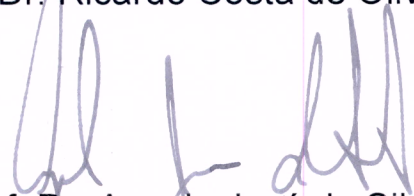


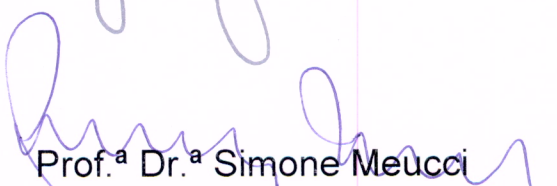
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, após arguir o candidato **Douglas Branco Pessanha Lopes**, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado “PLÍNIO SALGADO E ALCEU AMOROSO LIMA: INTEGRALISMO, CRISE E REVOLUÇÃO NOS ANOS DE 1930” é de parecer favorável à *APROVAÇÃO* do acadêmico, habilitando-o ao título de *Mestre* em Sociologia, linha de pesquisa linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” da área de concentração em SOCIOLOGIA. Curitiba, 17 de agosto de 2015.


Prof. Dr. Ricardo Costa de Oliveira


Prof. Dr. Angelo José da Silva


Prof.^a Dr.^a Simone Meucci
Orientadora e presidente da banca examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Sandra Regina Branco Lopes e Edson Pessanha Lopes (in memoriam). Primeiramente por sempre terem valorizado a educação e despertado em mim a curiosidade intelectual. Também pelo suporte financeiro, sempre com muitos sacrifícios, para que eu pudesse me mudar para Curitiba e estudar. Sem eles, nada disso teria sido possível.

À minha orientadora Simone Meucci. Sou imensamente grato pelo trabalho feito por ela, por ter assumido minha orientação com pouquíssimo tempo e pela incomensurável ajuda na conclusão deste trabalho. Sua inteligência, perspicácia intelectual, ética e profissionalismo são uma inspiração para qualquer cientista social.

À minha companheira Giuliana Iarocheski pelo suporte, paciência e por ser a pessoa com a qual partilho minha vida.

Não citarei nomes, mas agradeço também aos amigos que desde minha época de graduação me acompanham nas discussões, nas crises, nos problemas e sem os quais a vida seria muito mais difícil.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar a produção intelectual de Plínio Salgado durante a existência da Ação Integralista Brasileira (AIB), ou seja, de 1932 a 1937. Procuramos verificar de que forma se definem, nos seus escritos deste período, três categorias importantes do pensamento social da época - “integralidade”, “crise” e “revolução” – inspirados na metodologia do contextualismo linguístico, proposta por Quentin Skinner. Nessa perspectiva, procuramos ainda analisar de que modo o líder do laicato católico nos anos de 1930, Alceu Amoroso Lima realizou também as mesmas formulações. Partimos do pressuposto de que a AIB é um movimento social, tal como definido por Charle Tilly.

Palavras-chave: Plínio Salgado. Integralismo. Alceu Amoroso Lima.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to analyse the intellectual production of Plínio Salgado while “Ação Integralista Brasileira (AIB)” was active, therefore, between 1932 and 1937. We searched to check the way “integralidade”, “crise” and “revolução”, three important concept in social thinking in that age. Our work is inspired by the method, developed by Quentin Skinner, called linguistic contextualism. Thus, we tried to analyse the way Alceu Amoroso Lima, who was the leader of the catholic layman, worked on the same concepts. We characterize AIB as a social movement, in the same way Charles Tilly defines that.

Keywords: Plínio Salgado. Integralismo. Alceu Amoroso Lima.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - SOCIOLOGIAS NATURALISTA e FINALISTA.....	75
TABELA 2 - DIFERENÇAS CONCEITUAIS ENTRE PLÍNIO SALGADO E ALCEU AMOROSO LIMA.....	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	METODOLOGIA.....	9
2	REVISÃO DE LITERATURA	25
3	“CRISE”, “INTEGRALIDADE” E “REVOLUÇÃO” EM PLÍNIO SALGADO.....	48
4	ALCEU AMOROSO LIMA E PLÍNIO SALGADO	75
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
6	REFERÊNCIAS.....	107

1 INTRODUÇÃO

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento político existente no Brasil nos anos de 1930 que propôs mudanças políticas no Brasil. Com inspiração conservadora e autoritária a AIB desejava o fim da democracia e do pluripartidarismo, além do aumento da participação do Estado em diversas áreas da vida social. Iniciou como um “movimento cívico” em 1932 e assumiu a forma de partido em 1934, sendo extinta em 1937 com a instauração do Estado Novo. Teve grande número de militantes (400.000) e possuía diretórios municipais espalhados por todo o país, segundo Héglio Trindade (1978).

Sua principal liderança era Plínio Salgado. Além dele, Miguel Reale e Gustavo Barroso ocuparam posições de destaque, produzindo grande número de publicações e ocupando cargos na direção do movimento. A crítica à democracia liberal, ao comunismo e ao capitalismo internacional eram a tônica de diversos textos produzidos pelos intelectuais integralistas.

No entanto, seus integrantes tinham perspectivas diferentes, por vezes conflitantes, sobre o movimento, seus pressupostos e suas ações. Exemplo disso foram a defesa do anti-semitismo de Gustavo Barroso e a da liberdade religiosa proposta por Plínio Salgado. Houve também fortes divergências em questões raciais, uma vez que Plínio Salgado era favorável à “raça miscigenada brasileira”, ao passo que em diversas regiões do Brasil, militantes defendiam a superioridade branca.

Ao longo do movimento, suas lideranças publicaram diversos livros, periódicos e artigos em jornais. Alguns textos, principalmente os publicados em revistas e jornais, não eram assinados, sendo apresentados como uma espécie de linha editorial do movimento. No entanto, diversos escritos revelam opiniões pessoais dos autores, além da maneira pela qual se inseriam dentro do movimento, suas relações com a política da época e suas respostas às questões nacionais.

Em nossa pesquisa, analisamos a produção intelectual de Plínio Salgado, líder do movimento e seu principal mentor intelectual. Isto não

significa, como já foi pontuado, que houvesse total homogeneidade no movimento e que outros líderes não produzissem perspectivas discordantes. No entanto, entendemos que, devido ao protagonismo de Plínio Salgado, a análise de seus textos pode nos revelar aspectos nucleares do movimento.

O objeto de nossa pesquisa é a produção intelectual de Plínio Salgado durante a existência da AIB enquanto movimento político e cultural institucionalizado, ou seja, de 1932 a 1937. Nosso trabalho se concentrará na produção textual do autor com foco em algumas das principais categorias que formavam o repertório lexical do debate político do período: “crise”, “revolução” e “integralidade”.

Nosso objetivo é compreender como estes termos foram mobilizados, visando entender seus significados e diferentes apropriações, incluindo seus usos na produção de outro intelectual da época - Alceu Amoroso Lima – importante líder da reação católica. Pretende-se compreender como estas significações e apropriações respondiam a dilemas políticos e mudanças sociais daquele contexto histórico.

Com efeito, os conceitos apresentados por Plínio Salgado não eram exclusivos do autor. Nos anos de 1930 as ideias de “crise” e “revolução” eram bastante comuns e disputados na produção de diferentes agentes do gradiente político - desde a extrema direita, até a extrema esquerda. Por sua vez, a noção de “integralidade”, “homem integral” ou outras variações do vocábulo “integral” eram especialmente comuns a pensadores de matriz conservadora, principalmente os influenciados pelo pensamento católico.

Nesse sentido, em nosso trabalho não pretendemos fazer uma análise dos textos de Plínio Salgado de forma isolada. Procuraremos relacionar seus textos com a produção de outros autores da época e perscrutar a “disputa” na definição destes conceitos e nos efeitos políticos destas diferentes apropriações lexicais.

Mesmo entre os autores integralistas, o sentido das categorias elencadas não aparece de modo homogêneo. Basta comparar as obras de Plínio Salgado aos escritos de Gustavo Barroso e Miguel Reale (também membros da AIB), para compreender que as formulações teóricas, o

diagnóstico do tempo e as propostas de ação não eram idênticos. O caráter ambíguo e indefinido do movimento fica claro ao fazermos este tipo de comparação.

Os pensadores católicos do Centro D. Vital também faziam uso das ideias de “crise”, “revolução” e “integralidade”. Seja em Jackson Figueiredo (primeira liderança do laicato católico nos anos de 1920) ou Alceu Amoroso Lima (nos anos de 1930), havia uma avaliação da “crise” e a proposta de soluções dentro de um ideal cristão de sociedade.

Os afastamentos e proximidades dos conceitos de “crise”, “revolução” e “integralidade” na obra de Plínio Salgado com Alceu Amoroso Lima serão analisados em nosso trabalho. A finalidade de tal análise é verificar quais as semelhanças e diferenças entre os conceitos e analisar em que medida o pensamento integralista de Plínio Salgado se diferenciava do pensamento católico.

A pergunta norteadora será, portanto, a seguinte: Quais são as diferenças e proximidades entre as categorias “crise”, “revolução” e “integralidade” formuladas na década de 1930 nas obras de Plínio Salgado e Alceu Amoroso Lima?

Ao tentarmos responder tal pergunta, estaremos nos aprofundando na discussão acerca das clivagens e complexidades do pensamento conservador no Brasil em uma década tão repleta de acontecimentos, na qual a AIB acabou sendo movimento bastante eficaz na capacidade de mobilização popular.

O foco principal concentra-se na obra de Plínio Salgado. Isto posto, contextualizações da época, descrições bibliográficas de outros autores e de outros movimentos ocuparão papel secundário em nossa pesquisa. As obras analisadas de Alceu Amoroso Lima serão vistas sempre relacionando aos trabalhos do líder integralista.

1.1 METODOLOGIA

Não pretendemos entrar no debate sobre a originalidade das ideias ou as possíveis inovações teóricas apresentadas por Plínio Salgado, nem discutir

sua eventual filiação política ao fascismo. A apresentação do integralismo como um mimetismo do fascismo ou como uma ideia genuinamente nacional está presente na literatura sobre o tema e iremos descrever alguns aspectos dela no capítulo primeiro. Acreditamos que tais interpretações acerca das relações entre a AIB e os movimentos fascistas não responderiam adequadamente aos propósitos e ao escopo desta pesquisa.

A questão da eficácia das ideias e sua circulação em meios intelectuais é muito mais relevante, ao nosso ver, do que buscar originalidades ou influências¹. Obviamente as ideias circulam, os intelectuais as leem e, na época em que a AIB existiu, a indústria editorial brasileira já existia, ainda que de modo limitado. Não obstante, explicar a eficácia da AIB ou o porquê os autores mobilizavam determinados conceitos da forma como faziam em detrimento de outros, está muito mais relacionado à dinâmica interna dos grupos intelectuais e ao contexto social que a adaptações de obras estrangeiras ou a tentativa de propor algo novo. Charles Hale (1989, p. 19) no livro *Transformações do Liberalismo no México no fim do Século XIX*, escreveu “Deve-se superar a controvérsia estéril acerca do caráter imitativo ou original das ideias mexicanas, se elas eram periféricas à ‘realidade’ mexicana ou propriamente incorporadas e ‘mexicanizadas’”. Hale defendeu que é muito mais importante uma correta compreensão do mundo intelectual mexicano, que uma mera tentativa de reconhecer filiação em escolas de pensamento internacionais ou a originalidade dos autores.

Uma compreensão mais precisa do mundo intelectual brasileiro na mesma perspectiva é também importante. Termos comuns aos autores estudados, tais como “fascismo”, “autoridade”, “democracia”, aparecerão com alguma frequência em nosso texto, todavia o objetivo não é filiar os autores a escolas do fascismo ou autoritarismo. Procuraremos, como Hale, superar a noção de filiação internacional a escolas através de uma análise mais centrada nas dinâmicas internas e suas relações com o contexto social específico.

Sabemos, por exemplo, que a noção de “revolução” é muito cara ao

1 Nas página seguintes discutiremos sobre as críticas de Quentin Skinner ao conceito de influências.

fascismo, assim como a necessidade de superação da “sociedade liberal”, muitas vezes citada por Plínio Salgado. Ao não adotarmos tais palavras como categorias meramente importadas de teóricos estrangeiros, estamos dando maior complexidade às condições de circulação das ideias e buscando nuances que dizem respeito aos agentes e às circunstâncias em que elas são apropriadas e reelaboradas.

Karl Mannheim escreveu, em 1927, um ensaio intitulado *O pensamento conservador* (1981). Neste livro, buscou caracterizar uma forma de pensamento considerada por ele como algo específico surgido na modernidade após a revolução francesa, denominado pensamento conservador. Para o autor, o pensamento está ligado a circunstâncias sociais. Os denominados “estilos de pensamento” refletem as perspectivas de mudança ou reprodução do mundo vigente presente nos grupos sociais, mais especificamente nas classes sociais. Configurações sociais específicas surgidas na modernidade criaram novos grupos, além de terem mudado a situação de outros anteriormente existentes e fizeram com que eles necessitassem se posicionar a se legitimar frente aos novos dilemas sociais. Os estilos de pensamento se formaram e foram se desenvolvendo relacionando-se uns aos outros e aos problemas colocados pela modernidade.

Os estilos de pensamento englobariam aspectos políticos, filosóficos, econômicos e ideológicos e, além disso, buscariam posicionar-se e influir no mundo político. O autor identifica três principais estilos de pensamento na modernidade: conservador, liberal e socialista. O estilo liberal defenderia as posições da burguesia em ascensão, enquanto o socialista o proletariado. Já o conservador estaria vinculado às classes ainda pré-capitalistas que coexistiam com o mundo capitalista em ascensão.

Mannheim debruça-se sobre o conservadorismo alemão. Todavia considerou ser possível uma generalização a partir de caso alemão. Mannheim não descartou haver diferenças entre o que é produzido em outros países, mas o contexto sócio-econômico de desenvolvimento do conservadorismo é considerado sempre o mesmo e, por isso, características poderiam ser comuns, fazendo com que de forma geral houvessem muitas semelhanças.

O conservadorismo é, para Mannheim, diferente do tradicionalismo que constitui uma reação pouco sistemática a qualquer coisa nova, um comportamento presente em qualquer sociedade sujeita a mudanças. O conservadorismo possui uma origem histórica bastante específica, representa um grupo social concreto com uma atitude consciente visando objetivos reais. O conservadorismo, diferentemente do tradicionalismo é um estilo de pensamento, uma atitude teórica frente o mundo.

Após a revolução francesa e o crescimento do poder político liberal na Europa no século XVIII e XIX, grupos sociais ligados à ordem pré-capitalista passaram a desenvolver uma forma de pensamento para se contrapor filosoficamente a ordem burguesa. O objetivo do pensamento conservador é questionar o liberalismo a partir dos temas colocados por ele mesmo (“liberdade”, “igualdade” e “democracia” entre outros). Houve, portanto, uma tentativa de criar uma doutrina coerente, com bases filosóficas sólidas. Não se tratava de uma simples negativa do novo, mas a tentativa sistemática de propor uma forma de pensamento que se opusesse ao novo e que também projetasse um futuro, ainda que baseada numa representação do passado.

As bases sociais do conservadorismo eram classes cujo modo de vida estava vinculado ao modo de produção pré-capitalista. Estão intrinsecamente relacionados à contra-revolução. As críticas dos conservadores ao pensamento liberal tinham um caráter regressista, pois possuíam como objetivo não o futuro, mas o retorno a uma forma de organização social situada no passado - o modelo era o feudalismo.

O central no pensamento de tipo conservador é a tentativa de refutar as noções do direito natural. Categorias caras ao direito natural, como “estado de natureza”, “contrato social”, “soberania popular”, dentre outros, são vistos como abstrações intelectuais criadas pelos pensadores que influíram na revolução francesa. Para os conservadores, estes termos são inadequados, sendo que as categorias “Estado”, a “nação”, a “vida” ou a “história” são mais corretos para explicar a sociedade (neste caso, especificamente do conservadorismo alemão).

Para o pensamento conservador, há impossibilidade de alcançar um

conhecimento a partir de generalizações, sendo que somente o real (que assume a forma de situações singularizadas) pode ser alcançado. A individualidade histórica é a unidade analítica dos conservadores que recusavam a existência de categorias e de uma ciência universal. Segundo o pensamento conservador, o “cidadão”, a “liberdade” e a “democracia” não existem senão na ilusão retórica dos liberais. A sociedade é vista como um organismo, onde grupos eram qualitativamente distintos e hierarquizados em suas funções e posições. O “estado” ou a “nação” deveriam ser pensados como uma totalidade em que esses grupos são organizados como um organismo, não uma mera soma de indivíduos.

O conceito de pensamento conservador nos parece bastante interessante como ponto de partida de análise do pensamento de Plínio Salgado. As críticas ao “liberalismo”, a “democracia” e ao “sufrágio universal” são comuns em toda a produção do autor. O caráter regressista também está presente, embora tenhamos que tomar cuidado ao classificá-lo como regressista. O regressismo nos textos de Plínio Salgado constitui uma valorização de um passado não-liberal (no sentido política e econômico), ou seja, do período colonial, além de uma crítica ferrenha ao processo de industrialização. A valorização, entretanto, não significa uma tentativa de retorno ao período colonial. No capítulo segundo trataremos deste assunto mais profundamente.

O conservadorismo foi um fenômeno importante no pensamento social europeu e também fincou suas raízes em solo brasileiro. A noção de artificialidade das instituições e a crítica à pretensa universalidade dos valores liberais também eram comuns em nosso país nos anos de 1920 e 1930 (FAORO, 2001). Diversos pensadores brasileiros faziam críticas a República Velha por um viés conservador. Alberto Torres, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, os pensadores do Centro do D. Vital entre outros intelectuais, questionavam a artificialidade das instituições brasileira e a falácia do liberalismo. Havia um grande ceticismo em relação a tudo aquilo que fosse identificado como pensamento liberal nos anos que antecederam e sucederam a revolução de 1930, ainda segundo Faoro.

O repertório de ideias que os autores da AIB, mais especificamente Plínio Salgado, trabalhavam, do mesmo modo como os conceitos e valores defendidos por eles, não era algo novo dentro do pensamento social brasileiro. Como demonstraremos no decorrer desta dissertação, Plínio Salgado possuía forte relação com outros autores de matriz conservadora brasileiros.

Em artigo intitulado *As linhagens do pensamento político brasileiro* Brandão (2005) lançou importantes questões sobre o pensamento social brasileiro. O autor considerou pouco profícuo o abandono do estudo daquilo que se considerava como pré-sociológico, pelo escopo de problemas e soluções colocados pelos autores anteriores ao processo de institucionalização da sociologia e das ciências sociais no Brasil². A principal crítica é a separação estanque entre aquilo que havia sido produzido fora da academia e dentro dela, uma falsa divisão para Brandão. A ruptura entre o sociológico e o pensamento social, para Brandão, não deveria ocorrer ao se analisar os pensadores brasileiros, pois a problemática de pesquisa era, em diversos aspectos, bastante parecida. Seguindo essa linha de raciocínio, Brandão reconhece similitudes entre diversos pensadores brasileiros, podendo assim traçar linhagens. Essas linhagens não significam grupos estanques ou escolas nos moldes filosóficos, mas mesmos moldes intelectuais adotados para responder questões teóricas e práticas colocadas.

Nesse sentido, segundo Brandão, o “idealismo orgânico” seria uma forma de pensamento que teria suas raízes em Visconde do Uruguay, passaria por Oliveira Viana e se perpetuaria, até os dias em que o autor escreveu o artigo, em diversas pesquisas sobre o legislativo, esta forma de pensamento seria próxima ao pensamento conservador de Mannheim. A principal característica do “idealismo orgânico” seria uma forte crítica ao artificialismo das instituições representativas em prol da construção de uma forma de governo mais adequada às características da sociedade brasileira, no caso, um executivo forte e centralizador. Em certa medida, o “idealismo orgânico” era

2 Brandão aqui dialoga com Sérgio Miceli (1989), para quem a institucionalização da sociologia é central no estudo da mesma, deixando ao pensamento social fora da Universidade um papel secundário.

uma resposta ao “idealismo constitucional” representado por setores mais alinhado à defesa das liberdades provinciais e do federalismo, tanto durante o Segundo Reinado como durante a República.

A AIB estaria muito próxima desta linhagem conhecida como “idealismo orgânico”, pois a crítica ao “artificialismo” das instituições era central na produção teórica de suas lideranças. Junta-se a isto o fato dos pensadores elogiados pelos autores da AIB, como Alberto Torres, Farias Brito e Oliveira Vianna, serem identificados com essa matriz do pensamento social.

Brandão não trabalhou com a ideia de uma progressão de pensamento dentro de uma escola (tal como a filosofia clássica adotava) em contraposição a noção da determinação social das ideias. Para o autor, havia uma conexão entre o geral (o contexto) e o particular (a dinâmica dos grupos intelectuais) que deveria ser captada no estudo dos intelectuais. O ponto central nesta articulação estava na capacidade dos intelectuais materializarem e difundirem sua visão de mundo.

Nessas condições, não há como fugir do suposto segundo o qual as obras mais significativas, os textos fundamentais, as criações teóricas mais típicas são mais capazes – porque mais coerentes, mais amplas, mais profundas e mais autônomas – de revelar a natureza de uma época e a consistência de uma concepção política, de permitir aos homens a tomada de consciência do que fazem e de extrair todas as implicações de sua própria situação. (p. 243)

As obras de grande circulação são importantes, pois dão coerência a ideias que já existem em determinado contexto. Nossa análise pretendemos, com efeito, contribuir para descrever um tipo de pensamento de matriz conservadora elaborado na sociedade brasileira da época. Assim, é possível dizer que o “social” ou o “contexto”, está inserido no “texto” na medida em que incorpora e dá significado distinto às ideias e ao vocabulário existente. Por outro lado, o “texto”, isto é, o conjunto de documentos escritos pelos integrantes da AIB, constrói uma determinada realidade, no caso, o “integralismo” e suas formas de atuação enquanto movimento político organizado.

As preocupações metodológicas de Brandão são bastante inspiradas

nos trabalhos de Quentin Skinner, autor que escreveu a partir dos anos 1960 uma série de textos com severas críticas à maneira como a filosofia política analisava contribuições de grandes autores do passado. Com outros pesquisadores da Universidade de Cambridge, entre eles DUNN (1968) e POCOOCK (1962) propôs uma metodologia de análise do pensamento que ficou conhecida como contextualismo linguístico.

Em texto de 1966, intitulado *Os limites da explicação Histórica*³ e de 1969, *Significado e Compreensão na História das Ideias*⁴, o autor lançou as bases de sua crítica e do tipo de análise que estava propondo. A ideia de influência era vista por Skinner com algo bastante equivocado, pois silenciando atenção exclusiva às possíveis influências - a indagação acerca dos motivos pelos quais determinado autor escreveu um texto. Nesse encaminhamento, não havia condições históricas de provar que um texto de filosofia política havia sido escrito por influência, a não ser pelo levantamento de dados e estabelecimento de hipóteses feitas *a posteriori* de forma arbitrária pelo pesquisador. A noção de que textos dialogavam com textos anteriores e que a filosofia política seria um constante diálogo de textos independentes do contexto e sendo influenciados entre si, dizia pouco sobre o real significado histórico destes textos. Junto a noção de influência estaria a imprecisa ideia de que textos filosóficos possuem uma coerência interna e uma doutrina congruente. Skinner destaca quatro “mitologias” nestas análises textualistas, que são as seguintes: a) “mitologia da doutrina” – poderiam ser enquadrados como algo coerente entre si todos os enunciados feitos por autores clássicos, mesmo que escritos em momentos distintos e aparentemente contraditórios entre si. b) “mitologia da coerência” – a ideia que os autores possuíam um sistema fechado, na verdade isto seria uma construção teórica do próprio pesquisador. c) “mitologia da prolepse” – os conceitos e enunciados feitos por um autor clássico são vistos com os mesmos significados que aqueles entendidos pelo pesquisador. d) “mitologia do paroquialismo” – as grandes diferenças culturais do mundo do pesquisado com o do pesquisador são

3 No original *The Limits of Historical Explanation*, a tradução é nossa.

4 No original *Meaning and Understanding in the History of Ideas*, a tradução é nossa.

ignoradas, apresentado uma similaridade entre mundos distintos inexistentes na realidade⁵. As mitologias estariam bastante enraizadas nas análises textualistas, preocupadas com o conteúdo que determinado autor supostamente dava a sua “doutrina”. Relacionam-se a uma ilusória história das ideias como expressões autônomas e universalmente válidas. Na citação abaixo, originalmente publicada em artigo de 1974, Skinner resume os principais problemas da análise textual clássica da filosofia política.

O principal perigo, porém, é que, se nos concentrarmos meramente na linguagem de um dado escritor, corremos o risco de assimilá-lo a uma tradição intelectual completamente estranha, e, logo, de não compreendermos o objetivo geral de sua obra política (SKINNER, 1974, p.282)

A análise de ideias fora de contexto, avaliadas tão somente da perspectiva do pesquisador é o centro da crítica feita por Skinner. Uma filosofia política produzida nessas bases, seria, segundo Skinner, anacrônica e pouco têm a dizer sobre os filósofos e pensadores estudados.

O contextualismo linguístico propunha um historicismo radical, uma análise que visasse pensar o autor dentro do contexto em que as ideias foram feitas e no diálogo com seus contemporâneos. Seria impossível ler um autor com base naquilo que foi produzido depois dele, pois a intenção de determinado autor está relacionado ao diálogo com seus contemporâneos. Para Skinner, nenhum autor escreve para o futuro, mesmo que diga que o faça, qualquer pensador escreve para e com base no contexto em que está inserido.

A ênfase no contexto não significava, para Skinner, a adoção daquilo que ele denominava contextualismo sociológico. Não existe a negativa que o contexto social faz parte da explicação da obra de um determinado autor, todavia esta não é sua razão última, não há umnexo causal entre contexto social e a obra de um autor. O contexto sociológico não é insuficiente como explicação. Skinner objetivava uma análise que fosse além do determinismo

5 No original *mythology of doctrine, mythology of coherence, mythology of prolepsis and mythology of parochialism*. As traduções são nossas.

sociológico, com ênfase na produção do texto.

Ao se afastar do determinismo sociológico Skinner se aproxima da filosofia da linguagem. Primeiramente, a noção de Wittgenstein de que as palavras também seriam atos, não apenas materialização de algo pré-existente. E em segundo lugar e, principalmente, a filosofia de J. L. Austin, que fortemente contribuiu para a maneira como o autor passou a analisar seus objetos de estudo. Para Austin os enunciados linguísticos não deveriam ser estudados apenas a partir daquilo que representavam enquanto descrição, mas também pela sua força “ilocucionária”⁶. Esta dimensão (a ilocucionária) estaria relacionada àquilo que o autor estava fazendo ao dizer algo, às suas intenções ao dizer determinada fala dentro de um contexto linguístico. Intenções não no sentido de haver uma penetração na mente do autor, mas de captar que aquilo que determinado autor escreve, o ato de fala, pressupõe um diálogo, uma rede de significados que não está implícita e não pode ser captada em uma análise gramatical ou de recepção de um texto. Tal dimensão é bastante importante para Skinner e fundamental em suas análises posteriores, pois não pode ser captada em uma análise textual tradicional, nem em uma análise sociológica. Somente numa reconstituição do contexto linguístico é possível compreender as reais intenções e conseqüentemente os significados históricos de um enunciado.⁷ Em nosso trabalho as discussões metodológicas de Skinner são bastante importantes. Não pretendemos fazer uma análise textualista, como diria Skinner, mas buscaremos compreender as intenções de Plínio Salgado dentro do contexto linguístico em que estava inserido. Por que Plínio Salgado mobilizava os conceitos de “Integralidade”, “Crise” e “Revolução”? De que forma se realizava o diálogo com Alceu Amoroso Lima que também se utilizavam destes conceitos?

6 No original *illocutionary*. A tradução é nossa.

7 Em ensaio de 1988 intitulado *A reply to my critics* (Uma resposta aos meus críticos) Skinner debate as críticas feitas às impossibilidades de se alcançar as reais intenções de um autor. Ele diz que a intenção que o pesquisador deve captar é a *publicly legible* (publicamente legível) aquela que é compreensível pelos seus contemporâneos justamente por partilharem algo fora da escrita. Nosso objetivo não é fazer uma apologia da obra de Skinner, nem nos aprofundarmos nesta discussão, apenas consideramos que a ideia de ato ilocucionário bastante relevante em nossa pesquisa.

Faremos uma descrição inicial dos conceitos chave: “Integralidade”, “Crise” e “Revolução” na obra de Plínio Salgado. Procuraremos encontrar quais as concepções destes conceitos, qual o diagnóstico da crise que segundo sua visão assolava o país. Qual seria a “revolução” necessária à superação da “crise”? Qual sua relação com a composição do “homem integral” e o que seria este “homem integral”? Analisaremos também nos textos de Alceu Amoroso Lima, qual o diagnóstico que o líder católico tinha da “crise”, qual sua concepção do “homem integral” e qual seu prognóstico revolucionário para a “crise”?

A leitura dos textos de Alceu Amoroso Lima será feita no intuito de alinhar alguns traços do contexto linguístico no qual operava Plínio Salgado. Poderemos entender um pouco mais em que termos se utilizava os conceitos, quais os significados implícitos e o porque da operação deste palavras.

Evitaremos, com isso, uma leitura anacrônica da obra de Plínio Salgado. Sabemos no entanto que a metodologia de Quentin Skinner, se levada as ultimas consequências, exigiria de nós um trabalho muito mais extenso e a análise de muitos mais autores que nos propomos a fazer aqui. Sabemos que a pesquisa acadêmica se faz primordialmente através de grupos de pesquisa e demandam tempo muito superior ao existente para se escrever uma dissertação. Isto posto, dada as limitações inerente a um mestrado, consideramos que nossa pesquisa levanta questões relevantes e metodologicamente corretas, embora seja importante um maior aprofundamento posterior para fazermos jus ao contextualismo linguístico.

O último autor que descreveremos de forma mais sistemática em nossa metodologia é Charles Tilly. Suas discussões sobre movimentos sociais nos ajudarão a caracterizar o que foi a AIB. As abordagens que a pensam somente como um movimento intelectual ou como um simples partido político simplificam o que foi o movimento, ao nosso ver. A definição de Tilly nos ajuda a enfatizar um aspecto negligenciado: o caráter mobilizador e voltado para ação da AIB.

Para Tilly (2004) os movimentos sociais são formas específicas de ação política surgidas na Inglaterra e nos Estados Unidos no século XIX,

caracterizadas pela existência de reivindicações coletivas voltadas para uma autoridade (o Estado). Também apresentam como característica a perenidade, por possuírem ações públicas e comprometimento por parte de seus militantes.

Um esforço público sustentado de elaboração de reivindicações coletivas direcionadas a determinadas autoridades (esforço que pode ser chamado de campanha). O emprego de combinações dentre as seguintes formas de ação política: criação de associações e coalizões para finalidades específicas, reuniões públicas, desfiles solenes, vigílias, comícios, demonstrações, iniciativas reivindicatórias, declarações para e nos meios de comunicação de massa, e panfletagem (esse conjunto variável de atividades pode ser chamado de repertório dos movimentos sociais) (p.37)

Até a revolução de 1930 os partidos políticos no Brasil eram regionais e a participação política institucional era algo limitado às elites econômicas. Neste sentido, a AIB apresentava-se como algo bastante inovador, tendo como ponto central a necessidade da participação política, seja através de atos públicos frequentes, nos diversos municípios em que existia, ou de inúmeras reuniões, além do voto. A necessidade de mobilização fez com que a produção textual dos intelectuais do movimento não fosse apenas voltada para seus pares, ou seja, para outros intelectuais, mas também destinada a população não intelectualizada, membro de estratos sociais inferiores.

Ao tratarmos a AIB como um movimento social temos em mente que o recrutamento de determinados termos como “integralidade”, “crise” e “revolução” foram feitos com um claro objetivo de mobilizar pessoas para propor uma transformação política profunda e, num momento mais agudo do movimento, a transformação do próprio Estado.

Tilly ressalta que os movimentos sociais de direita são menos comuns no decorrer da história e tendem a não atuar mais como movimento na medida em tomam o poder. Movimentos políticos autoritários tendem a ser bastante repressores com mobilizações populares, por esta razão, há pouca afinidade entre os mesmos e os movimentos sociais. Todavia, mesmo sendo pouco comuns, não são inexistentes. A AIB, sem dúvida poderia ser considerada um movimento social segundo as definições do autor. A proposta de mobilização da AIB era pensada sempre sob a tutela do líder ou das lideranças do

movimento, ou seja, de forma centralizada e partindo dos líderes a iniciativa e tomada de decisões.

A produção de Plínio Salgado durante a AIB foi bastante extensa. Publicou diversos livros e inúmeros artigos para periódicos do movimento. Alguns dos livros possuíam conteúdo inédito e outros eram coletâneas de textos lançados em períodos anteriores a 1932. Há também uma série de textos publicados nos periódicos da AIB que não foram assinados por qualquer autor, sendo que provavelmente um número considerável foi escrito pelo próprio Plínio Salgado.

Como objeto de análise em nossa dissertação escolhemos textos que melhor enunciam os conceitos estudados, ou seja, aqueles em que “crise”, “revolução” e “integralidade” aparecem de forma mais bem elaborados. Outro aspecto que procuramos considerar ao escolher os textos estudados foi a evolução cronológica dos conceitos. Desta forma, foram analisados textos do início do movimento e próximos ao fim dele.

O *Manifesto de Outubro de 1932* (1932) e *Diretrizes integralistas* (SALGADO, 1933a) são os textos fundadores do movimento, ambos escritos ainda em 1933 na forma de tópicos, relatam os pontos centrais da doutrina integralista. São fundamentais pois são a primeira sistematização das ideias do movimento e apresentam aspectos gerais da doutrina. O *Manifesto* foi escrito em maio de 1932 por Plínio Salgado e lido em reunião da Sociedade de Estudos Político SEP⁸ em junho do mesmo ano com a finalidade de ser aprovado pelos membros da SEP. A ideia inicial era o lançamento do manifesto já em julho daquele ano, todavia com a revolução constitucionalista de 1932, Plínio Salgado resolveu atrasar o lançamento. Em outubro de 1932 foi lançado

8 A Sociedade de Estudos Políticos foi fundada em fevereiro de 1932 por Plínio Salgado no salão nobre do jornal A Razão (pelo qual publicava nos primeiros anos dos anos de 1930). A finalidade da SEP era estudar a realidade brasileira e propor mudanças sociais.

o manifesto (por isso o título), a impressão foi paga pelos próprios militantes e distribuída para intelectuais próximos ao líder da AIB (TRINDADE, 1979). O manifesto conta com 17 páginas e nele são abordados 10 tópicos. *As diretrizes foram* escritas em 1933 com a finalidade de serem amplamente distribuídas entre militantes e simpatizantes do movimento, são feitas baseadas no *Manifesto* inicial e possuem 10 páginas. *O que é Integralismo* (1933b) e *a Psicologia da Revolução* (1935a), publicações de 1933, são textos que possuíam o mesmo objetivo, explicar aos militantes do movimento (atuais e futuros) de forma mais aprofundada o que era a AIB, além de diagnosticar as origens da crise, nacional e mundial, bem como propor quais seriam os passos seguintes a serem adotados para a “salvação” da nação. Estes livros são fundamentais pois apresentam de forma sistematizada a concepção de filosofia da história contida no pensamento social de Plínio Salgado. Tratam-se de obras mais extensas e possuem uma explicação mais aprofundada das concepções do líder integralistas. Não foram publicadas pelo próprio movimento, mas por editoras que não possuíam vinculação direta à AIB. *O que é Integralismo* possui 133 páginas e segundo o prefácio da primeira edição, era voltado para a população brasileira menos instruída. *Psicologia da Revolução* é mais extenso, possui 210 páginas e segundo o líder integralista tinha como público alvo as elites intelectuais.

Durante a existência da AIB, Plínio Salgado publicou uma série de livros, a maioria coletâneas de textos publicado anteriormente a existência da AIB e alguns ensaios escritos em periódicos do movimento. Neste sentido, tanto *O que é Integralismo* quanto *A Psicologia da Revolução* são centrais em nossa análise, pois expressam de forma mais sistematizada as ideias do líder integralista. Também é bastante importante o fato de terem sido escritas no período de existência do movimento, tendo uma intencionalidade política muito clara. *A Psicologia da Revolução* teve 3 edições até 1937 e *O que é o Integralismo* 2 edições em 1933.

Por fim, analisaremos dois artigos, *Carta de Natal de fim de Ano* (1935b) e *Preliminares do Manifesto Programa da AIB* (1936) e o discurso feito

no Rio de Janeiro em 1937 intitulado *Salvemos a Democracia* (1955). *Carta de Natal* foi publicada no final de ano de 1935 no jornal oficial da AIB denominado *A Ofensiva*, a carta é curta, tem 11 páginas, foi destinada aos militantes integralistas e possui um claro caráter de resposta às críticas destinadas à AIB. *Preliminares* foi texto escrito por Plínio Salgado em janeiro de 1936 como forma de preparar o programa eleitoral visando as eleições presidenciais, não foi publicado, mas lido pelo próprio Plínio a lideranças integralistas, é um texto de 4 páginas. *Salvemos a Democracia* foi lido por Plínio Salgado em 23 de Abril de 1937 no Rio de Janeiro, possui 20 páginas e coloca as posições do líder integralista frente a instabilidade política existente naquele época.

Como forma de captar um pouco do contexto linguístico em que estava inserido Plínio Salgado em 1930 analisaremos os textos de Alceu Amoroso Lima *Preparação à Sociologia* (1931) e *Pela Ação Católica* (1935b). Estes textos foram escritos na mesma época em que Plínio Salgado publicava seus escritos integralistas e operam com categorias semelhantes àqueles usados pelo autor integralista. Cabe aqui ressaltar que as produções do Centro D. Vital também possuíam a finalidade de interferir na realidade, visavam influenciar grupos de fora da Igreja Católica.

Em *Preparação à Sociologia*, livro de 156 páginas publicado em 1931, Alceu Amoroso Lima procura apresentar sua concepção de “sociologia cristã” em oposição à “sociologia naturalista”. O autor faz então uma crítica ao modelo de ciência adotado pela “sociologia naturalista” que estaria ligada à crise existente e propõe uma sociologia normativa, que visasse restaurar a “integralidade”. Concentraremos nossas análises neste livro.

Pela Ação Católica, publicação de 216 páginas de 1935, trata-se de uma coletânea de artigos escritos pelo líder católico na década de 1930. Nele são apresentados textos que demonstravam a posição do autor sobre questões políticas e sobre a maneira como os católicos deveriam se comportar, seja relativamente à política ou outros assuntos.

A dissertação se divide em 3 capítulos. No primeiro, faremos uma revisão de literatura com enfoque na maneira como tem sido tratado os conceitos por nós escolhidos para análise. No capítulo segundo buscaremos descrever de forma mais aprofundada os conceitos elencados, explicar mais profundamente a compreensão destes para Plínio Salgado, assim como tentaremos captar de que forma estes se colocavam como respostas a dilemas e dentro do intrincado mundo político e intelectual dos anos de 1930. No terceiro e último capítulo faremos análise dos conceitos tal como apresentados por Alceu Amoroso Lima, buscando-os sempre relacioná-los à forma como Plínio Salgado os enxergava.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A AIB surgiu como movimento social em outubro de 1932, com o lançamento do documento denominado “Manifesto de Outubro” ou “Carta Programa” e perdurou até dezembro de 1937, quando Getúlio Vargas declarou a organização ilegal. Em março de 1938 houve uma tentativa de golpe por parte de diversos militantes integralistas em vários estados da Brasil. Todavia tal tentativa foi frustrada e Plínio Salgado não participou de sua organização (TRINDADE, 1979).

Um número elevado de militantes filiou-se formalmente à AIB. Dados do movimento indicam mais de um milhão, enquanto pesquisadores apontam ao menos 400 mil pessoas (TRINDADE, 1979). O movimento possuía grande capilaridade no território brasileiro. Em sua pesquisa, Héglio Trindade identificou núcleos integralistas em 121 municípios distribuídos em 12 unidades da federação, podendo haver outros municípios não identificados pelo autor (segundo ele mesmo). Tal capilaridade e grande adesão justifica a nomenclatura da AIB como um movimento de massas (CAVALARI, 1999).

Plínio Salgado era a principal liderança do movimento, denominado “chefe nacional”. No Estatuto da AIB (TRINDADE, 1979) aprovado em 1935, Plínio Salgado é denominado como “Chefe Supremo” e a sede do partido era onde se encontrasse o “chefe”. Os princípios hierárquicos que balizavam o movimento, bem como a ênfase na autoridade, faziam com que a figura do líder e aquilo que dizia e escrevia fossem de extrema importância no funcionamento e nas decisões tomadas.

Antes de sua participação na AIB, o líder integralista foi participante na semana de arte moderna de 1922 e escritor de grande sucesso de público e crítica⁹, colaborou com o movimento estético Verde-Amarelo, junto a Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Cândido Mota Filho. Em maio de 1939, Plínio Salgado partiu em exílio para Portugal, de onde só retornou ao Brasil em 1945,

9 Héglio Trindade (1979) aponta que os livros literários de Plínio Salgado alcançaram vendas expressivas, sendo reeditados várias vezes. A crítica via muito positivamente as obras do futuro líder integralista na década de 1920.

organizando então o Partido da Representação Popular (PRP). Concorreu à presidência nas eleições de 1955, na qual recebeu cerca de 8% dos votos. Foi eleito deputado federal em duas legislaturas após o golpe de 1964. Plínio Salgado era considerado um intelectual importante no cenário nacional dos anos de 1930, sendo que Getúlio Vargas o convidou para ministro da educação pouco antes da instauração do Estado Novo (TRINDADE, 1979). Entretanto, Getúlio Vargas declinou de sua proposta e deu o mesmo tratamento à AIB que havia dado a outros partidos políticos, ou seja, a declarou ilegal, após o advento do Estado Novo. Tal fato culminou com o exílio forçado de Plínio Salgado em Portugal no ano de 1939, após diversos levantes integralistas que ocorreram em 1938 e 1939. Após o exílio com o fim do Estado Novo, ainda possuía relativa importância no cenário político nacional.

Mesmo com toda a repercussão política e intelectual da obra de Plínio Salgado na sociedade brasileira, há uma lacuna de quase 40 anos entre o fim da existência do movimento e uma preocupação mais sistematizada da universidade em estudá-lo. Segundo Serrato (2007), os motivos deste desinteresse se relacionam ao fato de que o movimento fora visto como fascismo em um período de redemocratização (fim do governo Vargas). E também pelo prevalecimento do discurso dos vencedores da derrotada AIB.

Florestan Fernandes, ao prefaciar o livro de Gilberto Vasconcellos (1977) com resultados de pesquisa sobre a AIB, diz considerar que estudos sobre o movimento seriam desnecessários, pois este saiu derrotado, sendo uma força social que não logrou êxito. O caráter fascista do movimento, dado como certo, e a existência de diversos movimentos fascistas no Brasil e ao redor do mundo nos anos de 1930, favoreciam o pensamento que não havia nada a ser analisado, tratando-se de algo datado e de fácil explicação.

A partir dos anos 1970 surgem estudos mais sistematizados sobre a AIB, procurando, a princípio, analisar o caráter mais geral do movimento e principalmente o pensamento de Plínio Salgado. Com o decorrer do tempo, o interesse se amplia e demais aspectos do movimento são analisados. Hoje, há muitos estudos que analisam vários aspectos da AIB.

Os primeiros trabalhos sobre a AIB nos anos de 1970 tinham como

foco uma caracterização mais geral do que teria sido este fenômeno político e buscavam reconhecer suas principais orientações teóricas a partir da obra de Plínio Salgado. Assim, a descrição da produção ideológica do movimento se dava pela perspectiva colocada por Plínio Salgado.

A primeira obra que tentou descrever o movimento minuciosamente é a de Héglio Trindade intitulada: *integralismo: O Fascismo brasileiro na década de 1930*, resultante de tese de doutoramento defendida em 1972. Como o próprio subtítulo diz, o autor analisa o movimento como sendo uma espécie de fascismo brasileiro. Trindade procurou descrever sua natureza e o “itinerário ideológico do chefe”. Para isso, analisa a “produção ideológica” de Plínio Salgado e sua formação intelectual. Também procura traçar um perfil dos militantes e para tal objetivo, aplica questionários com os militantes vivos a época com a finalidade de captar seus valores políticos e os motivos de adesão ao movimento.

A pesquisa resulta em um livro extenso (a segunda edição de 1979 possui 380 páginas) com dados muito significativos sobre o movimento, além do ponto de vista dos militantes ainda vivos. A descrição da formação ideológica e da trajetória de Plínio Salgado ocupou pouco menos de 50 páginas. No restante do livro, o autor faz breve descrição conjuntural e na maior parte de sua obra debruçou-se sobre a estrutura organizacional do movimento e o perfil dos militantes.

Ao explicar os motivos de adesão de Plínio Salgado ao fascismo, Trindade apontou uma série de razões que estariam como plano de fundo desta filiação ideológica. Inicialmente fez um panorama do início do século XX e apontou diversos acontecimentos importantes que certamente influenciaram o pensamento de Salgado: o enfraquecimento da República Velha, a semana de arte moderna de 1922, o crescimento do nacionalismo e a “tomada de atitude ofensiva”¹⁰ por parte de intelectuais ligados à Igreja Católica. Junto a isto havia um contexto em que o pensamento de caráter autoritário se

10 Como tomada de atitude ofensiva o autor considera as tentativas da Igreja Católica aumentar sua influência sobre o Estado e a sociedade. O autor refere-se ao Centro D. Vital principalmente.

disseminava no Brasil e diversos pensadores reproduziram e produziram ideias com características autoritárias e conservadoras. Todavia, apesar de todo contexto conservador nacional e a existência daquilo que podemos chamar de uma geração conservadora nos anos de 1920 e 1930, Trindade aponta que a principal razão do surgimento da AIB foi a influência do fascismo, do qual Plínio Salgado tomou maior contato após sua visita a Europa em 1930. O fascismo era de amplo conhecimento de diversos setores, intelectuais ou não, dentro da sociedade brasileira e Plínio Salgado, com o integralismo, acabou por tornar-se um porta-voz dele. A influência da expansão das ideias fascistas europeias faz da década de 30 no Brasil um período de ascensão de ideias radicais de direita. Este fato se constata pela presença nas livrarias de uma abundante literatura sobre o fascismo italiano e o novo Estado português. A publicação, neste período, de uma série de livros analisando a situação política brasileira numa perspectiva antiliberal, bem como o aparecimento de várias revistas e movimentos ideológicos de orientação fascista, monarquista ou corporativista, comprovam a receptividade das ideias autoritárias na década de 1930. (TRINDADE, 1979, p.97)

A forma de organização da AIB, sua estrutura hierárquica, a simbologia e a importância dada às imagens e à propaganda remetiam claramente aos regimes fascistas. Para Trindade, não restava dúvidas que toda a maneira de se organizar e parte da visão de mundo promovida pela AIB são consequências da influência fascista. Certamente uma análise aprofundada dos aspectos visuais e de propaganda da AIB a aproximam do fascismo.

A análise dos textos integralistas de Salgado, apesar de ocupar uma parte da análise do autor, é concisa. Trindade preocupou-se mais com os textos pré-integralistas, que com a produção propriamente integralistas.

A preocupação na pesquisa de Hégio Trindade se concentrou também nas características externas, ou seja, as vestimentas, símbolos, culto ao chefe, além da estrutura organizacional do movimento. Procura, com isso, demonstrar a semelhança com os movimentos nacionalistas europeus da época.

No entanto, entendemos que o uso de imagens representativas do

movimento¹¹ e as ideias mobilizadoras propostas por Salgado e que se operaram na existência da AIB, não eram exclusivas do fascismo. Charles Tilly caracteriza os movimentos sociais justamente pelo uso de símbolos, pelas campanhas e ações coletivas, dentre outros. Trindade, com efeito, aponta diversas características da AIB que a aproximam da definição proposta por Charles Tilly: marchas públicas, o uso de símbolos que identificavam um propósito coletivo são bastante enfatizadas por Trindade e são muito caras aos escritos de Tilly sobre o tema. Nos afastamos um pouco de Héglio Trindade pelo enfoque diferente, escolhemos não fazer uma análise iconoclástica e optamos para uma mais aprofundada análise da produção discursiva. Se as imagens e atos públicos tem importância para caracterizar o movimento, consideramos que os textos, as ideias que geram essas imagens também. Isto posto, para que possamos pensar no caráter de movimento social que demos a AIB, temos que passar pela precisa definição e pelo significado mais próximo do compartilhado pelos agentes envolvidos na AIB da obra de Plínio Salgado enquanto líder integralista.

Outro ponto que nosso trabalho vai em sentido diferente ao de Héglio Trindade é a respeito da maneira como ele encara a produção teórica de Plínio Salgado. Ele considera o pensamento do líder integralista como uma mera cópia dos nacionalismos autoritários europeus, ou no máximo, uma adaptação do fascismo à realidade brasileira. Nosso trabalho procura superar essa ideia mimética, em prol de uma melhor compreensão do contexto em que o pensamento do líder integralista foi produzido.

José Chasin publicou em 1978 o livro *O Integralismo de Plínio Salgado, forma de regressividade do capitalismo hipertardio* em que tenta refutar a tese de Trindade do mimetismo fascista da AIB. Para Chasin o Integralismo deveria ser pensado a partir da especificidade do capitalismo brasileiro. O trabalho de Trindade teria uma visão eventualista da AIB, desvinculando-a da luta de classes. O problema de Trindade, segundo Chasin, seria realizar sua análise sem problematizar a situação socioeconômica da época, como o surgimento do

11 A AIB utilizava-se da letra grega sigma para representar o movimento. Héglio Trindade faz o paralelo entre o sigma e a suástica como representação visual do movimento.

proletariado, crescimento das classes média e da burguesia urbana, aumento da industrialização e conclui que “se as condições apontadas são reais, o mimetismo, na melhor das hipóteses, é complementar, senão prática e teoricamente supérfluo” (CHASIN, 1978, p. 40).

A justificativa de sua crítica é que somente a partir da interpretação do fascismo como um fenômeno apenas político é que a explanação mimética ganharia força. O fascismo, mais que um fenômeno político, tem suas raízes na luta de classes. Somente é possível pensar em um mimetismo quando se desvincula o fascismo da luta de classes e passa-se a pensá-lo como uma forma de Estado oposta ao liberalismo. Trindade cometeria o erro de pensar a política como algo autônomo, por isso apela para a explicação mimética.

A principal característica do pensamento de Plínio Salgado para Chasin era o irracionalismo, ou seja, ao contrário de tentar convencer o leitor por argumentos racionais, ele persuade a partir da “retórica”. Sobre o conceito de irracionalismo, o autor escreveu:

Entendido, pois, está o irracionalismo como a recusa, socialmente determinada, da racionalidade, que tem por quadro geral e fundamento a resistência e a rejeição ao socialmente novo, bem como a perspectiva de um movimento de regressão historicamente velho(CHASIN, 1978, p.611)

Segundo Chasin, outra característica importante da obra de Plínio Salgado, está no caráter regressivo de seu pensamento. Baseado em Lukács, Chasin afirma a impossibilidade da aceitação da razão pelo pensamento reacionário. Para o pensador húngaro, grupos sociais que almejem algo socialmente novo apoiam o seu pensamento na razão, pois há uma concordância entre sua forma de pensar e a realidade socioeconômica. Já grupos que pretendem uma regressividade econômica não podem apoiar seu pensamento na razão, pois a forma de organização social que pretendem não corresponde à maneira como o mundo está organizado. Como Plínio Salgado desejaria voltar a uma forma econômica pré-existente, um agrarismo próximo ao presente na época colonial, sendo portanto regressista, seu pensamento seria irracional.

O Integralismo seria então uma teoria regressiva, que se opunha ao modo de vida burguês-industrial que se iniciava no Brasil e buscava um modo de vida rural, baseado em pequenas propriedades. Estava relacionado à transformação de um país de capitalismo hipertardio agroexportador em uma forma urbano-industrial, numa tentativa de evitar a modernização econômica. A doutrina de Plínio Salgado seria, dentro desta perspectiva, uma forma de regressividade econômica.

O autor identifica a repulsa de Plínio Salgado àquilo que ele considerava como resultante do modo de vida burguês, que seria o cosmopolitismo urbano. Em contrapartida, Plínio Salgado acreditava haver uma força proveniente do verdadeiro Brasil, que seria rural, composto do interior, do “sertão”, longe das metrópoles. Neste sentido, há uma defesa de um país agrário, fundado em um tipo de sociedade diferente daquela representada pelas cidades.

Ao buscar a trajetória intelectual de Plínio Salgado a partir de suas publicações anteriores a AIB, José Chasin identifica que o agrarismo, o nacionalismo e o espiritualismo são temas constantes em seus textos desde seus escritos dos anos de 1920. Como forma de refutar a ideia de Hélgio Trindade de que houve uma guinada fascista, Chasin busca uma base espiritualista nos escritos de Salgado antes de sua viagem à Europa e sua possível conversão ao fascismo demonstrando poucas alterações da concepção de mundo e das propostas políticas apresentadas.

De forma mais acentuada nos textos anteriores a AIB, segundo Chasin, Salgado criticava a sociedade ocidental, em especial, sua racionalidade e propunha sua substituição por um conhecimento intuitivo ligado ao “mistério”, ou seja, uma interpretação mística da realidade.

Em Salgado estaria presente “conservantismo, tradicionalismo, crítica de talhe romântico, teor reacionário (no sentido lato) evidente” (CHASIN, 1978, p. 73). Por isso, Chasin considerou que as bases do integralismo de Plínio Salgado anteriores ao fascismo, de natureza religiosa. Todas as críticas de Plínio Salgado, assim como suas concepções de como a sociedade deveria existir eram similares a visão de mundo proposta pelo conservadorismo

católico.

A noção de corporação, ainda segundo Chasin, também era distinta do fascismo em comparação a Plínio Salgado. Segundo Chasin, para o líder integralista, havia uma ideia de verdade que seria transcendental, que moldaria as corporações. Entretanto, ainda segundo Chasin, para o fascismo a união de ideias defendidas pelas corporações é que forneceria a verdade, não havendo uma verdade transcendental, para além daquela fornecida pelas corporações.

Ao trazer a análise para o campo da produção ideológica de Plínio Salgado, José Chasin enfatiza muito o caráter espiritualista dos escritos do líder integralista e a proximidade com a doutrina católica. Hélgio Trindade reconhece haver uma influência do catolicismo nos textos de Salgado, todavia não aprofunda a análise em prol de uma adoção da ideia de mimetismo fascista. Ao nosso ver, ao enfatizar o espiritualismo e o agrarismo nos escritos de Salgado, a descrição de José Chasin nos parece mais apropriada e próxima da leitura dos textos na forma como nós fazemos. No entanto, discordamos do autor em alguns pontos.

A guinada revolucionária nos anos de 1930 foi vista por José Chasin como algo que não aconteceu. Para Chasin, a proposta política de Salgado, por ser regressista, não tinha qualquer caráter revolucionário em essência. Plínio Salgado negava a industrialização e não tinha uma proposta concreta de funcionamento do Estado, somente buscava, através do Estado, mediar interesses espiritualistas e rurais da sociedade. Não obstante, consideramos que apesar das propostas de funcionamento do Estado Integral poderem ser consideradas pouco precisas, há de fato a proposta concreta do fim de um Estado democrático, em prol de um autoritário e extremamente centralizado. Junto a isto, Plínio Salgado passou de um membro do Partido Republicano Paulista, um partido da ordem nos anos de 1920, a propositos de um partido que visava tomar o Estado, mesmo que por meio do uso da força. Por isso, ao nosso ver, há uma guinada nos objetivos e métodos do nacionalismo de Plínio Salgado na década de 1930.

A base argumentativa de José Chasin enfatiza a negação da

industrialização por Plínio Salgado e aponta que ela seria algo quase inevitável no desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Essa visão nos parece um tanto economicista, ainda mais se tivermos como perspectiva que a sociedade brasileira nas décadas de 1920 e 1930 era uma sociedade de camponeses. Somente fazendo uma leitura anacrônica do processo de industrialização, pode-se considerar o agrarismo como uma visão de mundo fora da realidade.

Outro ponto que discordamos de José Chasin é com relação ao irracionalismo. A crítica a razão é algo central no pensamento de Plínio Salgado, todavia tal crítica reside naquilo que Salgado chamava de “razão iluminista”, ou “filosofia do século XIX”, dentre vários outros conceitos usados quase como sinônimos. Em momento algum Plínio Salgado faz uma crítica contundente a racionalidade econômica ou a “razão” dita de forma genérica. Como melhor descreveremos no capítulo seguinte, a sociedade proposta por Plínio Salgado não negava a racionalidade, mas a submetia àquilo que ele considerava um “valor ético superior”. E mesmo se pensarmos o irracionalismo como a negação do novo, no caso do Brasil, o novo (capitalismo industrial) ainda não existia, somente com uma visão teleológica e descontextualizada podemos entender a defesa de uma sociedade agrária como irracional.

Gilberto Vasconcellos (1977) realizou um dos trabalhos pioneiros sobre a AIB em sua tese de doutoramento. A partir da concepção da dependência econômica apoiada em Florestan Fernandes (1972), o capitalismo latino-americano teria a peculiaridade de se desenvolver subordinadamente ao capitalismo central, assim a economia brasileira e latino-americana se determinariam externamente. A ideologia também era vinculada ao mesmo processo, impedindo que a burguesia possuísse um projeto autônomo.

Adotando uma grande importância para aspectos econômicos, o autor chega a conclusões bastante diferentes das de José Chasin. Como a economia era dependente, os intelectuais brasileiros também o eram ideologicamente e em consequência disto, não poderiam desenvolver um projeto autônomo, copiando assim o modelo intelectual das nações centrais, neste caso o fascismo.

Apesar de conclusões bastante diferentes entre os dois autores, ao

analisar as características do que seria o fascismo brasileiro, Vasconcellos chega a constatações bastante semelhantes as de José Chasin sobre a base moral do movimento “um dos traços nucleares do discurso integralista é a ideia de que as relações sociais são determinadas pelos fatos morais” (p 23). A explicação para os fenômenos sociais, na teoria de Plínio Salgado, dava-se por motivos morais ligados a fenômenos espirituais e não por razões de ordem econômica ou da própria dinâmica social, esta era sempre uma consequência de decisões morais.

Outro ponto em comum aos dois autores seria a noção que o integralismo seria irracional, este, entendido em Vasconcellos como um apelo a conteúdos morais, a uma linguagem persuasiva, que procurava atrair o interlocutor. Diferentemente de Chasin, o irracionalismo não ocorria devido ao caráter regressista, mas a um apelo às emoções, aos sentimentos, a valores espirituais no texto de Plínio Salgado, em oposição a argumentos racionais.

A irracionalidade, intrinsecamente ligada a visão espiritualista de Plínio Salgado, era também partilhada por outros autores do período segundo Vasconcellos, entre eles o autor cita Alceu Amoroso Lima, Otávio de Farias, Afonso Arinos e Farias Brito. As principais características do pensamento destes autores seriam:

Há vários traços em comum entre suas interpretações da realidade nacional e a ideologia integralista, a saber: repúdio ao marxismo, antiliberalismo, negação da teoria da luta de classes, idealismo espiritualizante, crença no poder regenerador da cultura, paixão pelos totalitarismos etc. (p34)

O uso da palavra irracional por parte destes autores não nos parece correto. Somente a luz do que seria considerado um pensamento racional, ou de uma cientificidade acadêmica, posterior ao contexto linguístico em que estavam inseridos, é que podemos falar que Plínio Salgado ou autores que tinham ideias semelhantes são irracionais. O trabalho intelectual, que estes autores citados por Vasconcellos produziram, era considerado plenamente legítimo por parte das elites intelectuais brasileiras. O fenômeno intelectual

descrito como irracionalista era algo comum ao período, principalmente em intelectuais próximos ao catolicismo. Não podemos considerar a base espiritualista como ininteligível aos pensadores da época. Ao se utilizar do termo “espírito”, Plínio Salgado o fazia por estar inserido em um debate em que a utilização deste vocábulo era bastante verossímil.

O léxico utilizado por esses autores era bastante comum entre os pensadores e possivelmente diz muito sobre as intenções e sobre o contexto intelectual e social da época. Aos olhos de um pesquisador dos dias atuais a utilização de palavras como “espírito” pode parecer estranha, mas não era na década de 1930. Os intelectuais católicos eram extremamente importantes naquele contexto e o diálogo com eles fazia parte da vida intelectual dos anos de 1930, portanto o uso de palavra “espírito”, bastante cara aos católicos e a Plínio Salgado, eram comuns no período.

Apesar das grandes diferenças existentes entre os livros de Trindade, Chasin e Vasconcellos, podemos dizer que consideravam a vida intelectual no Brasil um mero reflexo da vida intelectual europeia. Não havia uma preocupação nestes estudos do contexto em que se produzia tais ideias, nem na inter-relação com outros autores do mesmo período. A classificação da AIB como “irracionalista”, ao nosso ver, esta ligada a análise conceitual não ser feita de forma mais aprofundada por tratar os textos como meras cópias.

Marilena Chauí (1978) relacionou a AIB a estrutura de classes, no caso a ascensão da classe média no Brasil. Para a autora, incapaz de produzir um projeto político próprio, nem adotar a perspectiva revolucionária do proletariado, a classe média adotou uma ideologia política condizente com a classe dominante e que não modificava profundamente a sociedade. O motivo da adesão ao discurso integralista seria a perspectiva de se assenhorar do Estado através do movimento, algo impossível dentro de um regime oligárquico, pouco aberto a novos agentes políticos. Ao mesmo tempo em que buscam se aproximar do Estado, procuravam também barrar o comunismo, contribuindo para um viés conservador adequado aos interesses da classe dominante.

O sucesso da AIB, na visão da autora, deve-se ao incerto contexto político em que estava inserido o movimento, oferecendo uma alternativa à

classe média em ascensão dentro de valores conservadores e desprezando a solução proletária em prol de uma negação da luta de classes. O motivo do sucesso, também seria o do fracasso, a negação da questão operária não foi feita por Getúlio Vargas e sua tentativa de solucioná-la acabou fazendo com que suas ações políticas fossem mais concretas no sentido de solucionar os problemas postos na época.

O texto de Marilena Chauí é também de 1978 e apesar de consideráveis diferenças dos que analisamos até aqui, também relega a segundo plano a produção de Plínio Salgado em prol da explicação do pensamento dele ser uma expressão das classes médias em ascensão. Para a filósofa, os textos de Plínio Salgado possuíam pouquíssimo valor e não haveria qualquer justificativa interna para estudá-los, por isso a busca pela explicação classista.

Nosso trabalho se coloca em posição diferente dos estudos dos anos até aqui apresentados. Podemos dizer que hoje o pensamento social se preocupa com outras questões e que uma análise que pensa um texto puramente pela influência de classe ou como mimetismo precisa ser superada. Isto posto, considerando as importantes contribuições destes estudos clássicos, nos colocamos de forma diferente, preocupando-se mais com a produção dos textos de Plínio Salgado dentro do contexto linguístico em que foi inserido, nos valores partilhados por Plínio Salgado, os outros intelectuais que faziam parte do embate político e seus leitores. Discorreremos a seguir sobre autores que buscaram outros enfoques da produção de Plínio Salgado em estudos mais recentes.

O historiador José Luis Bendicho Beired (1999) em livro intitulado *Sob o Signo da Nova Ordem: Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina* fez um estudo comparado sobre intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina na década de 1930. O autor busca similitudes e distinções entre a produção intelectual e a ação política de alguns autores nestes dois países. No caso brasileiro escolhe quatro intelectuais: Plínio Salgado, Tristão de Athaide (Alceu Amoroso Lima), Oliveira Vianna e Azevedo Amaral. Beired classifica todos estes autores como conservadores e procura fazer uma distinção dos

conservadorismos existente nos anos de 1930.

Há uma divisão proposta pelo autor a respeito destes intelectuais: haveria um polo positivista representado por Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, e um polo espiritualista, do qual fariam parte o agrupamento católico, a princípio liderado por Jackson de Figueiredo e depois por Tristão de Athaide, e o fascista, representado pela AIB. Entretanto, trata-se de uma divisão analítica, essas correntes flertavam entre si em vários momentos, inclusive com publicação de textos em revistas pertencentes a outros campos.

Mesmo com diferenças internas existentes entre os pensadores autoritários, o autor aponta um núcleo comum de ideias, inclusive com os intelectuais argentinos:

...crença no liberalismo como ideologia responsável pela subversão da ordem no mundo contemporâneo; tese de que o comunismo e o socialismo derivavam do liberalismo; crítica ao sistema liberal-democrático, tido como artificial e perigoso; necessidade de substituição da ordem política liberal por outra de natureza corporativa e autoritária do conflito social; restauração de valores afirmativos da autoridade – hierarquia, ordem, obediência, em detrimento da noção de igualdade e de liberdade; hipertrofia do aparelho de Estado e sobretudo do poder executivo; demanda por certa intervenção do Estado na economia; e reivindicação de independência econômica da nação. (p. 279)

As características desta nova direita¹² seria o fato dela ser anti-liberal e descrente com a modernidade, diferentemente da direita anteriormente existente. Também temos a importância da raiz católica, algo inexistente entre os conservadores do século XIX. Esta direita nacionalista e antiliberal surge após 1910 e apontava do fim de uma civilização, a liberal, restando a humanidade duas saídas, a fascista ou a comunista. O autor aponta que a direita no Brasil e na Argentina era liberal até os anos de 1870, somente após esta década, principalmente em razão da contra-revolução conservadora¹³ no século XIX na Europa é que começou a surgir uma direita anti-liberal e

12 Beired denomina os conservadores surgidos pós-1910 no Brasil e na Argentina de nova direita.

13 Refere-se ao conservadorismo nos mesmos termos de Mannheim.

extremamente nacionalista, sendo então, essa geração pós-1910 no América do Sul uma novidade do ponto de vista intelectual para as direitas. A partir deste núcleo comum é que surgiam as distinções dentro dos grupos. Os denominados positivistas buscavam razões científicas para as suas explicações da realidade brasileira. O integralismo e os católicos partilhavam de uma visão espiritualista da realidade, ou seja, acreditavam em algo supra-histórico que influenciava a realidade e a história e “introduziram elementos supra-sensíveis na explicação da história” (p. 260). Os espiritualistas também apresentavam um caráter mobilizador em suas proposições, assumindo uma perspectiva positiva a respeito da participação das massas.¹⁴ Já os positivistas propunham reformas feitas pelas elites sem qualquer tipo de participação popular, as massas eram vista sob aspectos bastante negativos. A similaridade entre o integralismo e os pensadores católicos residiria no espiritualismo. Todavia não apresentavam a mesma concepção dessa espiritualidade. Para os católicos, os objetivos da atuação política se resumiam à recatolicizar o Brasil, trazer novamente à tona a espiritualidade existente no período colonial e que havia se perdido. Para Salgado, os objetivos eram devolver a primazia do espírito como aspecto central da organização nacional, afastando os malefícios do cientificismo e da razão, não obstante, uma espiritualidade não necessariamente católica. Sobre a concepção de Estado, os católicos não pretendiam construir um novo Estado, embora defendessem a adoção do catolicismo como religião oficial. Já os integralistas possuíam uma nova proposta de funcionamento do Estado.

Beired aponta que a ideia de crise era comum a todos as correntes nacionalistas conservadoras. Após a I Guerra Mundial a noção de crise e decadência de uma forma de civilização fortalece o núcleo das críticas conservadoras já existentes desde o século XIX. A ideia de crise favorecia a mobilização, pois havia forte temor da “desagregação social e espiritual” que

14 Plínio Salgado acreditava em uma participação política das massas sob uma rígida hierarquização. O papel formulador e dirigente cabia a uma elite política pequena, formada por homens esclarecidos. A participação dos católicos também era vista sob uma ótica fortemente hierarquizada.

fizesse com que a sociedade desmoronasse. Deste modo, a “crise” propagava a urgência de se tomar decisões, para os grupos católicos e Plínio Salgado a necessidade de mobilização como forma de reverter a desagregação.

O crescimento da direita europeia era visto com otimismo pelos autores estudados por Beired, pois representava o crescimento de uma nova ordem mundial, as direitas do Brasil e da Argentina analisadas se consideravam irmanadas aos movimentos fascistas europeus. A crise europeia, ou seja, a crise de uma civilização que surgiu com o fim da idade média, seria superada pelas novas formas de organização político-estatal em crescimento na Europa durante o período.

Beired apontou que havia um pensamento fortemente regressista¹⁵ em alguns intelectuais, principalmente na Argentina, todavia, ao contrário de outros autores aqui citados, ele não apontava que isso fosse buscado pela AIB, e mesmo por Alceu Amoroso Lima. Se havia uma certa valorização do período colonial por Plínio Salgado e pelos intelectuais católicos, não havia a proposta de regresso ao período colonial, mas transformações no modelo vigente com visão no futuro. Para Plínio Salgado, conforma já dissemos, havia uma proposta de transformação estatal mais profunda, enquanto para os católicos o objetivo era influir nas decisões do Estado para que adotassem medidas que ajudassem a promover a recristianização do Brasil. Como já descrevemos até aqui, para Beired, os movimentos de direita nos anos de 1930 apresentavam diversas características em comum e se diferenciavam dos conservadores do século XIX. Com relação a Plínio Salgado, suas propostas políticas também possuíam características bastantes distintas e eram novidades dentro do pensamento conservador. Seu espiritualismo era globalizante, afetava todas as esferas do social e era necessária uma mobilização, uma participação de toda a nação. A indistinção entre o Estado e a sociedade, bem como a mobilização dentro de um sistema autoritário e extremamente hierarquizado, aproximariam a AIB dos regimes totalitários europeus.

15 Regressista no mesmo sentido que José Chasin classifica Plínio Salgado, ou seja, como a negativa do novo e o desejo de regressar a uma forma econômica anterior, pré capitalista-industrial.

A definição do pensamento de Plínio Salgado feita por Beired se aproxima da nossa por enfatizar o caráter espiritualista dos escritos dele. Diferentemente dos estudos que analisamos anteriormente, o espiritualismo não é visto como uma mera influência, ou um plano de fundo de um contexto conservador, mais algo constitutivo, central para uma correta aproximação do significado dos textos. Toda a visão de mundo do líder integralista, suas propostas de transformação social e mobilização são enraizadas numa concepção espiritual do mundo.

A tênue relação de Plínio Salgado com Alceu Amoroso Lima é bastante enfatizada pelo autor, justamente pelo diagnóstico da “crise” que emergia e se aprofundava ser semelhante. A crítica e as propostas espiritualistas faziam parte do debate intelectual da época tanto no Brasil quanto na Argentina e não era algo ininteligível ou irracional dentro do contexto em que tais ideias se propagavam.

Em nosso trabalho, fazemos um diagnóstico semelhante ao de Beired da importância da ideia de crise para definirmos o pensamento de Plínio Salgado, todavia fazemos isso de uma forma um pouco diferente, pois pensamos na “crise” como a propulsora de um movimento que visava uma “revolução”. A crise não é vista por nós apenas como um diagnóstico, mas como uma proposta efetivamente mobilizadora.

Ricardo Berzaquén Araújo também ressalta a importância da mobilização em Plínio Salgado, além de elencar outras características importantes na análise do pensamento do líder integralista. Nossa dissertação se aproxima em muitos aspectos ao estudo feito por ele, pois não partimos de uma concepção “irracional” dos textos de Plínio Salgado, mas consideramos haver características do discurso integralista (principalmente na figura do seu líder) importantes na explicação do movimento. Em livro intitulado *Totalitarismo e Revolução: O Integralismo de Plínio Salgado* (1988) faz um estudo aprofundado no pensamento de Plínio Salgado.

Araújo inicia sua análise apontando que a obra de Plínio Salgado é muito mais criticada que analisada, era vista como algo de pouco valor

carregada de pressupostos irracionais “em vez de ser composto por um amontoado de postulados irracionais, possuía uma lógica particular, muito próxima do rico e complexo conservadorismo europeu” (p.19). O autor não apenas considera que havia uma importância da obra dentro do universo político dos anos de 1930, mas também imagina ser composta por uma lógica particular rica, que merecia uma análise mais aprofundada. Araújo diz que autores contemporâneos a Plínio Salgado, como Azevedo Amaral e Oliveira Vianna haviam sido analisados com mais profundidade, mesmo sendo do campo conservador, seu objetivo era fazer algo semelhante.

Os estudos feitos nos anos de 1970 e apresentados por nós anteriormente neste capítulo, preocupavam-se com os textos do líder integralista de forma secundária. A ênfase era dada a aspectos externos ao movimento e não a produção textual, ou seja, preocupavam-se com o mimetismo fascista ou as relações econômicas. Araújo não desconsiderava totalmente os aspectos externos, mas pensava que para entender o integralismo era também de extrema importância voltar-se para os textos de Plínio Salgado. Assim posto, sua pesquisa volta-se para uma análise dos aspectos textuais da produção de Plínio Salgado.

Segundo Araújo, há nos textos integralistas de Plínio Salgado uma chave da história, que seria a constante luta entre o espiritualismo e o materialismo, isto comporia uma espécie de filosofia geral da história, que explicaria os avanços e os retrocessos da humanidade. “Elas nomeiam dois planos essenciais e antagônicos da existência humana, planos que sempre estiveram presentes, em todos os lugares e desde o princípio dos tempos, sempre na mais aguda oposição” (p. 29) Qualquer sociedade em qualquer período histórico apresentava essas duas facetas, sendo que em algumas prevalecia uma em detrimento da outra. No decorrer da história da humanidade existiram sociedades espiritualistas e outras materialistas, e algumas que havia um equilíbrio entre uma e outra.

Não havia uma linearidade histórica ou uma teleologia na luta entre o espiritualismo e materialismo. Dependendo da maneira como as agentes se portassem e das escolhas que as sociedades tomassem poderiam pender

tanto para um lado quanto para outro, uma sociedade materialista poderia surgir de uma espiritualista, desde que valores materialistas fossem cultivados. A sociedade moderna (materialista) originou-se da feudal (espiritualista).

A respeito desta luta constante, segundo Araújo, Plínio Salgado se posicionava favorável as sociedades em que os valores espirituais fossem centrais. Estes estariam ligados a valores atemporais, universais e evitaram que os homens vivessem somente em busca de riquezas e interesses próprios. Quando as leis da natureza (materialismo) dominam o homem, a sociedade sucumbe, entre em crise. Todas as mazelas sociais eram decorrentes do afastamento dos valores espirituais e da adoção do materialismo.

A sociedade moderna teria seus problemas surgidos, ainda segundo a interpretação de Araújo sobre Salgado, com o fim da idade média, onde a razão e a ciência, valores materialistas, passariam a dominar a sociedade. O mundo medieval era coeso e havia um senso de coletividade que impedia a fragmentação e estimulava a solidariedade. Com o aumento do pensamento científico e racional dominando a sociedade, o mundo ocidental substituiu os valores medievais pelos modernos. Deste modo, ocorreu uma fragmentação do social, uma análise parcial de tudo, em que a coletividade foi colocada de lado. Consequência da fragmentação, seria o acúmulo do capital na mão de poucos, a economia deixou de ter um fim coletivo, como na idade média, e passou a ter uma finalidade individualista. Houve um declínio espiritual na sociedade ocidental.

Além de apresentar as raízes do declínio espiritualista existentes na obra de Plínio Salgado, Araújo aponta as formas apresentadas de superá-lo. Havia em todo o mundo, na época em que Plínio Salgado escrevia, duas tendências, a do agravamento do liberalismo (a forma econômica do materialismo) ou o surgimento de outras forma de organização social ligadas a valores espirituais. O nazismo e o fascismo eram soluções encontradas de combater o liberalismo e trazer à tona valores espirituais novamente.

Para o caso brasileiro, Araújo aponta que, a contraposição ao liberalismo, feita por Plínio Salgado, deveria ocorrer de forma diferente da Alemanha e da Itália. Apesar da predominância do materialismo no Brasil, aqui

havia uma sociedade espiritualista, legítima, presente no interior do Brasil, no *hinterland*. Este seria formado pela união do tupi, do português e do negro, através da miscigenação “pacífica” durante o Brasil colônia. A visão que Plínio Salgado tinha do mito das 3 raças como fundador da realidade brasileira era comum nos anos 30, porém, Araújo ressalta que diferentemente de outros autores que partilhavam desta ideia. Os brancos não eram vistos como superiores, mas a soma das “raças” geraria um tipo superior, espiritualista, pensado como um conjunto uniforme e indiferenciado.

A negação dos conflitos e diferenciações eram fundamentais dentro da visão de Plínio Salgado, por isso, Araújo o aproxima ao totalitarismo. A sociedade a ser construída pela AIB seria uma que as distinções seriam eliminadas em prol de uma total “uniformidade social”. No Brasil colônia, esta igualdade havia sido estabelecida pois havia pouca influência de Portugal e do pensamento moderno. O objetivo de Plínio Salgado era reestabelecer a base espiritualista presente no interior do Brasil, no tipo brasileiro criado na colonização.

A ideia de decadência e as críticas feitas por Plínio Salgado a sociedade liberal eram comuns aos pensadores conservadores do século XIX, entretanto, as propostas de solução desta “crise” é que são distintas e o aproximam do pensamento totalitário. Araújo ressalta que a negação da diferença, junto a ideia que todas as ações individuais deveriam estar submetidas ao interesse da doutrina integralista, eram características do pensamento totalitário. Desta forma, a revolução proposta por Plínio Salgado seria o engajamento contínuo e total na militância integralista, numa dedicação quase religiosa e de todos os momentos da vida ao ideal integralista. Não há espaço para desenvolvimentos individuais pois há uma indiferenciação entre Estado e sociedade civil, entre espaço público e privado.

A revolução proposta por Plínio Salgado seria uma transformação de toda a população brasileira em agentes integralistas, que em todas as suas ações pudessem condizer, além de proteger e disseminar a doutrina integralista. Isto posto, Araújo conclui que esse constante mobilização proposta por Plínio Salgado fazia com que seu pensamento fosse única dentro do

conservadorismo de sua época. A ideia de indiferenciação junto a proposição de um constante mobilização faziam do pensamento de Plínio Salgado diferente das outras formas de autoritarismos dos anos de 1930 e próximos ao totalitarismo na Europa.

Assim, a confusão entre igualdade e indiferenciação, como vimos na discussão de versão de Plínio do “mito das três raças”, aliado à decisão de se superar a questão social criada pelo materialismo através da ênfase numa mobilização absoluta da população, eliminado-se qualquer pluralismo político ou social, são sinais evidentes da relevância deste conceito [totalitarismo] para minha análise. (p. 77)

Como vimos até agora, nosso trabalho deve muito ao livro publicado por Ricardo Berzaquén Araújo, todavia trabalhamos em nossa dissertação alguns aspectos de forma diferente. Em primeiro lugar, definimos a AIB como um movimento social, assim pensamos os textos de Plínio Salgado com tendo uma intencionalidade e objetivos práticos bem colocados, o líder integralista não era um homem das letras que visasse apenas agir entre seus pares, mas que buscava influir em outros setores da população. Isto a princípio pode não parecer tão importante, mas o caráter prático dos textos reforça a intenção mobilizadora, no sentido de angariar novos militantes, tal fato é muito importante na leitura dos textos de Plínio Salgado. O fato de ter esses objetivos também revela o porquê do caráter de urgência e a necessidade de resposta às questões políticas dadas nos anos de 1930. Possivelmente, se não se tratasse de um movimento social, as respostas às questões não teriam um tom de urgência e o conteúdo seria menos pragmático.

O segundo ponto em que nos distanciamos de Ricardo Berzaquén Araújo é nos vocábulos estudados. Escolhemos “crise”, “revolução” e “integralidade” por considerarmos que eles se articulam entre si no texto de Plínio Salgado ligados ao que dissemos no parágrafo anterior, com essa intenção mobilizadora dentro de um movimento social. Isto nos leva a terceira questão, não analisamos estes conceitos de forma isolada, em uma análise textualista, como diria Skinner. Escolhemos Alceu Amoroso Lima como

contraponto para tentarmos compreender um pouco melhor o embate da época e como Plínio Salgado se situava.

Rosa Maria Feiteiro Cavalari publicou livro intitulado *integralismo: Ideologia e organização de um partido de massas no Brasil* (1999). Em sua pesquisa há a tentativa de explicar como o Integralismo conseguiu se tornar em tão pouco tempo um partido de massas em todo o território nacional. Para tal fim a autora busca encontrar uma definição do que seria a “revolução do espírito” proposta pela AIB e faz uma extensa pesquisa sobre os jornais e revistas do movimento como forma de pensar na maneira como as ideias eram difundidas.

O foco da pesquisa de Cavalari são as publicações de revistas, jornais e livros do movimento, não apenas os livros de Plínio Salgado, como fez Ricardo Berzaquén Araújo. Apesar da fonte ser diferente, Cavalari chegou a resultados semelhantes no sentido de identificar a importância da mobilização dos militantes no discurso da AIB. A “revolução do espírito” era uma mudança interna gerada por uma constante mobilização. O militante deveria a todo momento viver a doutrina integralista, difundindo e vivendo os valores que a AIB representava. A mobilização também tinha o sentido de difundir a doutrina, pois a “revolução do espírito” necessitava ser levada a toda a população brasileira.

A autora identifica que os jornais, revistas e livros do movimento tinham como objetivo básico a doutrinação e a atração de novos militantes através da propaganda, seja das elites, ou de pessoas menos instruídas. Para isso, os meios de divulgação do movimento sempre difundiam valores que consideravam caros ao integralismo, como o culto ao sacrifício, a valorização a obediência, a glorificação da pátria e do chefe. Sobre a propaganda nas publicações a autora diz o seguinte:

Em síntese, o Integralismo, além de disciplinar seus quadros, ou seja, aqueles que já tinham sido convencidos a boa nova, pretendia atingir dois objetivos claramente definidos: arregimentar novos adeptos, trazendo para junto de si os indecisos e os recalcitrantes; e preparar a elite, aqueles que iriam exercer funções de comando dentro do Movimento. Buscava, ao mesmo tempo, a consolidação e expansão

do Movimento. (p. 49)

Ao analisar o conteúdo dos diversos jornais e livros da AIB a autora chega à conclusão que as diferenças de conteúdo eram bastante pequenas, sendo que os jornais do interior repetiam aquilo que os das capitais escreviam. As análises de política local eram praticamente inexistentes e até mesmo a diagramação era feita de forma parecida. Tanto os jornais, quanto as revistas tinham por objetivo levar o leitor aos livros. Havia uma lista de livros recomendados, na medida em que o movimento ganhava fôlego, nesta lista aumentavam o número de autores integralistas.

Ao remeter-se aos livros, os jornais e revistas, a AIB levava sempre e principalmente à leitura de Plínio Salgado. A formação completa do militante, a real compreensão da doutrina não se dava pela revistas e jornais, mas sim pelas principais publicações de “chefe nacional”. Certamente essa informação revela a importância de uma análise do texto de Plínio Salgado, como nós fazemos aqui, a base doutrinária que todos os militantes deveriam ler estava nos livros de Plínio Salgado (e dos demais escritores integralistas) sendo que a revista e os jornais eram complementares.

A revista Anauê, principal revista integralista de circulação nacional, também remetia com certa frequência ao líder integralista. Silva (2005) aponta que o uso das imagens era constante nas revistas, buscava-se um convencimento por meio das imagens. Plínio Salgado era retratado sempre com uma aura divina, como o grande líder que iria levar a salvação para toda a nação. O uso de figuras religiosas junto às imagens de Plínio Salgado era bastante comum e indicavam um messianismo na figura de Plínio Salgado.

O movimento colocava-se através das revistas e jornais como o salvador da nação e o seu líder, Plínio Salgado, uma figura quase religiosa que conduziria a decadente nação a uma sociedade transformada. Segundo Cavalari:

...a representação que o integralista tinha de si e do outro (o outro como seus inimigos: a liberal-democracia e o comunismo); a ideia de

que somente no Integralismo residia a possibilidade de salvação nacional; a ideia da redenção pelo sofrimentos; a ideia do Integralismo não como um movimento ou partido, mas como uma “Nova Humanidade”, a “Quarta Humanidade”; a representação que fazia de si o Chefe Nacional; a ideia da América Latina como berço da “Nova Humanidade” em oposição à Europa decadente; a revolução integralista como “Revolução Interior”; a inexorabilidade da vitória integralista; a apologia do novo, daí a valorização do século XX em detrimento dos séculos anteriores e a valorização da juventude. (p. 121, 122).

A doutrina que possibilitaria salvar a humanidade e era apresentada de forma sintetizada nos jornais e revistas e com uma iconoclastia que lembrava imagens religiosas, principalmente católicas, estava sintetizada nos livros de Plínio Salgado. A análise mais aprofundada dos seus livros é fundamental na compreensão do movimento, pois o cerne da doutrina estava em seu trabalho. Aquilo que Cavalari chama de “salvação” somente seria alcançada por meio de uma “revolução” promovida por toda AIB enquanto movimento que transformaria o homem parcial promovido pela sociedade materialistas em um “homem integral”. No capítulo seguinte veremos como esta “revolução” está ligada a um diagnóstico da “crise” presente nos textos de Plínio Salgado.

3 “CRISE”, “INTEGRALIDADE” E “REVOLUÇÃO” EM PLÍNIO SALGADO

Em outubro de 1932, Plínio Salgado¹⁶ lançou o manifesto que fundou a Ação Integralista Brasileira, conhecido com *Manifesto de Outubro de 1932* (1932). Nele são lançadas as bases da doutrina do movimento. Alguns meses depois, no início de 1933, publicou as *Diretrizes Integralistas* (1933a), texto com estrutura semelhante ao *Manifesto de Outubro*, em que aprofunda alguns aspectos do primeiro livro. Ambos tinham por finalidade serem distribuídos gratuitamente aos militantes e simpatizantes do movimento, divulgar as ideias que embasavam o pensamento político. Conforme já ressaltamos no capítulo 1, Plínio Salgado participou intensamente da vida pública desde o fim da década de 1910. Na década de 1920 foi um membro ativo do Partido Republicano Paulista (PRP¹⁷). Quando ocorreu a revolução de 1930 ainda era membro do PRP e partidário de suas posições. Antes do lançamento do primeiro manifesto, publicou em jornais textos políticos com análises da conjuntura dos anos pós-revolução de 1930. Sua postura a respeito da revolução de 1930 era um tanto dúbia nestes textos. A ideia da criação de um novo movimento político deve-se a interpretação de que as ações políticas naquele contexto não eram satisfatórias.

Plínio Salgado pretendia lançar o novo movimento através da publicação do *Manifesto inicial*, em julho de 1932. Todavia devido ao início da revolução constitucionalista, acabou por adiar o lançamento, aguardando seu desfecho. Em março do mesmo ano, havia fundado a Sociedade de Estudo Políticos (SEP), que tinha por objetivos estudar a realidade brasileira, assim como propor soluções práticas. A SEP serviu como base para aquilo que seria a AIB cujos princípios foram sistematizados nas páginas o *Manifesto de Outubro*.

¹⁶ Os dados bibliográficos de Plínio Salgado e históricos do movimento foram retirados principalmente dos trabalhos de Hélgio Trindade (1979) e Ricardo Berzaquén Araújo (1988).

¹⁷ O PRP foi um dos principais partidos políticos da República Velha, Nas eleições de 1930 lançou a candidatura de Julio Prestes a presidência da república. Mesmo vindo a vencer as eleições, não assumiu devido a revolução que colocou Getúlio Vargas no poder.

Quando ocorreu a revolução de 1930 ainda era membro do PRP e partidário de suas posições. Temos então uma interessante guinada política, de membro de um partido oligárquico, beneficiado pelo sistema político da República Velha, para o propositor de um novo partido que objetivava destruir todos os partidos e criar uma nova forma de organização estatal. Apesar da visão de mundo de Plínio Salgado já ser verificada em seus textos dos anos de 1920, sua atitude frente ao Estado muda radicalmente em um curto período de tempo.

A revolução de 1930 abriu um novo leque de possibilidades dentro da política nacional. Araújo (1988) ressalta ser muito pouco provável que um movimento como a AIB tivesse surgido dentro da República Velha, justamente por ela ser muito fechada e excluir a possibilidade do surgimento de novos agentes políticos. Deste modo, devemos analisar os textos de Plínio Salgado como integralista, tendo como plano de fundo um regime de instabilidade política instaurado pela revolução de 1930 que possibilitava que os agentes - antes excluídos - se colocassem como protagonistas no cenário nacional. Como agentes excluídos estamos nos referindo aos militantes que aderiram a AIB atraídos pelo discurso mobilizador proposto nos textos de Plínio Salgado. Temos pouquíssimas razões para crer que na República Velha tal forma de propor a ação política fosse possível.

O pacto oligárquico dava pouco espaço para a ação de novos agentes e mesmo velhos agentes estavam bastante amarrados a forma como o Estado se organizava para propor novas ações. A quebra do pacto oligárquico fez com que tanto novos como velhos agentes passassem a buscar novas ações e novas interpretações da sociedade. Isto não significa que aderiram a ideias completamente novas, mas incorporaram e desenvolveram ideias que estavam em gestação nas décadas anteriores. Formas de pensar o Estado antes não permitidas, passaram a ser vistas como possíveis.

Os ideais nacionalistas de Plínio Salgado, conforme já destacamos no capítulo anterior, já estavam presentes nos textos dele dos anos de 1920, bem como a valorização do povo brasileiro. A noção que no interior do Brasil, no “sertão” havia uma população com uma série de características positivas

também era comum em seus textos anteriores a AIB. O fato novo no *Manifesto de Outubro* e nas *Diretrizes Integralistas* é uma crítica radical à política representada pela República Velha e o lançamento de um novo movimento de caráter fortemente anti-liberal, seja em sua forma política ou econômica.

A crítica aos políticos tradicionais e ao sistema político vigente são muito mais contundentes se comparados a textos dos anos de 1920, nos manifestos iniciais. Tal característica já se revela ao olharmos os textos jornalísticos dos anos anteriores à fundação da AIB. Na medida em que a revolução de 1930 se aprofunda e com ela uma “crise” institucional também, as críticas ao *status quo* anterior, ou seja, a República Velha, também aumenta. Os políticos tradicionais, dos quais o próprio Plínio Salgado era um representante, e sua forma de fazer política, são vistos cada vez de forma mais negativa, necessitando de uma superação.

Vamos agora nos ater à análise dos dois textos iniciais do movimento. Concentraremos nossa análise no diagnóstico da “crise”, na ideia da “revolução” necessária, e na construção do “homem integral”.

Os dois textos iniciais do movimento são bastante curtos se comparados a textos anteriores e posteriores feitos por Plínio Salgado. Na edição que temos em mãos, o *Manifesto de Outubro* tem 17 páginas, enquanto as *Diretrizes Integralistas* 11. São uma síntese das ideias defendidas por Plínio Salgado e visavam difundir-las com o intuito de atrair pessoas às linhas do recém-criado movimento. Possuem conteúdo semelhante, com a diferença do primeiro apresentar mais questões ligadas às críticas ao Estado liberal e a necessidade de superá-lo, ao passo que, no segundo a questão religiosa é mais acentuada. Ambos apresentam de forma bastante negativa a situação nacional, exigindo a necessidade da criação de um novo movimento, a Ação Integralista Brasileira.

Algo frequente nestes textos e em outros de caráter político de Plínio Salgado é apresentar de forma bastante negativa a situação atual, aqui na figura do regime político representado pela República Velha, e então propor uma nova ação política. A forma de fazer isso é bastante maniqueísta: há uma guerra, onde o Bem -representado pela AIB - deve superar o Mal -

representado pela situação atual da nação.

O diagnóstico da crise tem aqui um caráter bastante político. A noção de “crise espiritual” ou “revolução do espírito” será desenvolvida em textos posteriores. Nestes dois textos, o diagnóstico da crise tem acento sobretudo no aspecto político institucional. Plínio Salgado entendia que o Estado era muito fragmentado, um palco de luta por interesses de grupos ou de indivíduos. Como consequência deste conflito era impossível a “nação” ser “forte, rica, prospera e feliz”. Clivagens regionais e políticas, “Estado dentro do Estado, partidos políticos fracionando a Nação, classes lutando contra classes” é que impedia a plena realização do povo brasileiro.

O regime político vigente era consequência desta fragmentação e representava a nação também de forma fragmentada. A adoção do regime devia-se ao “cosmopolitismo” das elites nacionais, que valorizavam tudo que era de fora, mesmo que inadequado a realidade do povo brasileiro. “Tendo-nos dado um regime político inadequado, preferem, diante dos desastres da Pátria, acusar o brasileiro de incapaz, em vez de confessar que o regime era incapaz” (SALGADO, 1933a). Desta forma, segundo Salgado, tínhamos um regime incapaz, que não representava a real situação do Brasil.

Ao se referir aos políticos e ao governo em *Diretrizes Integralista*, Plínio Salgado diz o seguinte:

Declaramo-nos inimigos de todas as conspirações, de todas as tramas, conjurações, conchavos de bastidores, confabulações secretas, sedições [...] A nossa pátria está miseravelmente lacerada de conspiratas. Políticos e governos tratam de interesses imediatos, por isso é que conspiram. [...] As confabulações dos políticos estão desfibrilando o caráter do povo brasileiro. (p. 02)

A fraqueza do Estado fazia com que ele fosse palco de interesses privados, seja de classes conflitantes, interesses individuais, ou do capital internacional. Como não havia autoridade, um poder centralizador instaurado que impossibilitasse a divisionismo e as lutas dentro do território nacional, grupos distintos agiam em benefício próprio, causando a crise em que viviam. Assim, Plínio Salgado propunha um fortalecimento do Estado, um resgate do

princípio da autoridade para acabar com os conflitos presentes na sociedade brasileira. Fica implícita a ideia que existe um bem geral que deve ser buscado pelo Estado. A defesa de um Estado autoritário, de um executivo forte visava acabar com a fragmentação e trazer à tona os ideais coletivos, “integrais”.

Claramente temos a proposta de uma reforma do Estado, de uma concentração dos poderes nas mãos do executivo. Antes de comentarmos sobre como seria esse novo Estado, vamos nos ater um pouco sobre como seria esse país em que os interesses particulares não sobrepujassem os interesses de toda a nação.

Em oposição à fragmentação e ao divisionismo, Plínio Salgado acreditava haver uma “harmonia” natural na sociedade brasileira, cuja atual forma de Estado estava em desacordo. A crise seria um desvio do sentido natural da sociedade brasileira.

Todos podem e devem viver em harmonia, uns respeitando e estimando os outros, cada qual distinguindo-se nas suas aptidões, pois cada homem tem uma vocação própria e é o conjunto dessas vocações que realiza a grandeza da Nacionalidade e a felicidade social. [...] Os homens e as classes, pois, podem e devem viver em harmonia. É possível que o mais modesto operário galgar uma elevada posição financeira ou intelectual. Cumpre que cada um se eleve segundo sua vocação. Todos os homens são susceptíveis de harmonização social e toda superioridade provem de uma só superioridade que existe acima dos homens: a sua comum e sobrenatural finalidade. Esse é um pensamento profundamente brasileiro, que vem das raízes cristãs da nossa história e está no íntimo de todos os corações (1932, p. 01)

Este trecho está no primeiro ponto do *Manifesto de Outubro* e representa bem a visão de Plínio Salgado do homem brasileiro: um homem naturalmente 'harmônico', com consciência da sua finalidade sobrenatural que buscava se elevar segundo sua vocação inata. No quarto parágrafo das *Diretrizes Integralistas* Salgado escreve o seguinte: “O Integralismo considera a Sociedade como união moral e necessária dos seres humanos vivendo harmonicamente segundo seus superiores destinos” (p. 01).

Embora a palavra harmonia esteja escrita diversas vezes nestes textos iniciais, não encontramos uma definição clara por parte do autor do que seria

essa harmonia. Ela nos parece mais um ideal oposto à fragmentação e ao individualismo, que uma concepção concreta de como o mundo deveria funcionar. A sociedade harmônica seria aquela em que os interesses coletivos fossem sempre alcançados e que não houvesse espaço algum para a fragmentação presente no Brasil nos anos de 1930. Deste modo, a harmonia é a própria integralidade, ou a não fragmentação.

A divisão do trabalho deveria existir baseada na “vocação” dos indivíduos, não em uma perspectiva classista. Ao buscar sua vocação o indivíduo contribui para a harmonia social, pois desenvolve aquilo que naturalmente possui. Na visão do líder integralista não é possível haver uma dissociação entre a vocação e o interesse coletivo. Já a divisão classista impõe tarefas que são contrárias as características individuais, além de estimular a competição e o acúmulo nas mãos de poucos. A lógica da divisão do trabalho para Plínio Salgado está baseada na vocação, não na classe social. A vocação é uma característica inata e cabe ao Estado propiciar condições para o indivíduo desenvolvê-la. Qualquer pessoa possui naturalmente vocações e também procura desenvolvê-la, isto traz satisfação pessoal e contribui para a coletividade.

Para Salgado, há uma tendência natural no povo brasileiro em desenvolver a harmonia. O autor afirma que características diferenciadas “naturais” ou “inatas” do povo brasileiro levariam a “harmonia” que contrasta com a “fragmentação” e o afastamento do “coletivo” que impedem o crescimento. Ao centralizar o poder nas mãos do Estado e desenvolver uma perspectiva integral da organização social, a AIB seria capaz de propiciar o desenvolvimento de todas essas características latentes do povo brasileiro.

Elementos centrais da vida democrática, como o debate, a negociação e a realização de acordos eram vistos de forma extremamente negativas por Plínio Salgado. A doutrina integralista não enxergava espaço para contradições, ou divergência de ideias, mas sim uma diferenciação complementar de pensamentos e processos de tomada de decisão. A crítica àquilo que o líder integralista chamava de “negociatas” feitas pelos parlamentares, além de ser entendida como uma forte postura negativa ao uso do Estado por interesses

particulares, também pode ser pensada como uma oposição ao processo democrático e ao confronto de ideias. Não havia espaço para interesses conflituosos, somente havia a legítima demanda que buscasse a coletividade, o “integral”.

Como forma de acabar com a conspiração, com a fragmentação e restabelecer a harmonia perdida, Plínio Salgado propunha uma mudança profunda na sociedade brasileira, que denomina de “revolução”. “Nós somos a revolução em marcha. Mas a revolução com ideias. Por isso, franca, leal e corajosa” (p.103). Ainda no *Manifesto de Outubro*: “Pretendemos criar como todos os elementos raciais, segundo os imperativos mesológicos e econômicos, a Nação Brasileira, salvando-a dos erros da civilização capitalista e dos erros da barbárie comunistas”. A ideia central presente neste manifesto é uma revolução que salvaria a sociedade brasileira.

Qual seria a revolução? No *Manifesto de Outubro* e nas *Diretrizes Integralistas* a revolução tem um caráter bastante político, no sentido de propor uma transformação do Estado, baseada em ideias novas, as ideias integralistas. Assim, a transformação do Estado passa pelo combate aos estrangeirismos que propunham um regime inadequado a realidade brasileira em prol de um regime que fosse genuinamente nacional. As bases desse regime genuinamente nacional seriam alicerçadas no princípio da autoridade.

Ao defender por diversas vezes a autoridade, Plínio Salgado o faz por considerar que o interesses coletivos somente podem ser assegurados por um Estado forte, no parágrafo 3 das *Diretrizes Integralistas* o autor escreve o seguinte “O Integralismo considera a Autoridade como força unificadora que assegura a convergência e o equilíbrio das vontades individuais e realiza o aproveitamento das energias da Nação em razão do bem coletivo” (p. 02). Isto posto, um Estado forte impediria a fragmentação e a disputa por interesses particulares existentes na República Velha.

Plínio Salgado considerava os partidos políticos como uma forma artificial de representação política. Por isso, propunha que os indivíduos se inscrevessem em uma representação de classe profissional, considerada uma forma natural de representação. Como descrevemos acima, havia, para ele,

uma vocação inata dos indivíduos para o trabalho e por isso, a organização em classes profissionais seria baseada nestas vocações naturais, sendo portanto mais orgânica e harmoniosa. A partir das representações de classes no âmbito municipal, se daria a participação política. As classes profissionais escolheriam a câmara municipal e esta o prefeito. Os municípios deveriam ter autonomia administrativa, todavia uma autonomia submetida às diretrizes do Estado, impostas pela doutrina integralista.

Há uma forte defesa de autonomia municipal, todavia aspectos importantes da organização nacional ficariam sob responsabilidade do executivo federal. Assim, a organização econômica ficaria nas mãos do executivo, inclusive com a proposta de estatização de setores estratégicos “estradas de ferro, minas, fontes de energia e aparelhamento bancário”. Fiscalização da imprensa, das artes, do cinema, também são propostas de forma explícita.

As únicas instituições sociais em que Plínio Salgado reconhecia que não deveria haver grandes interferência por parte do Estado eram a família e a religião. Sobre a família, em *Diretrizes Integralistas* escreve o seguinte “A família é a primeira e mais importante das instituições sociais [...] é o nascedouro da vida social e o repositório das mais lúdimas tradições da pátria.”(p.04) Caberia ao Estado apenas protegê-la, garantir sua segurança, mas não interferir no funcionamento dela.

A respeito da religião, a situação é um pouco mais complexa. Tanto o *Manifesto de Outubro*, quanto as *Diretrizes Integralistas* possuem a palavra Deus ainda nos primeiros parágrafos. O primeiro inicia-se “Deus dirige o destino do Povo” já o segundo tem em seu primeiro parágrafo. “O Integralismo pretende construir a Sociedade segundo a hierarquia de seus valores espirituais e materiais, de acordo com as leis que regem os seus movimentos e sob a dependência da realidade primordial, absoluta, que é Deus.” (p. 03)

O caráter religioso de Plínio Salgado e do movimento que estava sendo lançado fica bastante claro nestes trechos do manifesto e das *Diretrizes Integralistas*. O líder integralista apresenta “Deus” como fonte de explicação para a realidade e aponta que a sociedade a ser construída deve ser feita com

base em valores espirituais.

Em *Diretrizes Integralistas*, a preocupação com a religião era bastante visível na questão educacional. Há uma proposta de ensino gratuito nos níveis primário e secundário, com obrigatoriedade de matrículas e frequência, além da criação de universidade dentro de uma “filosofia cristã”. Mesmo trazendo a grande responsabilidade para o Estado da educação, o integralismo não deveria ultrapassar o terreno da religião. Plínio Salgado escreveu o seguinte:

Na execução deste vasto e intenso programa educativo, o Estado jamais poderá ultrapassar a legítima esfera dos seus direitos, aniquilando ou mesmo cortando os direitos primordiais da família e da religião sobre a educação das novas gerações; ao invés, procurará enfeixar a participação dessas grandes forças morais da Nação, num espírito de franco entendimento e da mais ampla cooperação. (p.07)

Há, nos textos de Plínio Salgado, uma defesa do papel ativo do Estado em todas as esferas da vida, todavia nesta citação, mesmo reconhecendo o importante papel do Estado na educação, Plínio Salgado diz haver um espaço de autonomia da religião e da família. Existe uma tentativa de conceder a religião um local de ação independente, mesmo isto sendo contraditório em relação à noção de “Estado Integral”. Tal fato nos parece ser uma tentativa de diálogo com setores católicos, de atrair a igreja católica ao movimento integralista, embora não saibamos quais seriam as reais consequências disto caso os integralistas somassem ao poder. Ao menos no nível do discurso, há uma tentativa de união de um Estado bastante centralizado, com autonomia educacional religiosa.

A aproximação da religião católica aparece de forma bastante clara com a repetição da palavra Deus diversas vezes e a proposta da “grandeza nacional dentro do ideal cristão sociedade” (p.04), mas também em propostas práticas para o movimento. Havia afinidade de propostas neste texto da AIB e das reivindicações do movimento católico nos anos de 1930. Plínio Salgado escreveu o seguinte nas *Diretrizes Integralistas*. “O Integralismo manterá todas as reivindicações religiosas consubstanciadas na Constituição federal de 16 de julho de 1934 e, posteriormente, fará respeitar os princípios cristãos em todos

os detalhes da legislação nacional.” (p. 05).

Como já discorreremos no capítulo anterior, havia uma proximidade entre o espiritualismo católico e o da AIB (BEIRED, 1999). Junto a isto, no início dos anos de 1930, a Igreja Católica se organizou para propor reivindicações política claras que atendesse seus interesses (DIAS, 1996), dentre estes, a centralidade católica na educação e o apoio direto a candidatos que defendessem os interesses da Igreja. Plínio Salgado conhecia essas reivindicações, assim como os trabalhos de Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima e do Centro D. Vital. No próximo capítulo discorreremos sobre certos aspectos da relação entre Alceu Amoroso Lima e Plínio Salgado.

Em 1933, Plínio Salgado publicou dois livros *O que é o Integralismo* (1933) e *A Psicologia da Revolução* (1935). Ambos tem por finalidade aprofundar as análises de Plínio Salgado explicando os fundamentos do movimento, sua fundamentação teórica, bem como as implicações práticas da teoria para as transformações necessárias a realidade nacional. Há um diagnóstico da “crise” nos livros, além da proposta de uma “revolução” apresentada de forma mais aprofundada em comparação aos 2 textos iniciais acima citados. Os livros são mais extensos, *O que é o Integralismo?* possui 131 páginas, enquanto *A psicologia da revolução* 197.

A teoria integralista de Plínio Salgado encontra-se dispersa em suas obras, no prefácio da primeira edição de *A Quarta Humanidade* (1934), ele disse não ter tido tempo de sistematizar sua obra. Parte considerável de seus livros durante a existência da AIB tratam-se de coletâneas de textos de jornais e conferências ministradas, várias deles anteriores a 1932. Apesar disto, *O que é o Integralismo* foi uma obra escrita para explicar o que era o movimento, não foi um aglomerado de textos, e possui uma lógica argumentativa linear. *Psicologia da Revolução* além de ter sido escrito de forma semelhante, ou seja, um livro pensado para ter uma ordem desde sua concepção, também procura dar conta do fenômeno revolucionário.

O que é o Integralismo tinha como público-alvo pessoas com menor escolaridade, “Brasileiro modesto, que trabalha e sofre, este livro te pertence” (1933b, p.53). A sua escrita é mais simples, existem poucas referências a

pensadores, como filósofos e várias referências à Igreja Católica, principalmente de encíclicas papais. *Psicologia da Revolução* possui diversas referências a filósofos e demais pensadores e menos à Igreja Católica. Ambos os livros eram recomendados para leitura dos militantes do movimento e constituem base explicativa fundamental da obra de Plínio Salgado, principalmente das ideias que estamos tratando nessa dissertação.

Plínio Salgado aprofunda a noção de crise em *O que é o Integralismo*. Se comparado ao *Manifesto de Outubro* e a *Diretrizes Integralistas*, o caráter político da crise aparece de forma menos acentuada. A ênfase dada é na crise “espiritual”, sendo que os problemas políticos são vistos com consequência dela. Há uma relação direta entre o afastamento do “espiritualismo” e a crise política e econômica existente não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. A origem da crise deve-se a adoção de determinadas perspectivas, “Ideias” que levaram a uma visão equivocada de mundo e a existência de uma sociedade afastada da “real finalidade humana”. Ao não se ter noção da condição espiritual humana, todas as atitudes da sociedade voltam-se para a disputa individualista, para a busca da satisfação imediata, sem o foco em outros valores. O homem é “somente barriga”.

O “espiritualismo” engloba um homem que extrapola o “mundo material”, que também enxerga o “mundo espiritual”, encontrando uma “finalidade” transcendental da experiência humana. O homem, para Salgado, quando “perde o sentido da obediência ao Eterno, ao Imutável, ao Princípio e ao fim de todas as coisas se torna um miserável, sem capacidade para respeitar coisa alguma...” (1933b, p. 22). A sociedade brasileira era controlada por miseráveis, além de ter uma população de miseráveis (nos mais diversos aspectos), incapazes de viver suas vidas em toda a plenitude.

Como já discorreremos no capítulo anterior ao falarmos sobre o livro de Ricardo Benzaquén Araújo, a luta entre o “espiritualismo” e o “materialismo” funciona como uma chave da história para Plínio Salgado, como uma filosofia geral da história que engloba todas as transformações. Em *O que é o Integralismo* Plínio Salgado procura demonstrar que desde o fim da Idade Média o mundo tem caminhado para uma sociedade “materialista”, gerando

assim a situação calamitosa em que a humanidade passava. Cabe ressaltar aqui que, para Plínio Salgado, todo o mundo estava em situação de “crise” devido ao avanço do materialismo, não apenas o Brasil.

As sociedades “materialistas”, segundo Salgado, tinham suas preocupações em questões puramente terrenas, não possuíam uma finalidade para além da vida material. Já as espiritualistas, por possuírem uma finalidade superior, subordinavam o material a estes interesses, gerando uma sociedade “harmônica”. Em sociedades materialistas era impossível valores como “solidariedade”, “coletivismo” e uma “economia dirigida” existirem, a única preocupação eram interesses individuais e terrenos, fazendo com que parte considerável da população vivesse em situação lamentável. Sobre o materialismo, Plínio Salgado diz o seguinte em *O que é o integralismo*:

Um desses conceitos de vida é o materialista, isto é, o que encara a vida humana como um fenômeno que começa e termina sobre a Terra. Para os que adotam esse conceito, não existe Deus, não existe a Alma, e, como consequência natural, tudo o que se relaciona com essas duas ideias puramente espirituais, quais sejam: a dignidade do ser humano, que se torna insubsistente por falta de base; a concepção moral, que se torna inexplicável e perfeitamente inútil; a ideia de Pátria, que não passa, então, de simples convencionalismo; a ideia de estética, isto é, da beleza, que, sendo uma disciplina dos sentidos, segundo aspirações transcendentais, perde os pontos de referência; o amor da família e o do próximo que já não se explicam uma vez que se tem de adotar um critério de felicidade pessoal, egoística, sem incômodos nem compromissos; e, finalmente, o sentimento de disciplina consciente, que será substituído pela disciplina mantida pela violência dos mais felizes nos golpes aventureiros. (1933b , p. 19- 20)

A não existência de uma “finalidade da vida humana” é o principal problema de quando o materialismo domina. Tudo aquilo que era necessário para uma vida em sociedade de forma “harmônica” não poderia existir. Plínio Salgado não enxergava qualquer possibilidade de uma existência social harmônica, longe da crise, nas bases então existentes. A “crise” era o materialismo e suas consequências eram as péssimas condições de vida, o “sofrimento” causado ao povo brasileiro. Há uma identificação, de todas as

características negativas da sociedade dos anos de 1930 com as consequências do materialismo.

Podemos dizer, que a crise opera em várias camadas, tendo sua origem no fim, ou na ausência do espiritualismo. A origem é um afastamento coletivo do ideal espiritual de sociedade. A consequência era a crise política, econômica ou social, tratada concomitantemente ou de forma separada, dependendo do maior enfoque do texto escrito pelo líder integralista. Não há uma caracterização pormenorizada da situação do Brasil, sempre surge no texto de forma bastante generalista a situação conjuntural, havendo maior preocupação com a necessidade de mudança.

Para entendermos um pouco melhor como era vista a sociedade brasileira e mundial por Plínio Salgado, devemos ter em mente qual o modelo de sociedade ideal posto por ele. A principal característica buscada por Plínio Salgado era a “harmonia”, encontrada na sociedade medieval e no Brasil colônia. Em *Psicologia da Revolução* (1935b), escreveu o seguinte.

Evidentemente que a Idade Média possui o seu ritmo, que parece hoje aos temerosos de enfrentar os fatos e o sentido imperativo do Tempo, o único verdadeiro sistema de expressões e movimentos sociais. Não podemos, entretanto, regressar à Idade Média, que desapareceu definitivamente na Renascença. (...) nos séculos anteriores à Revolução Francesa, a humanidade possuía um conceito totalitário de vida social e política. (p. 85)

Em nota de rodapé logo a seguir, Salgado escreve:

A Idade Média possuía a mais perfeita consciência do mundo moral, compreendendo o Homem e o Universo por uma forma total, isto é, sem exclusão dos valores espirituais. O centro de tudo era Deus, para o qual o Homem se dirige; tudo na vida social deveria objetivar o destino supremo da criatura humana. Esse critério, de valor eterno, é a base única de toda a construção do Estado e da Sociedade. (p. 86)

A sociedade medieval possuía uma visão “totalitária” do mundo, todas as áreas da vida social estavam subordinadas ao “divino” e eram interligadas. O materialismo havia fragmentado a sociedade, isolando cada área da vida

social. Além de isolar, o materialismo provocava uma ascendência da economia, pois, como não havia mais uma subordinação aos ideais “espirituais”, os interesses econômicos acabavam por tomar uma importância inexistente em sociedade “espiritualistas”. A busca por lucro, pelo dinheiro, baseado em interesses individualistas eram a ordem do dia na sociedade materialista. Como consequência, o Estado existia e funcionava apenas para atender a interesses privados, pois sem uma finalidade superior na sociedade, não haveria outra função nele.

Em sociedades espiritualistas havia harmonia, que neste sentido, pode ser entendida como a ausência de interesses particulares, como a inexistência da diferenciação. Ao descrever o Brasil colônia em *A Psicologia da Revolução*, Plínio Salgado diz que existia uma verdadeira “democracia” e “liberdade”, não aquela “rancorosa”, europeia. A maneira de viver dos “sertanejos” criou um modo de vida peculiar, em que as hierarquias existiam de modo completamente diferentes se comparadas as da Europa. Os desbravadores do sertão “não conheciam nem prerrogativas, nem privilégios, nem separações profundas de classe, nem diversidade de situação econômica influenciando nos costumes e nos processos da vida” (p. 136). Todos se vestiam iguais e tinham uma vida muito parecida “realizava-se nos espaços territoriais brasileiros uma democracia de hábitos”. Até mesmo a escravidão era pensada como algo não “tão cruel” por Salgado, pois havia uma adaptação das classes superiores às inferiores, gerando um modo de vida bastante parecido entre senhores e escravos.

Novamente nos apoiamos em Araújo (1988) para dizermos que, para Plínio Salgado, a sociedade a ser construída era indiferenciada. Como podemos ver no parágrafo anterior, a “democracia” do período colonial representava a igualdade, mas não uma igualdade formal, legal, mas sim uma igualdade do modo de vida, incluindo a maneira de se vestir. A noção de “democracia” e de “igualdade” de Plínio Salgado é muito próxima de uma visão cultural, onde tanto uma, quanto outra residem na maneira de viver de um povo, não naquilo que está escrito na lei.

A sociedade integral possuiria um aspecto de homogeneidade cultural.

Por um lado, o Estado autoritário seria uma condição necessária para evitar a fragmentação, por outro, o Estado seria uma consequência da homogeneidade cultural existente no Brasil, escondida no interior. Não é possível separar a homogeneidade cultural brasileira de um Estado autoritário, um reforçaria o outro. Vale frisar que a visão integral não permite fragmentações e conflitos, seja no Estado ou na sociedade.

A diferenciação é um aspecto da crise. Ao se ater a princípios gerais, a busca pelo “divino”, tanto a sociedade medieval, quanto a colonial impediam a fragmentação social e o surgimento de indivíduos liberais, “egoístas”. O materialismo, com sua consequente fragmentação de todas as áreas da vida, foi um ambiente propício para a diferenciação social e o aumento do individualismo e a busca por interesses individuais.

O processo de desagregação social se originava na sociedade ocidental com o fim da Idade Média, havia se agravado com a revolução francesa e com a filosofia política e a economia política dos séculos XVIII e XIX. O objetivo de Plínio Salgado era reverter este longo processo e retornar a um ideal espiritualista de sociedade, essa deveria ser a “revolução” provocada pela AIB. Ela traria novamente a sociedade o equilíbrio que somente num mundo espiritualista poderia existir.

A Sociedade só pode funcionar sem angústias, quando esse equilíbrio é perfeito, quando os contrários se harmonizam, tendo os direitos, como centro, o Homem, e tendo os deveres, como centro, a própria finalidade humana, o princípio gerador do mundo da Matéria de da Força e do mundo da Afirmação e da Negação, numa palavra – Deus (1935b , p.34)

Apesar das enormes proximidades ao catolicismo, Plínio Salgado não era contrário à liberdade de culto e, ao descrever sociedades espiritualistas, enumera algumas não cristãs. Deste modo, o espiritualismo não era necessariamente cristão e mesmo os militantes da AIB não eram impedidos de professarem um credo não cristão. Nos parece que Plínio Salgado considerava o cristianismo como parte da tradição religiosa brasileira, a maneira como historicamente o povo brasileiro expressava seu espiritualismo e por isso

deveria ser cultivado. Todavia não nos parece em nenhum momento que a intenção de Plínio Salgado fosse construir um Estado Católico.

A “revolução do espírito” passava por uma atitude religiosa da população, basta ver como o ateísmo é fortemente criticado e como a ideia de “Deus” é sempre vista de maneira positiva. Todavia nos parece claro que a “sociedade integral” poderia ser construída por indivíduos não cristãos, ou ao menos não católicos. Embora não tenhamos uma resposta definitiva para isso, o que nos parece claro e desenvolveremos melhor adiante é que o Integralismo era visto por Plínio Salgado como uma síntese totalitária, incluindo a religião. Mais a frente retomaremos este assunto.

O termo “revolução” aparece diversas vezes nos textos de Plínio Salgado. Para promover o espiritualismo no Brasil destruindo todo o materialismo reinante, era necessário ocorrer uma “revolução”. Mas o que Plínio Salgado entendia por “revolução”? Além de repetir a palavra muitas vezes, escreveu um livro, como já dissemos, intitulado *Psicologia da Revolução*. Os dois textos iniciais, já comentados neste capítulo, também apresentam a palavra “revolução”. A ideia do Integralismo como um movimento político revolucionário era central em seu pensamento.

O processo revolucionário era universal e o objetivo era trazer equilíbrio a sociedade. A revolução não era um fenômeno exclusivamente moderno, mas algo visto em qualquer sociedade que estivesse em desequilíbrio, em qualquer período da história da humanidade. O autor diz, em a *Psicologia da Revolução*, não fazer um juízo moral da revolução, apenas a aceita como um fenômeno inevitável.

A revolução era uma consequência da relação do “Espírito Humano” com a “Ideia-Matéria (Fato-Histórico)”. O “Espírito Humano” aqui é entendido como a capacidade criativa do ser humano concedida por Deus, relacionada ao livre arbítrio. Todo ser humano possui uma capacidade de raciocinar, de interferir no mundo, de criar e tomar decisões. Devemos tomar cuidado pois no texto de Plínio Salgado, a palavra “espírito” aparece com significados distintos. Quanto nos referíamos anteriormente a “espiritualismo”, Plínio Salgado enfatizava a característica das sociedades, sua atitude frente ao “destino

humano”. Quando diz “Espírito Humano”, ele se refere a este traço humano: “É o grande poder modificador e, até certos limites, criador, que lhe foi outorgado por Deus, quando lhe deu inteligência e vontade” (1935b, p. 102), muito próximo a ideia de livre-arbítrio.

Na história existem dois planos, um coletivo, global, e outro individual. O primeiro é identificado por Plínio Salgado como a materialidade da história, aquilo que acontece independente das vontades (aqui reside o econômico, o administrativo, político, entre outros), o segundo é onde estaria o espaço para a ação, para a criatividade. Com o primeiro não existe erro, pois há transformações naturais, já no segundo, na ideia, pode residir o erro. Os dois planos não são autônomos, se complementam, todavia a possibilidade de transformações, ou seja, revoluções, reside no indivíduo, no “Espírito Humano”. O ato revolucionário é um estado “puramente ideal”.

O processo revolucionário ocorre sobretudo no plano das ideias. A principal motriz revolucionária é uma ideia nova que força a sociedade para um novo equilíbrio, sem ideia revolucionária não existe a possibilidade que o equilíbrio seja atingido. A transformação de Estado é uma consequência da ideia, uma readequação aos novos ideais que regem a sociedade. A ausência de uma formulação mais complexa do Estado por Plínio Salgado, ou mesmo de uma descrição mais pormenorizada do processo revolucionário e de como se faria para tomar o Estado, deve-se a concepção idealista da revolução. Problemas da organização estatal, do uso da força ou não para fazer a revolução são secundários. A grande questão é que as concepções de mundo fossem corretas, os princípios que regiam o movimento político fossem corretos.

Ao verificar o existente desequilíbrio social, surge uma nova “Ideia” que propõe uma nova forma de equilíbrio, se essa “Ideia” é errada, ou falha, ocorre uma “crise”. “A crise contemporânea é o resultado de um erro filosófico derivado da concepção científica do mundo” (p. 34). Assim, de forma generalizada, adoção de uma ideia equivocada leva a uma crise, já a ideia correta, levaria a uma nova situação de equilíbrio. No caso brasileiro, a “Ideia” correta, sintetizada na doutrina integralista, levaria a uma “revolução” que geraria um novo equilíbrio.

Plínio Salgado considerava todas as revoluções como tentativas de estabelecer um novo equilíbrio, incluindo revoluções vistas por ele equivocadas, como a revolução russa. Devido ao campo da liberdade, a “ideia” que gerava a “revolução”, não necessariamente seria acertada, e as consequências dela, nem sempre trariam o equilíbrio necessário. A revolução russa era o exemplo de uma “revolução” baseada em “ideias” errôneas, por uma incorreta avaliação do mundo, e por isso também destinada a não trazer o equilíbrio.

Ao avaliar a revolução de 1930 no Brasil, Plínio Salgado a considera como consequência da situação de desequilíbrio existente no Brasil, todavia as “ideias” que a promoveram não eram muito claras “são revoluções em que ninguém sabe exatamente o que pretende, e que investem desordenadamente contra a ordem anterior sob falsas alegações de causas aparente” (1935 p. 47). A impossibilidade de se estabelecer um equilíbrio após a revolução de 1930 se deu devido à pouca clareza dos dirigentes revolucionários, a não existência de uma “ideia-força” correta que o momento pedia. Ao escrever sobre o momento em que vivam, sob influência da Revolução de 1930, Plínio Salgado afirmou o seguinte:

...nós, brasileiros, que estamos vivendo no momento em que já não tem nenhum valor revolucionário os elementos que participaram objetivamente da revolução de 1930, pois faltou-lhe o gênio político para interpretar a psicologia de um movimento o qual, já agora, não há de parar e trará o país em contínuo desassossego, enquanto a geração para a qual se escrevem estas linhas, não desferir o golpe profundo que dela se espera (p. 48)

Percebe-se neste trecho, a importância dada por Plínio Salgado às ideias, à doutrina que conduz a revolução. A paralisia pós-revolução de 1930, o não aprofundamento dela e o conseqüente agravamento da crise, ocorreu pela incorreta interpretação da “psicologia de um movimento”. Faltou “o gênio político” que com a precisa interpretação da realidade conduziria a revolução a um novo estágio de equilíbrio social.

A AIB, na figura da doutrina de Plínio Salgado, seria o “gênio político” capaz de interpretar a realidade e propor as transformações corretas, o aprofundamento da revolução de 1930 que ainda não havia acontecido. Existe

aqui uma extrema valorização daquilo produzido pelo próprio Plínio Salgado e pela AIB, somente aquilo produzido por eles poderia levar a revolução a uma nova forma de equilíbrio. Somente a AIB tinha clareza da situação nacional e daquilo que precisava ser feito para a “salvação” do país.

A mobilização necessária para se realizar a “revolução” seria feita seguindo-se a doutrina proposta pela AIB. Se Plínio Salgado propunha a mobilização ela era no sentido de adotar, abraçar incondicionalmente a doutrina integralista. Os livros do líder integralista objetivavam atrair os possíveis novos militantes, além de convencer novos e antigos da importância de seguirem a doutrina. Tanto a *Psicologia da Revolução*, quanto *O que é o Integralismo*, deixam claro ao leitor a importância do integralismo como “salvador” do país e a necessidade de adesão a ele.

Para que a revolução se efetive é necessário que o Estado seja transformado: “Onde não se transformou o Estado, não houve Revolução”. Em *Psicologia da Revolução*, há uma ênfase na importância das transformações de Estado, da sua correta adequação a realidade social. O Estado, nunca deve ser estático, deve sempre acompanhar os “movimentos sociais”, as transformações que ocorrem na sociedade. As transformações do Estado fazem com que não haja dissonância entre a sociedade e o Estado.

Não há uma explicação aprofundada de como a nova ideia (no caso a AIB) geraria a transformação do Estado, somente é dito que a mudança seria necessária. O errado funcionamento do Estado, gerando então desarmonia social, deve-se as bases erradas de ideias que o formam. A não discussão de como ocorreria a mudança do Estado deve-se a crença da infalibilidade da doutrina correta. Caso as novas ideias sejam corretas, não existe a possibilidade do Estado dirigido por esses homens com ideias corretas, não seja construído da melhor forma possível. Por isso, ao nosso ver, todas essas discussões sobre como se mudaria e o que se mudaria no Estado, serem secundárias na teoria revolucionária de Plínio Salgado.

Apesar de ressaltar a importância de transformação do Estado em a *Psicologia da Revolução*, não há uma descrição mais pormenorizada de como será o funcionamento do Estado caso os integralistas tomassem o poder.

Obviamente, seria muito diferente do regime da República Velha, as eleições acabariam junto aos partidos político, todavia neste texto não temos mais informações da sua organização. O autor aponta alguns princípios que norteariam o Estado após a “revolução integralista”

Sua origem, como centro, de aspirações de harmonia e de equilíbrio; sua finalidade, como realização da justiça social; sua missão, de indiferente, de centro de colaboração, de estímulo, de subordinação de forças esparsas a um condicionado nacional, de supervisor, enfim, do complexo panorama do país (p. 73)

Neste trecho, Plínio Salgado apresenta princípios, não uma prescrição, ou a proposição de um funcionamento do Estado. Este tipo de escrita é bastante comum na obra de Plínio Salgado e, ao nosso ver, perfeitamente condizente com sua concepção teórica. A ausência de uma teoria do Estado mais complexa, ou mesmo a de um programa econômico integralista parece ocorrer porque, em sua teoria, tais aspectos são secundários. Mais importante era um correto direcionamento da economia e do Estado, que seriam feitos através de valores, do reconhecimento da “finalidade humana” presentes na doutrina integralista. A “crise”, seja ela política, econômica ou cultural, era proveniente da perda de sentido “final da humanidade”. Ao se resgatar a base espiritualista da sociedade, as demais áreas da vida social ser adequariam com o tempo, incluindo aí o Estado e a economia

O crescimento do materialismo fazia com que os homens se afastassem da base espiritual. Todavia, mesmo com o aumento do materialismo, os seres humanos seriam capazes de alcançar novamente o espiritualismo, desde que guiados por uma doutrina correta. A moral, para Plínio Salgado era universal, assim com a busca pelo “Absoluto”, pelo sentido final da “existência”. Isto posto, caberia então a doutrina direcionar a nacionalidade brasileira ao correto direcionamento.

As revoluções que percorriam caminhos tortuosos, o faziam por um cálculo incorreto do propositor das “ideias”, dado que a busca ao “equilíbrio”, ao “Eterno” era universal, uma característica da natureza humana. Caberia ao processo revolucionário harmonizar as transformações ocorridas no mundo

“material” com a realidade espiritual, submetendo o mundo material aos interesses “espiritualistas”. As “ideias” que guiassem a revolução deveriam levar a um novo patamar de equilíbrio “espiritualista”. No caso brasileiro, somente a AIB poderia realizar este feito, por se tratar da única doutrina correta sobre a realidade brasileira.

É importante ficar claro que a materialidade existe para Plínio Salgado, ela não deveria ser negada, mas sempre devesse estar submetida a interesses “espirituais”. Não há uma definição precisa do que seria o “mundo material”, algumas vezes nos textos é tratado como a “economia” e a “política” e estava relacionada as características mais básicas do ser humano, como comer, beber, se vestir e organizar a vida no âmbito comunitário. A materialidade era influenciada pela “história” e pela “geografia”, possuindo uma evolução própria, seguida pelas leis da natureza.

O mundo “material” muda, e quando muda, o Estado deve se adaptar a ele. Caso haja uma mudança que gere desequilíbrio, deve ocorrer uma revolução que leve a um novo equilíbrio. O problema das “sociedades materialistas” é que aspectos do mundo material foram transportados para além de seus domínios, procurou-se aplicar as leis da matéria onde a “moral” e o “destino superior dos homens” deveriam reinar. A revolução deveria solucionar este problema, adequar a realidade material a a bases espirituais.

O único movimento político capaz de realizar isto no Brasil seria o integralismo. Ele seria capaz de adequar a especificidade histórica da realidade brasileira aos ideais “universais”. Deste modo, o Integralismo seria a síntese da realidade brasileira, incluindo na sua teoria, e na sua ação, todos os aspectos da vida nacional. Plínio Salgado não negava as peculiaridades da “história” e da “geografia” nacional, todavia pensava que deveriam estar subordinada a princípios espiritualistas. O Integralismo promoveria a “sociedade Integral” em que todas as esferas da vida seriam observadas de forma conjunta, dentro de princípios espiritualistas.

Nós, integralistas, tomamos o homem na sua realidade material, intelectual e moral, e por isso, repudiamos tanto a utopia liberalistas

como a utopia socialistas. A liberal democracia pretende criar o monstro, sem estomago. O socialismo marxista pretende criar o monstro que só possui o estômago e o sexo. Em contraposição ao místico liberal e ao molusco marxista, nos afirmamos o homem-integral. (1933b, p. 36)

O homem integral era composto pelas diversas áreas da vida e possuía “aspirações materiais, intelectuais e espirituais”. O integralismo garantiria a existência do “homem integral”, cuja vida fosse pensada nestes três aspectos. O século XIX havia negado a integralidade do homem, abandonado principalmente as questões espirituais, fazendo dele um ser incompleto. A universalidade do homem, residiria no aspecto “espiritual” na busca pelo “eterno”. Independentemente do local de nascimentos, ou de aspectos “históricos” ou “geográficos” todos os seres humanos almejavam o “espiritual”. Todavia “O homem integral” também deveria ser pensado segundo a sua realidade “histórica” e “geográfica”. Na Alemanha Nazista e na Itália fascista estavam ocorrendo “revoluções” semelhantes a pretendida pela AIB, entretanto Plínio Salgado não considera possível transpô-las a realidade brasileira, sendo necessário uma “Ideia-força” própria que levasse em consideração a realidade “histórica e geográfica” do povo brasileiro.

A doutrina de Plínio Salgado era considerada por ele superior a qualquer outra formulação feita sobre a sociedade brasileira e deveria servir como um guia, inicialmente para os militantes e após a “revolução” para toda a sociedade brasileira. Sua doutrina englobaria todos os aspectos da vida, desde a produção material até a relação do homem com Deus, por isso ela a considerava “integral”. Além disso, ela estava dentro de um ideal “ético” de sociedade, então as ações decorrentes dela não poderiam ser equivocadas.

A apresentação do Integralismo como a salvação do Brasil está presente em diversos textos da AIB, assim como a “ideia” que ela seria um movimento revolucionário. As concepções que apresentamos acima, de forma mais aprofundada sobre as origens da crise e sobre a concepção de “revolução”, estão presentes em *O que é o Integralismo* e em *A Psicologia da Revolução*. Plínio Salgado faz em outros textos um diagnóstico da “crise” também a identificando com a filosofia do século XIX, embora de forma mais simplificada. A crítica a situação atual do Brasil, aos problemas do regime

político são mais presentes. Plínio Salgado tece tal crítica apontando que o Integralismo e o novo Estado que estariam dispostos a construir seria importante na superação da atual situação.

As críticas ao pluripartidarismo e a democracia liberal são temas recorrentes na obra de Plínio Salgado. O “Estado Integral” seria “centralizado” e “autoritário”, muito diferente da forma como o Estado Brasileiro se apresentava na República Velha. Apesar disso, no segundo congresso da AIB, datado de março de 1935 foi aprovado o Estatuto do movimento. Nele é reconhecida a Constituição Federal de 1934 e está presente a proposta de uma reforma do Estado e a criação de uma nova cultura “evitando lutas entre Províncias, entre classes, entre raças, entre grupos de qualquer natureza e rebeliões armadas”

O Estatuto não foi escrito apenas por Plínio Salgado, sendo uma síntese de diversas ideias do movimento. Queremos enfatizar que a ideia de revolução, na maior parte das vezes, assume um caráter cultural, no Estatuto está escrito que um dos objetivos da AIB é criar uma “nova cultura”. A aceitação da Constituição Federal de 1934 também aponta para a tentativa, ou menos na formalidade escrita, de se tomar o Estado por vias formais e depois reformá-lo, sendo que revolução é vista apenas como uma transformação cultural.

A AIB treinava milícias em todo o país, revelando uma preparação para um confronto armado, caso necessário. Isto posto, acreditamos que a via institucional passou a ser uma alternativa viável com o crescimento do movimento, mas não a única possível. A “revolução” tinha o caráter cultural ou espiritual, mas também pode ser encarada a partir do viés armado. A urgente necessidade da mudança não poderia descartar a necessidade de tomada do poder pelo uso da força.

Textos posteriores a 1935 passaram a flertar cada vez mais com a via institucional, com a clara possibilidade da eleição de Plínio Salgado para presidente em 1937. Cavalari (1999) aponta que as campanhas de alfabetização se intensificaram e as eleições passaram a ocupar uma posição cada vez mais central na medida em que as eleições de 1937 se aproximavam.

No Natal de 1935 Plínio Salgado publicou um texto intitulado *Carta de Natal de Fim de Ano* (1935a) na revista nacional da AIB denominada *A Offensiva*. O foco era atingir os militantes e responder algumas críticas que vinham sendo feitas ao movimento. A questão principal da carta é afastar a noção de “Chefe” do movimento daquela da Alemanha Nazista, além de uma aproximar o Integralismo à doutrina católica. O “erro filosófico” do século XIX havia gerado uma concepção deturpada da função do Estado, solapando “os fundamentos cristão da sociedade”. A Alemanha nazista, por não ter essa base cristã, acabou por adotar uma forma de paganismo:

A concepção do Chefe, como um homem diferente dos outros, um semideus, terminado na própria encarnação de Odim, e a concepção de seus adeptos, como seres inumanos, super religiosos, porém que, sem um fundamento cristão. (p. 13)

Percebe-se uma diferença do que seria o líder integralista para o líder nazista, na opinião de Plínio Salgado. O primeiro seria um pagão, decorrente do ateísmo do século XIX, enquanto o segundo agiria de acordo aos ideais cristãos de sociedade. O “Estado Integralista” seria diferente do “Estado Nazista”, “é na lição de Cristo que poderemos encontrar a verdadeira linha do Estado” (p. 17). Ao estabelecer as críticas ao nazismo, o faz baseado em Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) e procura claramente aproximar a AIB da doutrina católica.

Em *Psicologia da Revolução* e *O que é o Integralismos*, ambos escritos em 1933 não existe crítica a Alemanha nazista. O nazismo e o fascismo italiano eram vistos como um exemplo da nova sociedade que estava surgindo, diferente da decadente sociedade liberal. Em menos de 3 anos a opinião de Plínio Salgado mudou completamente, de uma grande simpatia, para uma forte crítica.

O Estado Integral na *Carta de Natal* aparece como sendo afastado da religião, não interferindo nela. Tudo que diz “respeito à personalidade humana e a tudo o que dela se origina [...] pertence ao reino de Cristo” não sendo papel do Estado interferir neste aspecto. Há claramente no texto uma resposta as

críticas que o Integralismo faria algum tipo de culto religioso ao líder, bem como que seria um movimento muito radical. Plínio Salgado, quase no fim, escreve ser contrário ao “exagero das exaltações revolucionárias”.

A tentativa de se aproximar de uma visão religiosa e se afastar da alcunha de antidemocrático segue nas *Preliminares do “Manifesto Programa” da Ação Integralista Brasileira* de Janeiro de 1936, ou seja, aproximadamente um mês após a *Carta de Natal*. Este texto foi escrito por Plínio Salgado com vista na eleição presidencial que deveriam ocorrer no início de 1938. Sobre a questão religiosa, escreve que garantirá a liberdade de culto e que o integralismo tinha como objetivo a “grandeza nacional dentro de um ideal cristão da sociedade brasileira”.

No mesmo texto, junto a esta aproximação ao cristianismo, surge também uma tentativa de afastar o integralismo de um pensamento ditatorial “O integralismo não é antidemocrático. Ao contrário, quando condena os partidos é porque visa substituí-los pelas corporações, órgão que em nossos dias são os únicos capazes de captar a vontade popular.” (p. 03). Ocorre aqui uma aproximação do Integralismo com a democracia, algo que quando visto em textos anteriores de Plínio Salgado, não se refere a organização corporativa. Mais a frente ainda no mesmo texto “O Integralismo, portanto, não é uma doutrina ou apologia a ditadura.

A noção de democracia apresentada nestes textos próximos ao fim da AIB e também às eleições de 1937 nos parecem claramente como a defesa do sufrágio. Anteriormente Plínio Salgado havia descrito, conforme já falamos aqui, a democracia como uma condição cultural de igualdade, todavia, nestes textos finais, nada nos leva a crer que a palavra democracia estava escrita com esses significados. Toda a estrutura da AIB estava voltada para a eleição de Plínio Salgado para presidente e o uso da palavra democracia em cartas e textos importantes visava assegurar que as eleições ocorressem.

Preliminares do “Manifesto Programa” da Ação Integralista Brasileira era um documento muito curto, apenas três páginas na edição que estamos em mãos, e era bastante importante pois deveria guiar o desenvolvimento da campanha eleitoral para presidente. A ênfase dada ao caráter cristão do

movimento e do afastamento de regimes ditatoriais em um documento tão curto revela a preocupação desta questão colocada por Plínio Salgado. O uso da palavra revolução, no sentido positivo dado na maioria dos textos do líder Integralista, não está presente.

Nos é bastante claro que na medida que a possibilidade eleitoral se apresenta viável e as críticas ao Integralismo pelas suas proximidades ao nazi-fascismo aumentam, Plínio Salgado opta por abrandar o discurso e aproximá-lo da doutrina católica, onde talvez visse um aliado de peso. Na medida em que o caráter político da revolução, bem como o uso da força não são nítidos no seu texto, uma proposta mais branda de tomada ao poder para uma posterior reforma do Estado não se apresenta como algo tão incoerente.

Um viés mais democrático da tentativa de tomar o poder fica claro no discurso de Plínio Salgado, de maio de 1937 intitulado *Salvemos a Democracia*. Nele, há um apelo as instituições, ao judiciário, baseado na Constituição, para que a eleição seja feita dentro das regras estabelecidas, para que a democracia e a vontade do povo fosse respeitada. “Queremos a paz necessária às lutas eleitorais. Não nos animam quaisquer intuítos de violência [...] sustentamos os nossos direitos dentro da lei e perante a justiça” (1955, p. 194).

A adoção de um discurso mais ameno não se apresenta como uma guinada de Plínio Salgado a democracia representativa, mas sim uma tentativa de buscar a tomada do poder pela via democrática. Junto a isto, temos a resposta à críticas feias ao movimento, ao nazi-fascismo, que nos últimos textos apresentados se tornaram bastante claros. A reforma do Estado e a instauração das corporações em substituição ao Estado ainda estão presentes nos textos, embora seu momento seria após a tomada do poder.

A visão de Plínio Salgado era extremamente idealista. O movimento que possuísse as concepções de mundo correta, ao tomar o poder, realizaria as transformações necessárias, justamente por ocorrer uma correta compreensão do Brasil e da finalidade humana. Se a palavra “revolução” apresenta diferentes significados nos textos Plínio Salgado, o caráter espiritualista dela nunca se apaga. Na concepção de Plínio Salgado, o uso da

força, ou mesmo a eleição seriam apenas um meio, pois a “revolução” seria feita de “ideias”.

O discurso de Plínio Salgado era extremamente moralizante e mobilizante. A partir de uma forte crítica a situação política do país, decorrente de um afastamento moral, do abandono dos valores espirituais, o líder do movimento convocava todos os brasileiros a se empenharem individualmente e coletivamente na transformação país. A fluidez do discurso, ou seja, o apelo a uma moral abstrata, bem como o apelo a participação popular, mesmo que de forma subordinada, podem ser a explicação para o sucesso da AIB do ponto de vista do número de militantes que aderiram ao movimento. Todavia, tal fluidez também pode explicar o fracasso de Plínio Salgado em formular uma teoria do Estado e da revolução mais consistente e prática, culminando no fracasso da tomada do poder frente as soluções colocadas por Getúlio Vargas.

A noção de “crise”, “integralidade” e “revolução”, como já discutimos no capítulo anterior e, não eram exclusivas de Plínio Salgado nos anos de 1930. No capítulo seguinte verificaremos como estes conceitos eram formulados por Alceu Amoroso Lima, procurando nos fixar em uma possível intertextualidade entre os dois autores. A análise dos textos de Alceu Amoroso Lima será feita com base nos conceitos de Plínio Salgado que discorreremos neste capítulo.

4 ALCEU AMOROSO LIMA E PLÍNIO SALGADO

Analisaremos neste capítulo a produção intelectual de Alceu Amoroso Lima. Tomaremos como base para nossa análise o livro *Preparação à Sociologia* de 1931. Procuraremos verificar como o autor se utiliza dos conceitos de “integralidade”, “crise”, e “revolução” neste livro. O objetivo é verificar de que forma os conceitos estudados aproximam-se da maneira como Plínio Salgado os utilizava, procurando então uma compreensão mais apurada de seus significados.

Inicialmente escreveremos brevemente sobre as origens intelectuais e políticas do Centro Dom Vital. Em seguida, a partir da concepção de sociologia de Alceu Amoroso Lima, buscaremos explicar a origem “espiritual” da “crise” e como ela se relaciona com a “integralidade”. A partir destes conceitos, faremos um paralelo entre o pensamento do líder católico e o chefe integralista. Por fim, buscaremos a relação entre a teoria da “revolução” de Plínio Salgado e o uso do léxico “revolução” na obra de Alceu Amoroso Lima.

Não pretendemos fazer um estudo pormenorizado dos trabalhos de Alceu Amoroso Lima no período, entretanto utilizaremos o autor para contextualizar nossa compreensão dos textos de Plínio Salgado no interior de um léxico comum.

O Centro Dom Vital foi criado em 1922 sob a liderança de Jackson de Figueiredo que se manteve a sua frente até 1928, quando faleceu. Alceu Amoroso Lima assumiu então o comando do Centro, tornando-se a principal liderança católica laica no Brasil. A criação do Centro tem como principal articulador dentro da Igreja Católica o Cardeal Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro a época. O Centro visava organizar os leigos como forma de aumentar a influência da Igreja Católica em toda a sociedade brasileira (DIAS,

1996)

A criação do Centro Dom Vital faz parte de um processo maior de tentativa da Igreja Católica ampliar seus domínios sobre a sociedade brasileira. Diversos autores (DIAS, 1996), (MICELI, 2009), (VILLAÇA, 2006) apontam que, após o fim do Império e a ascensão da Primeira República, a Igreja Católica perdeu muito da sua força política e também sua fonte material de recursos, enfraquecendo-se. Durante o Império, existia o regime do padroado, em que o Estado era responsável pela arrecadação dos dízimos e os clérigos eram funcionários da Coroa. Após o fim do padroado com a Proclamação da República, terminou-se o vínculo do Estado com a Igreja, sendo que o clero foi obrigado a buscar novas fontes de receitas e administrar de forma autônoma seu próprio patrimônio.

O processo de reestruturação financeira da Igreja fez com que ela se empenhasse na criação de escolas católicas, uma importante fonte de receitas. Essas escolas, na maioria das vezes destinadas aos mais ricos, fez com que a Igreja ocupasse importante papel na formação das elites. A ampliação das dioceses pelo interior do país também favoreceu uma maior proximidade da Igreja com as elites locais. Sérgio Miceli (2009) em a *A Elite Eclesiástica Brasileira* descreve de forma bastante pormenorizada estas transformações sofridas pela Igreja.

Não apenas por mudanças organizacionais internas passou a Igreja Católica no Brasil no fim do século XIX e início do século XX, mas também por mudança ideológica profunda relacionada a transformações históricas ocorridas no século XIX. Dias em *Imagens da Ordem* (1996), aponta haver uma dissonância entre o projeto moderno, representado pelo iluminismo, a revolução francesa e a Igreja Católica, profundamente ligada ao antigo regime. O pensamento católico europeu do século XIX beberia na fonte da contra-revolução, inspirado em autores como Joseph de Maistre, Louis Bonald e Edmund Burke. De modo geral, nestes autores, há forte crítica à ideia de liberdade que, segundo essa perspectiva, levaria ao anarquismo e ao caos. Como forma de evitar a fragmentação social, os autores preconizam a

necessidade de hierarquias sociais mais rígidas. A história e a tradição é que deveriam pautar as decisões políticas e as formas de organização do Estado, não a razão como defendiam os iluministas. Ainda segundo Dias, junto a isto defendiam um papel central do Estado e da Igreja como freios ao individualismo, tanto um quanto outro deveriam ser fortes e centralizados.

A postura da Igreja parte de uma condenação da realidade pós-revolucionária, de uma tentativa de regressar a um mundo tal como era anteriormente a revolução francesa. A encíclica *Rerum Novarum* de 1881 do Papa Leão XIII assinala uma postura mais moderada a respeito das mudanças ocorridas no mundo moderno. Se anteriormente a ideia era voltar a uma realidade anterior à Revolução Francesa, a partir da encíclica, a Igreja passa a procurar abrandar o malefícios do pensamento moderno, a reduzir os danos revolucionários, sem contudo propor uma volta ao antigo regime. Apesar da mudança do pensamento, para o autor existem alguns elementos centrais ao pensamento contra-revolucionário católico que se perpetuaram:

O magistério eclesiástico e a burguesia trouxeram ao cenário elementos da doutrina sobre a autoridade, elaborada sobre o conservadorismo, e fizeram deles um freio ao processo emancipatório da razão individual e da soberania do homem na ordem social. A eficácia deste instrumental foi garantida por meio de alguns mitos cuidadosamente produzidos: a volta à cristandade medieval; a autoridade, carregada de atributos messiânicos; o sonho de uma totalidade social configurada pela unidade; a esperança de uma vida em harmonia, paz e estabilidade permanentes (p. 48)

A crítica às formas com que a sociedade moderna estava constituída, ou ao menos tentava se constituir, baseadas em ideias iluministas era central nos argumentos defendidos pela Igreja e por grupos ligados a ela dentro do espectro do conservadorismo. O liberalismo, seja ele político ou econômico, a centralidade da razão e os ideais democráticos eram negados em prol da ideia de uma harmonia, de uma unidade social que tinha como inspiração a sociedade medieval.

A postura ativa da Igreja no século XIX veio acompanhada de uma profunda mudança na sua organização. Até o século XIX a Igreja era bastante

fragmentada, muito ligada aos governos dos países em que estava presente e pouco submissa a figura do papa e a Roma. Miceli (2009) demonstra que, com as transformações ocorridas na Europa nos séculos XVIII e XIX, a Igreja passa a buscar uma maior influência no próprio clero, além de uma coerência doutrinária com base no pensamento da Cúria Romana, processo denominado romanização. Uma consequência da romanização foi o combate ao catolicismo popular, considerado extremamente independente e herege em suas práticas e concepções.

A busca por uma maior unidade na Igreja também foi sentida no Brasil. A tentativa dos bispos influenciarem na organização dos padres do interior, submetendo-os às suas ordens, bem como o controle das festas religiosas e do catolicismo popular foi uma constante no fim do século XIX. Como forma de aumentar a influência doutrinária no clero, as reuniões entre eles e os bispos tornou-se constante, assim como as viagens a Roma. Miceli afirma que o fim do Império e do padroado acabou por fortalecer a romanização, pois como a Igreja foi deixada a sua própria sorte, a reorganização interna se fez necessária. Desta forma os bispos aumentaram sua influência e controle em áreas que anteriormente não eram atuantes.

A atuação do Cardeal Leme estava completamente inserida neste contexto. Sua base intelectual eram os pensadores contra-revolucionários e a já citada encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII. O objetivo de suas ações era aumentar a influências da Igreja na sociedade brasileira combatendo a laicização existente através de uma recatolização da sociedade. Sobre as intenções do arcebispo para o Brasil, Romualdo Dias (1996) escreveu o seguinte:

A sociedade brasileira, em particular, também era concebida como estando em crise. Dois males foram ressaltados: primeiro, a ignorância religiosa do povo; segundo, o divórcio entre a nação e o governo. Não aceitavam que uma nação “profundamente católica” fosse governada por homens identificados como ateus pela hierarquia. Com base nesta concepção, fica justificada a obra restauradora, liderada pelo episcopado e desenvolvida em dois campos: a “ação pela base” que, no combate ao primeiro mal cuidava da formação do sentimento popular, cultivando a crença e o

patriotismo; e a “ação pelo alto”, responsável pelo combate ao segundo mal, formando as elites intelectuais e os homens de governo, aqueles que pela capacidade de compreender algumas doutrinas e assumir alguns ideais, poderiam dirigir as massas. (p. 64)

A criação do Centro Dom Vital faz parte desta tentativa de recatolização da sociedade brasileira e foi pensada junto com outras atitudes por parte da Igreja. Dentre as ações tomadas pela Igreja podemos citar a criação da Liga Universitária Católica (LUC) em 1929, a Liga Eleitoral Católica (LEC) e o Instituto Católico de Estudos Superiores (mais tarde viria a se transformar na PUC) em 1932. Como forma de mobilização popular foram feitos vários congressos eucarísticos no país, foi inaugurado o Cristo Redentor em 1931 e foram feitas diversas outros eventos públicos com grande participação popular.

Romualdo Dias coloca o Centro Dom Vital como principal articulador destas ações da Igreja, além de ser o núcleo da produção intelectual católica. A partir de agora nos centraremos nos textos de Alceu Amoroso Lima produzidos nos anos de 1930. Ressalta-se que o autor estava bastante comprometido com a recatolização do país e seus textos tinham por finalidade ampliar a influência da Igreja em toda a sociedade.

Em 1931 Alceu Amoroso Lima publicou um livro denominado *Preparação à Sociologia*. Nele o autor apresenta sua concepção do que era a sociologia e a partir dela diversas proposições sobre o funcionamento da sociedade. O texto parte de uma profunda crítica as concepções hegemônicas da sociologia em seu tempo e propõe aquilo que chama de “sociologia finalista” ou “sociologia cristã”.

A sociologia de seu tempo era vista como “subjetivista” por estar centrada no indivíduo e buscar a sua explicação para as coisas em bases subjetivas. Aqui, a subjetivismo entendido como um apelo excessivo ao indivíduo, ao “entendimento individual”.

Pois um fenômeno curioso ocorreu com esse desequilíbrio no pensamento moderno, que fez da inteligência humana o centro do universo o conhecimento das coisa a medida mesquinha da inteligência do homem, quando essa inteligência é apenas forma inferior de inteligência. (p.15)

O pensamento moderno, tendo como uma de suas manifestações o pensamento sociológico, tinha trazido ao homem a única raiz explicativa dos fenômenos sociais. Como forma de pensamento “individualista” ou “subjetivista” Alceu Amoroso Lima faz por entender que a ciência feita nestes pressupostos era limitada e reduzida. A inteligência humana era vista como extremamente limitada, e por isso, qualquer forma de conhecimento que a tomasse como base, que tomasse os homens como fonte de explicação seria pensada como algo feito em uma base inferior.

A base do pensamento naturalista era a tomada da característica natural do homem como sua condição única e o julgamento de todo o universo a partir dela “na concepção naturalista das coisas, o homem se torna a medida de todas as coisas, colocando-se no centro do universo e modelando a realidade dos seres pela forma do seu entendimento individual” (p.14). O homem natural, ou seja, o aspecto animal e individual dos seres humanos era o único existente e a medida encontrada pela filosofia moderna para avaliar todos o universo

A “sociologia determinista”, ou seja, influenciada pela “filosofia naturalista” negava toda a “realidade espiritual” e dava uma validade pretensamente científica a uma “filosofia social” que se embrenhava na análise do ser humano de forma parcial. Tanto Durkheim, como os “sociólogos americanos” buscavam externalizar as características naturais para todos os aspectos da vida humana.

A forma encontrada de se realizar uma verdadeira sociologia era resgatando a realidade “espiritual” do ser humano. A “sociologia finalista” era baseada “na concepção finalista da vida, de que o cristianismo social é a forma

mais completa” (p. 27). Deste modo, o que Alceu Amoroso Lima procurava fazer era inserir o aspecto religioso, a realidade “espiritual”, “sobrenatural” dentro do pensamento sociológico. O pensamento somente seria completo e teria validade de análise social caso reconhecesse que os homens eram seres de “transição entre o mundo natural e o mundo sobrenatural”.

A concepção naturalista da vida, - com a sua exclusão de todos os valores finais, com sua omissão de toda realidade espiritual autônoma, com a supressão de toda vida supraterrana, com a redução da complexidade do real à simplicidade superficial dos fenômenos aparentes [...] essa concepção materialista ou determinista da vida dominou a sociologia, como dominou a literatura e a filosofia, a psicologia ou pedagogia (p.19-20)

A necessidade de mudança de abordagem, de negação do “naturalismo” não era existente apenas na sociologia. Ocorre uma proposta de uma agenda intelectual que fosse embasada na visão “espiritual” do mundo e que suplantasse o “naturalismo” em prol de uma transformação na forma de ver o mundo. Isto levaria a uma consequente transformação da forma como a sociedade estava organizada, dos valores que conduziam o mundo social.

A neutralidade da sociologia não era algo desejável na concepção de Alceu Amoroso Lima. A ideia de neutralidade estava relacionada à ausência de uma finalidade. Uma abordagem “naturalista”, que não reconhecesse a “finalidade” espiritual humana poderia partir da noção de uma sociologia neutra. “A sociologia é, portanto, uma ciência normativa e prática, uma ciência que conhece para agir e não apenas para conhecer” (p. 32). Ao se conhecer a finalidade humana, a sociologia deve servir como uma guia para que a organização social caminhe para esta realidade.

Algumas ciências eram consideradas como auxiliares da sociologia e portanto deveriam também possuir o caráter normativo. O direito, a economia, a pedagogia e a política eram ciências sociais auxiliares de sociologia, ou seja, visam também “realizar” a realidade, não apenas conhecê-la. A base da

sociologia e de suas ciências auxiliares não seria a biologia que havia influenciado na sociologia de Comte e Durkheim, mas a ética.

A grande preocupação do autor é se afastar da sociologia e ciência naturalista, em prol de uma nova, em outras bases. As características da sociologia “anti-cristã” são as seguintes: “inexistência do sobrenatural”, “materialismo da alma humana”, “determinismo da vontade” e evolucionismo progressivo e mecânico”. Já a “sociologia finalista” ou “cristã” seria baseada nos seguintes postulados: “a existência de Deus”, “a imortalidade da alma”, “a liberdade da vontade” e “a encarnação de Cristo”.

A “sociologia finalista”, proposta por Alceu Amoroso Lima, era uma sociologia amplamente baseada em valores cristãos, cujas análises seriam balizadas pelo reconhecimento da base “sobrenatural” dos seres humanos, suas finalidades extra-terrenas. O erro de toda a ciência “naturalista” era seu “materialismo”, sua explicação pelo mundo “material” e apenas pela vontade humana.

Há uma profunda crítica a todo o projeto moderno na concepção sociológica de Alceu Amoroso Lima. A possibilidade de um conhecimento objetivo, ao menos nas questões sociais, é negada. O afastamento do pensamento religioso da filosofia e das ciências é também refutado. Junto a isto, ocorre o abandono da centralidade do método científico em prol do reconhecimento de postulados cristãos. A existência do mundo sobrenatural, bem como da alma e de aspectos imateriais da vida, eram basilares na sociologia proposta.

A sociedade que havia gerado o pensamento moderno, anti-cristão e anti-espiritualista, estava em decadência pelo ponto de vista colocado por Alceu Amoroso Lima, e com ela sua ciência. Ao propor uma nova forma de fazer sociologia, o autor estava claramente preocupado com uma ciência adequada a uma nova realidade, calcada em bases “espiritualistas”. O pensamento moderno era falho e limitado, por isso necessitava ser substituído por outro.

Sintetizando um pouco a concepção de sociologia de Alceu Amoroso Lima, temos o seguinte: existem dois tipos de sociologia, a “naturalista”, também chamada de “determinista” ou “anti-cristã” e a “finalista”, também denominada de “cristã” ou “integralista”. Lima advogava em prol da sociologia “finalista”. As principais características das duas sociologias estão na tabela abaixo:

TABELA 1 : SOCIOLOGIAS NATURALISTA e FINALISTA

POSTULADOS	SOCIOLOGIA NATURALISTA	SOCIOLOGIA FINALISTA
Espiritualidade	inexistência do sobrenatural	existência de Deus
Alma Humana	materialidade da alma humana	imortalidade da alma
Arbítrio	determinismo da vontade	liberdade da vontade
Fundamento Explicativo	evolucionismo progressivo e mecânico	encarnação de cristo

A proposta de sociologia feita por Alceu Amoroso Lima era uma reação ao tipo de sociologia que ele considerava inadequada por estar fundamentada no “pensamento moderno” que abandona o “espiritualismo”. Dentro desta sociologia “materialista” o autor cita explicitamente Durkheim e os “sociólogos americanos. Apesar de não citar mais explicitamente outros sociólogos, podemos concluir que a crítica é feita a toda sociologia de caráter racionalista, que têm como base o pensamento científico.

Como podemos ver até aqui, a noção de que havia uma falta de espiritualidade na sociedade nos anos de 1930 não era exclusiva de Plínio Salgado. Alceu Amoroso Lima fazia um uso do termo “espiritualista” de forma bastante semelhante àquele usado pelo líder integralista em seus textos. A perspectiva que a sociedade havia negado e abandonado um destino ou uma “finalidade espiritual” se constrói em ambos os autores.

O “espiritual” está presente em oposição ao “material” em ambos os

autores. Não que houvesse a negação da materialidade, entretanto essa materialidade corresponderia a um aspecto limitado da vida humana, relacionado à vida terrena. O material é tratado como o “animal”, como “estômago”, nas palavras de Plínio Salgado, com aquilo que seria determinado pela biologia, que nos aproximaria dos outros seres vivos.

A visão “espiritualista” compreenderia o ser humano em sua plenitude, com uma noção de finalidade da vida, como uma análise mais completa. O “naturalismo” não era considerado apenas fraco como explicação teórica por meramente negar um sentido extraterreno à vida humana, mas também por ser uma explicação ruim, fraca teoricamente. A sociologia e também o pensamento científico era tido como uma explicação insuficiente da realidade social.

Todo o projeto científico moderno é tipo como falho aos olhos dos dois autores. O projeto teórico proposto opõe-se ao projeto moderno, se constrói a partir das limitações dele e pretende superá-lo. Somente uma concepção que tivesse o aspecto “espiritual” da vida em seu meio poderia conseguir uma imagem objetiva da realidade. Cabe frisar que tanto Alceu Amoroso Lima quanto Plínio Salgado não eram contrários a ciência, nem propunham uma volta à um pensamento pré-científico. A oposição colocada é a um tipo de ciência feita, considerada “naturalista”, “burguesa” que não conseguia dar conta de toda a complexidade da vida humana.

Podemos classificar os dois autores como idealistas, ou seja, as ideias que geram a realidade social. Para Salgado, ideias erradas geraram a sociedade burguesa. O afastamento da concepção espiritual da vida havia trazido à tona o tipo de sociedade “materialista” existente, as ideias “materialistas” haviam criado a sociedade “burguesa”. Em Alceu Amoroso Lima, também havia a noção que toda uma errada filosofia de base ateia havia gerado a sociedade “burguesa” e a forma de superar isso era com o resgate dos valores “espirituais” que iria transformar a maneira das pessoas agirem. Através da normatividade sociológica, com a visão na “finalidade humana”, ou seja, na base “espiritual” da vida, seria possível transformar a realidade.

Apesar do semelhante diagnóstico dos males sociais provocados pelo

afastamento da “espiritualidade” e de ambos os autores até aqui citados possuem um conceito de “espiritual” muito próximo, não podemos dizer que Plínio Salgado meramente reproduziu o conceito espiritualista de Alceu Amoroso Lima e da doutrina católica. O que nos parece mais plausível é que ele tinha uma visão parecida dentro de um debate que era comum aos anos de 1930, que explicaria a “crise” vivida pela sociedade. Entretanto, existem algumas diferenças nas formas de pensar o espiritualismo.

A doutrina integralista era espiritualista na visão de Plínio Salgado e era uma síntese superior de toda a realidade social. Segundo o pensamento do líder integralista, não era possível na realidade brasileira haver um pensamento mais completo e profundo que aquele produzido pelo movimento. Não existia no pensamento de Plínio Salgado meramente um reconhecimento da finalidade espiritualista da vida humana para além da doutrina. O próprio pensamento político da AIB era visto como algo espiritual no qual residia a “finalidade” superior. A adesão à doutrina significava na visão de Plínio Salgado uma nova postura frente ao mundo, algo que funcionava de forma muito semelhante a uma atitude religiosa. O integralismo que levaria seus militantes, e no futuro toda a nação, a um mundo mais “espiritual”, a uma atitude “espiritualizada”.

Nada nos leva a crer que Alceu Amoroso Lima desse tanta força a uma doutrina política, que a considerasse capaz de elevar o nível espiritual da nação. Antes de tudo, Alceu Amoroso Lima era um pensador católico e seu objetivo era ampliar a influência da Igreja na sociedade e promover uma recristianização da sociedade. A única instituição capaz de promover a “espiritualização” do povo brasileiro era a Igreja Católica, somente a religião daria coesão a vida social. Em *Preparação à Sociologia* Alceu Amoroso Lima escreve o seguinte:

nós, christãos, affirmamos que a religião é o fermento do povo. Pois só ella permite que a preocupação dos interesses materiais não sobrepuje a tudo mais no homem. Só ella faz com que a vida cultural não seja apenas um artifício e um adorno. (p. 66)

Este trecho dá uma ideia mais clara da importância da religião na sociedade. Para Alceu Amoroso Lima, somente ela poderia livrar a sociedade do materialismo e levar ao espiritualismo. Caso trocássemos a palavra “religião” por “integralismo” o trecho acima se aproximaria muito bem de algo escrito por Plínio Salgado.

Não queremos aqui dizer que Plínio Salgado se opusesse ao catolicismo, muito pelo contrário, o líder integralista era católico. Além disso, a palavra “Deus”, no sentido de Deus cristão é constantemente citada em sua obra. As reivindicações educacionais para a Constituição de 1934 feitas pelo Centro D, Vital são também defendidas por Plínio Salgado, revelando grande proximidade entre o pensamento do líder integralista e os objetivos da Igreja. A questão que colocamos é o fato do amplo valor dado a própria doutrina que Plínio Salgado tinha, colocando-a em um patamar superior às outras formas de pensamento. Mesmo ambos considerando a importância da “integralidade”, o papel dado a uma doutrina política no pensamento de Plínio Salgado é bastante diverso se comparado a Alceu Amoroso Lima

O termo “integral” é bastante comum no livro *Preparação à sociologia*. O autor chega inclusive a dizer que a “sociologia cristã” ou “finalista” é também uma “sociologia integral”. Ela abrangeria todos os aspectos da vida, tanto o “natural” como o “espiritual”. A “integralidade” no texto de Alceu Amoroso Lima refere-se a uma visão de mundo que fosse completa, que não analisasse aspectos isolados da realidade, mas que fosse pensada como um todo.

Novamente percebe-se a oposição àquilo que Alceu Amoroso Lima chamava de “pensamento moderno” e sua visão fragmentação do mundo. Uma “sociologia integral”, ou uma perspectiva “integral” de análise social não apenas pensaria nos diversos aspectos da vida social, mas também incluiria a realidade “sobrenatural”, ou seja, “espiritual” da vida humana.

A estrutura da sociedade, portanto, na concepção integralista que aqui desenvolvemos, compreende todos os círculos de formação e expansão do homem, desde a vida física da natureza, até a vida sobrenatural, finalidade última do ser humano, e que por isso mesmo domina não só a sociologia como toda a sociedade cristã. O campo dos nossos estudos sociais abrange : a) a vida natural; b) a vida individual; c) a vida doméstica; d) a vida econômica; e) a vida cívica; f) a vida internacional; g) a vida sobrenatural. (p.42)

Cada um desses aspectos da vida social possuíam uma “expressão concreta”, uma instituição, uma forma na “estrutura social” que a representasse. Estes seriam:

a) a expressão concreta da vida natural é o meio; b) a da vida individual é o homem; c) a da vida doméstica é a família d) a da vida econômica é o grupo profissional; e) a da vida cívica é o Estado; f) a da vida internacional é a Sociedade das Nações; g) A da vida sobrenatural é a Igreja. (p. 42-43)

As “expressões concretas” teriam características universais, em qualquer sociedade elas existiriam e qualquer ser humano estaria submetido a elas. Em uma “sociedade cristã”, elas se desenvolveriam em perfeita harmonia. Assim, não há uma sociedade integral sem a existência da Igreja, sem que o sobrenatural fosse mediado pela Igreja Católica. Consequentemente, qualquer sociedade em que a Igreja não estivesse presente promovendo a espiritualidade não poderia ser atingida a integralidade, nem a desejada harmonia social.

Há uma forte crítica as formas de organização social que não possuíssem essa visão “integral”. As visões que enfatizassem apenas algum aspecto da vida social eram consideradas equivocadas. Desta forma, as perspectivas que reduzem a sociedade ao clima ou a raça são consideradas equívocas. O reconhecimento apenas do indivíduo e sua explicação apenas pela psicologia também é rechaçado. Mesmo formas mais totalizantes, mas que pensam num estado muito centralizado, com muitos poderes, fugiram de

uma visão “integral” e “christã” de sociedade.

A sociedade seria uma soma de todos esses “círculos de formação e construção” do homem, a visão integral englobaria todos eles e constituiria assim o mundo. Mesmo com a “integralidade” existe uma certa autonomia para as diversas áreas da vida social, sem que fosse pensado num domínio de uma área sobre outra. A religião, na forma da Igreja, é que daria sentido ao resto, embora a Igreja não devesse dominar outras áreas que não fossem relativas ao domínio espiritual. Não é proposta uma teocracia.

A integralidade então aparece como o reconhecimento da existência de diversos aspectos da vida social, onde cada um tem sua função e um não se sobrepõe ao outro. O que dá um sentido a todas as áreas de vida social, através do reconhecimento da realidade sobrenatural e dá uma finalidade a todos esse “círculos de formação e expansão do homem”, é a Igreja. A sociedade integral é composta pelo meio natural, a família, o Estado, o grupo profissional, as relações entre países e a Igreja, tudo sem a hipertrofia ou a diminuição de nenhum deles.

O conceito de “integral” em Plínio Salgado também apresenta diversas características semelhantes as colocadas por Alceu Amoroso Lima. A ideia deriva da noção de fragmentação colocada pela “erro filosófico” feito pela sociedade ocidental, ou seja, pela adoção do “materialismo” e a “fragmentação do mundo”. O líder integralista então propunha uma nova visão do mundo, uma nova forma de enxergar a realidade que abandonasse os erros cometidos e apontasse para um futuro novamente integrado.

A base argumentativa é muito semelhante em Plínio Salgado: a sociedade vinha entrando em decadência desde o fim da idade média e após o renascimento procurava-se a razão e abandonava-se o “espírito”. A integração do “espírito” na concepção filosófica é fundamental na argumentação tanto do líder do Centro Dom Vital quanto no chefe integralista. É proposta uma visão “espiritual” que resgatasse uma finalidade humana além dos interesses imediatos, que superasse o ser humano biológico.

O “integral” funciona como uma consequência lógica no pensamento dos dois autores. A ideia era integrar o que a filosofia materialista havia separado, sob a égide do “espiritual” do “eterno”. Ao contrário do sociedade “burguesa” que havia fragmentado todo o mundo, aquela que os autores analisados estavam dispostos a analisar seria “integral” e “harmoniosa”.

A aspecto que diferencia os dois é novamente a centralidade dada por Plínio Salgado a doutrina integralista. Se para Alceu Amoroso Lima a Igreja tinha um papel central na espiritualização do mundo, para Plínio Salgado era a AIB que no Brasil promoveria o surgimento de um novo tempo, de uma nova era integral, com um novo Estado e uma vida que possuísse fins “espirituais”. A ideia de Plínio Salgado era mobilizar sob a mesma doutrina, incluindo todos os brasileiros, mesmo não católicos. Em Plínio Salgado o movimento proposto era muito mais importante que a Igreja ou a necessidade de evangelizar o povo brasileiro.

A “integralidade” em Plínio Salgado é a noção que todas as esferas da vida social devem ser pensadas de forma unificada, integradas sob o a tutela da doutrina proposta pela AIB. A própria doutrina representa a totalidade social e o “espiritualismo” está contido nela. O integral absorve também aspectos históricos e culturais do povo brasileiro, além de um representante político e econômico da nação, o integralismo representa todos os brasileiros na sua especificidade “geográfica”. O Estado, a doutrina, a nação e o líder se confundem em um todo “integral” e “harmônico”.

Outro ponto importante é que Plínio Salgado deixa poucos espaços fora do controle da AIB em sua doutrina. O “estado integral”, baseado na “doutrina integral” que era “perfeita” articularia todas as áreas da vida. Embora Plínio Salgado reconhecesse que a família era “autônoma” e reconhecer privilégios da Igreja sobre a educação (estas, reivindicações do Centro Dom Vital), nada leva a crer, lendo os textos de Plínio Salgado que haveria a noção de uma autonomia absoluta, ou que até que nível isto aconteceria se a AIB tomasse o poder.

O afastamento do “espiritualismo” e de uma concepção “integral” de

vida havia levado a humanidade a uma “crise”. Em *Preparação à Sociologia* a noção que a sociedade brasileira dos anos de 1930 estava em crise é bastante comum. A ideia se aproxima muito da apresentada por Plínio Salgado, pois há um diagnóstico apresentado, revelando que a visão “naturalista”, ou seja, não “finalista” do ser humano teria levado à crise. Vamos agora nos ater um pouco a maneira como a crise se apresenta em Alceu Amoroso Lima.

Existem na sociedade três tipos de poderes. Para que haja “harmonia” é necessário haver um equilíbrio entre esses poderes:

Esses órgãos ou poderes sociais, numa concepção integral de sociedade humana, podem ser reduzidos a três: o poder político, o poder econômico e o poder espiritual. São esses os três poderes fundamentais da ordem finalista ou cristã. (p.82)

Ao poder político corresponde o Estado, que tem por finalidade a coordenação de toda a sociedade, além de harmonizar as classes. Ao poder econômico diz respeito a organização das atividades econômicas. A Igreja representa socialmente poder espiritual e sob sua tutela está a vida moral e religiosa da sociedade.

A concepção individualista foi a responsável pela separação entre estes poderes “Encontramo-nos hoje em estado de dissociação entre aqueles três poderes – o político, o econômico e o espiritual, em virtude justamente da falsa concepção individualista” p. (83). Com a dissociação, cada “poder social” viu-se isolado e com sua área de atuação reduzida. O “poder econômico” hipertrofiou-se, fazendo com que houvesse uma supervalorização do econômico. Ao mesmo tempo, o “poder político” restringiu seu campo de atuação. Enquanto isso, o “poder espiritual” havia sido confinado apenas a aspectos individuais.

A crise encontrada, era então uma “crise de desequilíbrio social” decorrente do erro da concepção da finalidade dos “poderes sociais”. Os poderes sociais não estavam cumprindo suas funções, o Estado fora reduzido

a funções mínimas, enquanto a economia agia apenas em bases individualistas, em um ambiente em que apenas o “indivíduo” tinha capacidade de desenvolver-se.

As revoluções burguesas, entendidas como a inglesa de 1649, a americana de 1776 e a francesa de 1789, foram as responsáveis pela expansão do individualismo, e portanto, estão nas raízes da crise. A partir delas sucumbiu o “sentido geral da vida” em prol de um laicismo “anti-finalista” e “anti-christão”. A “sociedade burguesa” criara a crise devido a expansão das ideias individualistas e o enfraquecimento do “poder político” e do “poder espiritual”.

A economia havia tomado caminhos individualistas, perdia-se a finalidade econômica medieval em prol de uma economia individualista. A “economia medieval” possuía grande “vantagem moral” sobre a economia moderna, pois agia “quanto à vida, às necessidades humanas, à finalidade humana” (p.100), “as regras moraes presidiam à organização” (p. 101)

A visão presente nos textos de Alceu Amoroso Lima é que há um “bem comum” que deve ser buscado pela sociedade. A “crise econômica”, a exploração econômica, bem como a “luta de classes” eram decorrentes do abandono da busca pelo “bem comum” em prol do indivíduo. A exaltação da idade média deve-se ao fato do autor considerar que nesta a busca do “bem comum” era existente, evitando as desigualdades e criando um mundo harmonioso, em que os três poderes exerciam sua função.

Para transformar a sociedade era importante superar o “individualismo”, a crise somente terminaria quando aqueles valores que começaram a ser defendidos no fim da idade média fossem suplantados, era preciso corrigir o erro filosófico. “O individualismo social foi um derivado do individualismo philosophico” (p.97), somente uma nova base filosófica traria o fim à crise.

Seguindo o raciocínio de Alceu Amoroso Lima é bem simples compreender qual seria a forma de pensar que traria novamente um ordenamento ao mundo, ou seja, aquela trazida pela Igreja. A sociedade

estava em “crise” devido a “um estado de dissociação generalizada, - que remonta ao fim da idade média, com a decadência da escolástica” (p. 92). Caberia então trazer novamente à sociedade o pensamento católico, as raízes cristãs da vida, para que se encontrasse outra vez a harmonia.

Não existe a proposição de uma Estado teocrático em *Preparação a Sociologia*, o autor escreve isso explicitamente. Tampouco preocupa-se em fazer uma teoria do Estado. O autor preocupa-se em apontar a necessidade do resgate do “poder espiritual” e a primazia moral da Igreja como forma de superar a crise e restaurar a moral perdida.

Pois bem, só a Igreja Catholica representa, em nossa civilização, o esforço incessante e systematico de afirmar em todas as coisas, das mais transcendentes às mais vulgares, o primado constante do Espírito [...] A Igreja representa, no mundo moderno, a afirmação até monótona se quizerem, mas indiscutível, de que só o Espírito, só a subordinação da ordem da natureza à ordem da graça, pode resolver os problemas da materialidade, as questões do mundo social, as perplexidades concretas, economicas, financeiras, demographicas em que nos debatemos. (p. 142)

A Igreja ocupa um papel central na construção de um mundo harmonioso. A visão de mundo defendida pela Igreja seria capaz de guiar o Estado e a economia no sentido ético, na busca do bem comum. A obra pretendida pelo Centro D. Vital, desta forma, teria um impacto não apenas individualmente, mas em toda a sociedade. O “poder econômico” e “político” embora tivessem um campo de atuação próprio, deveriam estar submetidos aos valores defendidos pela Igreja, enfim, teriam sempre que estar guiados pelo “Espírito”.

Plínio Salgado não concede tanta importância a Igreja na sociedade moderna. Embora sua base fosse eminentemente espiritualista, esse espiritualismo não era necessariamente católico. Plínio Salgado não era contrário a liberdade religiosa, e ao menos discursivamente, não enxergava que outras religiões eram impedidas de possuírem ideais “espiritualistas”. Os

integralistas poderiam adotar credos dos mais variados, desde que dentro dos valores defendidos pelo movimento.

Existem diferenças na concepção do espiritualismo nas obras de Plínio Salgado e de Alceu Amoroso Lima, todavia a noção de crise é muito semelhante. Para ambos os autores ela possuía uma base idealista, a crise provinha de um erro filosófico. A filosofia “individualista”, “burguesa”, ou “naturalista”, conforme os termos utilizados por ambos os autores, tinha gerado a sociedade fragmentada, com degradação de valores morais. A economia desorientada tinha culminado no acúmulo de dinheiro na mão de poucos, acirrando uma disputa entre classes.

Cronologicamente a crise tinha surgido no fim da idade média e se acirrado com as revoluções burguesas. Todos os ideais defendidos pela burguesia, assim como o pensamento científico e filosófico moderno eram pensados como equivocados e geradores da “crise”. O Estado surgido das revoluções burguesas, “liberal” também era consequência desse “erro filosófico” e além de ser ineficaz gerava desigualdades sociais e conflitos.

A “crise” em Plínio Salgado era originária da “filosofia iluminista” e tinha como característica central a fragmentação que levava a hipertrofia do econômico e um enfraquecimento do Estado. A maior parte da população brasileira era explorada economicamente por poucos e o Estado era utilizado para benefício dos próprios políticos. O liberalismo, seja do ponto de vista político ou econômico, era a origem da crise vivida no Brasil, era também a filosofia sob a qual se se erigia a sociedade egoísta e em crise.

A grande negatividade com que pensavam sobre a sociedade de seu tempo era central na obra dos dois autores aqui analisados. O mundo estava em “crise” e havia uma decadência originada no fim da idade média. Todavia, mesmo com todo esse pessimismo, a visão a respeito do futuro era positiva. Tanto Alceu Amoroso Lima quanto Plínio Salgado acreditavam que a sociedade “burguesa” estava próxima de seu fim e um novo tempo estava surgindo. Em *Preparação à Sociologia* o líder católico fala sobre o surgimento de um “novo tempo”, embora de forma sucinta. Em 1935 escreveu livro

denominado *No Limiar da Idade Nova*, no qual escreve mais detalhadamente sobre o fim da sociedade burguesa e o nascimento de uma nova sociedade.

A mudança, a transformação da sociedade burguesa em crise em outra “espiritualista”, “integral”, não seria obra do acaso, mas caberia uma ação consciente baseada em novas ideias. Se o fim da “sociedade burguesa” estava próximo, esse fim não se daria de forma automática, somente uma organização, que de uma forma ou outra atuasse na população brasileira, traria à tona um novo tempo em que a sociedade burguesa fosse realmente superada.

Sobre a maneira como ocorreria essa transformação temos uma grande diferença entre os dois autores. A proposta de transformação feita por Alceu Amoroso Lima era a manutenção do catolicismo sob influência do Vaticano no Brasil. A proposta de mudança passa pelo aumento da influência da Igreja sobre a sociedade para que fosse restabelecida uma base moral perdida.

O Centro D. Vital é que estava à frente deste projeto e ele envolvia uma educação das elites e um afastamento do catolicismo popular através da influência da Igreja junto ao povo, assim como o fortalecimento do catecismo. A tarefa da Igreja era bastante educativa, não apenas no aspecto formal da palavra, mas também no sentido de criar uma consciência moral católica.

O foco de Alceu Amoroso Lima não está em aspectos organizativos do Estado. Apesar da crítica ao Estado liberal, o autor não defende explicitamente um Estado fascista, ou propõe uma forma de Estado, sobre a Igreja diz “Ela não é monarchista nem democrática por natureza, como não é liberal ou socialista, capitalista ou comunista” (1931, p.46) Ocorre na verdade uma proposta que o Estado reconheça a existência do “poder espiritual” e não atue em áreas que estão sob o domínio da Igreja.

Em 1935 Alceu Amoroso Lima publicou um livro chamado *Pela Ação Católica*, trata-se de uma coletânea de pequenos textos publicados por ele mesmo nos anos de 1930. Neste livro constam de forma mais simplificada diversos assuntos já tratados em *Preparação à Sociologia*, além de uma série

de textos sobre o comportamento dos católicos, sobre o papel da Igreja na constituinte de 1934 e outros temas diversos correlatos a ação política do Centro D. Vital.

A ação da Igreja existe sempre no sentido de influir no funcionamento do Estado, nunca de fundir-se a ele. Nos textos há uma defesa dos políticos que se declaram católicos, bem como a proposição de leis que fortaleçam as influencias “culturais” da Igreja. Diversos artigos defendem as prerrogativas da Igreja a respeito da educação para a constituinte de 1934. Há uma forte defesa da atuação dos católicos em áreas “culturais”, que podemos entender como a educação formal e em outras áreas que não necessariamente se relacionam com o Estado. Apesar da importância da ação católica na política, não deveria assumir a forma clara de partido. Ele escreveu sobre a revolução constitucionalista de 1932 o seguinte:

nada nos aconselha a tomar partido, pois estamos acima dos partidos. Não nos interessa a Constituição. Interessa-nos que constituição. [...]O que nos interessa é saber se esta (a nação) continuará divorciada do Estado ou se vai voltar, ao contrário, a ter na vida deste o papel essencial que deve desempenhar. O que interessa é manter católica a Nação, desenvolver, purificar a consciência desse catolicismo, tantas vezes deturpado por elementos estranhos (p. 122-123)

Como nos mostra Arduani (2010), a princípio Alceu Amoroso Lima era contrário a revolução de 1930 por seu apelo a hierarquia e a ordem. A revolução seria uma destruição da ordem vigente, um rompimento da hierarquia social e por isso uma ameaça ao funcionamento da sociedade. Um regime somente deveria ser derrubado de forma abrupta caso se constituísse forte ameaça a Igreja, o que certamente não era o caso da revolução de 1930. D. Leme era favorável a uma aliança partidária ou direta com os governantes, a Igreja deveria procurar influenciar todos os partidos e governantes, sem uma aliança direta. E essa foi a postura adotada nos anos de 1930 pelo Centro D. Vital

A oposição a ideia de revolução é notória nos textos analisados por Alceu Amoroso Lima em *Preparação à Sociologia*, considera a revolução e a guerra, “anomalias de ordem política” (p.114) Deste modo, a proposta de um defesa de um pensamento revolucionário seria impensável dentro das suas concepções. A ideia de rupturas abruptas, de alterações da ordem a força, tão comuns a outras formas de pensamento, não cabia no léxico teórico apresentado pelo autor.

A proposta de transformação social apresentada por Plínio Salgado é bastante diferente. No capítulo anterior apontamos que o conceito de “revolução” para Plínio Salgado não é muito preciso, todavia tal vocábulo é central na explicação das mudanças sociais. Em *Psicologia da Revolução*, Plínio Salgado havia demonstrado que a “revolução” é um fenômeno natural, responsável por trazer a sociedade a novo equilíbrio e portanto não poderia ser visto com negatividade, como uma ausência de equilíbrio, ou algo desarmônico.

Apesar da dubiedade do termo “revolução” e por acreditarmos que a “revolução” foi tomando uma conotação cada vez menos “política” e mais “espiritual” com o passar dos anos, não podemos descartar seu caráter político. O fato da AIB treinar milícias militarmente entre seus membros revela que a tentativa de tomada de poder a força, era sim uma alternativa pensada pelos militantes do movimento.

Plínio Salgado certamente bebe da fonte do pensamento conservador brasileiro, boa parte do seu pensamento pode ser inserido dentro deste viés. As proximidades conceituais com Alceu Amoroso Lima também são notórias, ambos os autores usam o mesmo léxico de forma muito semelhantes ao tratarem do espiritualismo e da crise. Todavia, o caráter revolucionário do pensamento do líder da AIB dificilmente pode ser totalmente englobado no pensamento conservador, tal como Mannheim o conceitua. Plínio Salgado incorpora o léxico “revolução” com um sentido plenamente positivo, com algo a ser buscado. A “revolução” tem seu foco no futuro, numa sociedade a ser construída, transformada, não em uma volta ao passado. A nova sociedade, que seria a “Integral” pressupunha a superação do mundo atual, incluindo aí a

construção de outro Estado.

A “revolução” no pensamento conservador não era vista como algo desejado. Turbulências políticas ou instabilidades no controle do Estado eram pensadas como ausência de equilíbrio, de ordem. Os autores do espectro conservador, sendo Alceu Amoroso Lima claramente um deles, recusam a utilização do termo com um sentido positivo, pois não viam a necessidade de estimular uma instabilidade política para que tomassem o poder. Eles procuravam um rearranjo de poder que fosse feito entre elites dentro do próprio Estado.

Raymundo Faoro (2001), em *Os donos do Poder*, descreve como a ideia de falência do liberalismo e necessidade de uma maior centralização do Estado foi tornando-se popular nos anos de 1920 entre os políticos e os intelectuais brasileiros. Defendia-se que para fazer as reformas necessárias a transformação da realidade brasileira era importante um Estado com amplos poderes. No decorrer da década de 1930, esta perspectiva foi se fortalecendo cada vez mais, culminando com o surgimento do Estado Novo.

A perspectiva de que era necessário centralizar o Estado, evitando assim que lutas internas levassem a inação, era bastante comum no período em que Plínio Salgado agiu enquanto integralista. Entretanto, ainda segundo Faoro, as elites políticas e intelectuais não acreditavam que a revolução fosse algo desejável, pois a instabilidade era considerada algo arriscado. Pensava-se então em uma centralização que levasse a uma direção econômica e política por parte do Estado, mas que fosse feita pelas elites.

Plínio Salgado partilhava da noção de “crise” da sociedade liberal e da necessidade de superação dela através da centralização do Estado e do controle da economia. Todavia, o autor introduz uma palavra, “revolução”, que o diferencia do conservadorismo e propõe a estruturação da AIB a partir dela. Ao utilizar o termo revolução, Plínio Salgado colocava-se em outro patamar, se comparado aos políticos da República Velha e punha seu movimento como construtor de algo novo. A AIB então, finalizaria uma “revolução incompleta”, que fora a revolução de 1930 e levaria o Brasil a um outro patamar de

sociedade.

A forma de se tomar o Estado, também é bastante distinta. Em primeiro lugar, Plínio Salgado pretendia construir um partido nacional, por acreditar haver uma unidade, um povo brasileiro legítimo para além do fracionismo dos partidos políticos regionais. Um segundo ponto, esse partido nacional, não deveria ser formado apenas pelas elites, mas por todos os brasileiros. A doutrina integralista, bem como sua defesa e disseminação eram papel de todos os integralistas.

Em seu projeto “revolucionário”, Plínio Salgado reforçava sempre a necessidade dos militantes conhecerem a doutrina, lerem os livros, participarem de reuniões, assim como fazerem marchas públicas portando bandeiras do sigma. Tanto Héglio Trindade (1978) como Rosamaria Cavalari, (1999) sobre os quais já discorreremos, apontam o caráter de massas do movimento, além da importância dos atos públicos em sua prática. Tais características são bastante distintas do pensamento conservador e do tipo de política que aqui se fazia na República Velha.

Ao caracterizarmos a AIB como um movimento social, fato que fizemos desde o início, temos em mente este caráter público do movimento, voltado para a mobilização de um grande contingente de pessoas e a ação nas ruas. Quando ressaltamos o caráter popular do movimento, fazemos nesse sentido, da ideia de uma ação política que pretendia envolver ampla parcela da população. Todavia, não podemos confundir popular com democrático, Plínio Salgado tinha desprezo pela democracia, o “povo em marcha” estaria sob a égide de uma doutrina produzida por poucos e sobre a qual pouco podiam influir.

O caráter totalizante da doutrina, tal como relata Ricardo Benzaquen Araujo, também não é característico do pensamento conservador. A ideia de integralidade apresentada por Alceu Amoroso Lima é baseada em uma noção de harmonia de “poderes sociais” com certa autonomia. Já em Plínio Salgado, presume-se uma centralidade do Estado e uma doutrina que fosse uma síntese de toda a sociedade, que englobasse todos os aspectos da vida.

Apesar das semelhanças entre os dois autores e do uso do léxicos por nós estudados “crise” e “integralidade” por vezes de forma muito semelhante, principalmente no tocante a crise, a “revolução” é vista de forma bastante diferente, como parte central da doutrina pensada por Plínio Salgado. Com várias nuances do pensamento conservador nos dois autores, Plínio Salgado se afasta um pouco dela ao propor uma mobilização profunda com finalidade de subverter a ordem social, seja na estrutura estatal ou no comportamento cotidiano. Abaixo uma tabela comparando os conceitos apresentados pelos dois autores.

TABELA 2 : DIFERENÇAS CONCEITUAIS ENTRE PLÍNIO SALGADO E ALCEU AMOROSO LIMA

CONCEITOS	PLÍNIO SALGADO	ALCEU AMOROSO LIMA
Integralidade	Totalidade social representada pelo doutrina integralista. Ausência de conflitos e de divisão entre o Estado, a sociedade e os indivíduos. Inexistência de autonomia das esferas da vida social	A Igreja daria coesão e uma finalidade à vida social por trazer uma moral superior e uma finalidade transcendental para toda as áreas da vida
Crise	Origina-se no fim da Idade Média e tem como características a ausência do espiritualismo e a fragmentação social. A doutrina integralista poria fim à crise ao trazer novamente à tona o espiritualismo e unir a sociedade em uma totalidade ausente de conflitos	Origina-se no fim da Idade Média e tem como características a ausência do espiritualismo e a fragmentação social. Como fim à crise, propõe-se o aumento da influência da Igreja no Brasil para espiritualizar o povo brasileiro e reorientar a vida social por uma finalidade superior
Revolução	Processo natural que visa trazer novo equilíbrio social. Algo desejável.	Vista como desequilíbrio e desordem. Deve-se evitá-la.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos de 1930 foram um período tumultuado da história brasileira. A República Velha sucumbiu e junto dela o antigo pacto oligárquico. Velhos atores políticos tradicionais perderam força ou tiveram que se rearticular como forma de impor sua agenda e buscar controlar importantes postos no jogo político da sociedade brasileira.

O cenário internacional também foi bastante conturbado na década de 1930. A crise da bolsa de valores de 1929, que culminou em uma crise econômica que perdurou por toda a década seguinte. A ascensão dos autoritarismos europeus, botando em cheque a eficácia da democracia. O crescimento dos partidos comunistas com suporte da União Soviética e a possibilidade real de uma revolução socialista que mudasse completamente a economia mundial.

A AIB surgiu em um cenário de rupturas e possibilidades. Plínio Salgado procurou canalizar estas possibilidades de transformação em um movimento profundamente anti-democrático e autoritário, todavia um tipo de autoritarismo inédito aqui, um autoritarismo de que buscava a inclusão de amplos setores da população na política, embora de forma tutelada. As incertezas apresentadas após a revolução de 1930 foram interpretadas pelo líder da AIB como a possibilidade de construção de um Estado centralizado e anti-liberal. Para isso, acreditava ser fundamental a participação de todos os brasileiros através da adesão à doutrina produzida pela Ação Integralista Brasileira.

Plínio Salgado e seu movimento nunca conseguiram chegar ao poder, entretanto não podemos desconsiderar sua relevância política nos anos de 1930. O movimento atingiu milhares de pessoas, de modo que as ideias de Plínio Salgado faziam sentido para muitos cidadãos brasileiros (TRINDADE, 1978). Caso Getúlio Vargas não tivesse tomado o poder a força e iniciado o Estado Novo, Plínio Salgado teria se candidatado a presidência da República

nas eleições de 1938 com amplo apoio dos militantes da AIB, sem, contudo, termos base para elucubrarmos quais seriam os resultados da eventual eleição. Também não podemos descartar a possibilidade de uma revolução armada promovida pela própria AIB, caso Plínio Salgado tivesse nela se empenhado ou a AIB tivesse defendido uma forma de tomada de poder por meio da força de forma mais enfática. Entretanto, em nenhum momento Plínio Salgado defendeu explicitamente a tomada do poder pela força.

Em nossa dissertação procuramos demonstrar a forma como Plínio Salgado e conseqüentemente a AIB se inserem no debate sobre os rumos do país após a revolução de 1930. Constatamos que o autor possui em seus textos diversos elementos bastante semelhantes aos conservadores, principalmente a respeito de Alceu Amoroso Lima, autor que analisamos mais profundamente. Todavia, verificamos que existem alguns elementos que os diferem, não que Plínio Salgado não fosse um conservador, mas era um conservador que levantava outras possibilidades de ação política.

Plínio Salgado utilizou o conceito de “revolução” dentro de uma matriz conservadora e fez isso chamando a população para aderir ao seu movimento. Se o termo aparece com um significado um tanto dúbio em seus textos, isso não impede que fosse lido como uma forma de ruptura, como a possibilidade de construção de algo novo pelos simpatizantes. O momento histórico colocado pela revolução de 1930 possibilitou o surgimento de um movimento conservador, que ao menos discursivamente, apresentou-se como uma grande ruptura, como a construção de algo novo. Parece-nos que seria pouco provável que um movimento que se apresentasse como perpetuador de uma ordem anterior, ou que não procurasse incluir outros setores em suas práticas tivesse sucesso em um contexto de transformação.

A palavra revolução tinha sentidos diversos nos anos de 1930. Se para Alceu Amoroso Lima ela era vista como desordem, Plínio Salgado a transformou em algo desejável, mesmo sem se afastar de uma visão de mundo “espiritualista”, cara ao líder católico. A década de 1930, devido a todas as transformações ocorridas, exigia novas explicações, a inserção de novos

atores, bem como respostas identitárias do Brasil. Plínio Salgado procurou essas respostas unindo revolução e conservadorismo, participação popular e autoritarismo, adequando assim, o uso da palavra revolução às flutuações políticas.

Uma mera classificação de Plínio Salgado como um copador de algo de fora, ou o criador de um movimento caricato, com trejeitos fascistas, não explica alguns aspectos do que foi a AIB. A alcunha de irracional, ou místico, não diz o suficiente sobre a maneira como o movimento era visto dentro da sociedade brasileira no contexto em que foi produzido. Chamar a AIB de irracional é também classificar assim uma parcela significativa da população brasileira, inclusive de muitos intelectuais que posteriormente tiveram destaque no mundo das letras.

O consenso em torno da visão da democracia, criado após a Segunda Guerra Mundial, como está sendo sempre vantajosa, e do respeito as liberdades individuais e das minorias, ao nosso ver, também contribuíram para trazer a ideia que o pensamento de Plínio Salgado era um erro partilhado por alguns poucos, irracionais, ou que seu pensamento possuía pouca capacidade de análise sobre a realidade brasileira. No contexto linguístico específico dos anos de 1930, a produção intelectual de Plínio Salgado era considerada relevante.

Identificamos no líder integralista diversas características que o aproximam do pensamento conservador brasileiro anterior a ele e também pertencente a seus contemporâneos. Deste modo, Plínio Salgado não se tratava de um *outsider* na produção intelectual brasileira. Também não podemos dizer que suas ideias foram provenientes de uma cópia de suas leituras de autores fascistas, ou de sua viagem a Itália em 1930. O repertório intelectual da qual no qual o autor se insere, ou seja, a crítica a democracia e ao liberalismo, bem como uma aproximação de um pensar autoritário, já existiam no pensamento social brasileiro.

Comparamos os conceitos de “crise”, “integralidade” e “revolução” entre Plínio Salgado e Alceu Amoroso Lima para identificarmos o repertório

linguístico do líder integralista. Pudemos verificar que a noção de “crise” em Plínio Salgado decorria da fragmentação social originária do pensamento “burguês” e “iluminista”. Ao se perder a base espiritual da vida, tomava-se a realidade terrena como a última existente e a busca por interesses materiais como objetivo único da vida. O Estado e a economia liberal eram consequências do pensamento burguês fragmentado, que culminava na análise parcial da economia, da política ou outras áreas da vida.

A “integralidade” é a oposição a fragmentação, é o pensamento sintético da realidade em que a sociedade é vista de forma “totalitária” e a finalidade espiritual da vida não é negada ou colocada de forma secundária. A sociedade medieval era um exemplo de sociedade integral, construída em bases espiritualistas. Plínio Salgado pretendia construir uma sociedade integral em que a sua doutrina promovesse a base espiritual, o sentido da existência social.

Alceu Amoroso Lima utiliza-se dos conceitos de “crise” e “integralidade” de forma muito semelhante a Plínio Salgado. A “crise” seria também decorrente da fragmentação e do fim do reconhecimento da “finalidade humana” transcendental. Já a “integralidade” faria parte do reconhecimento de diversas esferas da vida humana, sem que houvesse hipertrofia de nenhuma delas, principalmente do econômico.

O líder católico se diferencia do pensamento de Plínio Salgado pela centralidade dada a Igreja Católica na espiritualização do mundo. Enquanto para Plínio Salgado a doutrina integralista englobaria a religião e o aspecto espiritual estaria presente na doutrina, para Alceu Amoroso Lima a Igreja possuiria monopólio das questões do “espírito”, apresentado uma certa autonomia em relação ao Estado e a economia.

A leitura dos textos de Alceu Amoroso Lima nos serviu para verificar que a noção de “crise” decorrente do afastamento da uma “espiritualidade” era assunto em pauta na década de 1930. Também conseguimos verificar que a ideia de uma “integralidade” que deveria ser construída em oposição à fragmentação da sociedade liberal não era algo exclusivo de Plínio Salgado. As

diferenças e tensões entre os dois autores revelam uma “disputa” da formação dos conceitos, embora feitos em uma base comum de interpretação da realidade.

A principal diferença no pensamento de Plínio Salgado e de Alceu Amoroso Lima, e talvez da maior parte dos autores do espectro conservador nos anos de 1930, deve-se a importância dada por ele ao aspecto revolucionário. Mesmo com a falta de precisão na definição de termo, conforme discutimos ao longo de nossa dissertação, a revolução é vista como algo positivo e que deveria ser buscada. Esta positividade do processo revolucionário não existia nos textos de Alceu Amoroso Lima.

A revolução era um termo muito utilizado por Plínio Salgado e central na sua argumentação. Para o líder integralista, a AIB constituía-se de um movimento revolucionário, que transformaria completamente a sociedade brasileira. Entretanto, demonstramos que a definição do termo carece de precisão, em alguns momentos a revolução é puramente espiritual, muito ligada às atitudes e posturas com relação ao mundo, em outros muito próximo à noção de revolução armada. A fragilidade do conceito está relacionada à ausência de uma proposta de agência política clara por Plínio Salgado, não há uma proposta de reforma do Estado e da gestão da economia, apenas conceitos genéricos.

Conseguimos dar uma resposta satisfatória ao questionamento colocado no início de nossa dissertação, entretanto precisamos fazer algumas ressalvas. Para levarmos a metodologia de Skinner as últimas consequências e captarmos o contexto linguístico de forma mais aprofundada, precisaríamos trabalhar com uma gama muito maior de autores, algo que não foi possível fazer devido as limitações de um trabalho de mestrado. Para trabalhos futuros seria interessantes estudarmos os conceitos estudados nas obras de outros autores integralistas, como Gustavo Barroso e Miguel Reale, pois nossas leituras revelam diferenças substanciais dentro do próprio movimento. Também seria de fundamental importância uma análise de autores conservadores do período, que trabalham a noção de “crise”, como Oliveira Vianna e Azevedo

Amaral. Por fim, seria também bastante interessante verificar como era discutida a ideia de revolução nos anos de 1930, seja pela esquerda, ou por autores conservadores.

6 REFERÊNCIAS

ARAUJO, R. B. **Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BATISTA, A. B. **Mentores da intelectualidade: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BEIRED, J. L. **Sob o signo da nova ordem**. São Paulo: Edições Loyola, 1999

BERTONHA, J. F. **Sob a sombra de Mussolini: os italianos em São Paulo e a luta contra o Fascismo, 1919-1945**. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. Entre Mussolini e Plinio Salgado: O integralismo e o problema dos descendentes italianos no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21 n. 40, 2001. Disponível em <>. Acesso em 23/11/2014

BRANDÃO, G. M. As linhagens do pensamento político brasileiro. **Dados, Revista de Ciências Sociais**. v. 48. Rio de Janeiro: p. 23-269, 2005;

CARONE, E. **A República Nova (1930-1937)**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1978.

CAVALARI, R. M. F. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil**. Bauru: Jorge EDUSC, 1999.

CHASIN, J. **O integralismo: forma de regressividade do capitalismo hipertardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, M Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira, In: CHAUÍ, M & FRANCO, M. S. C. **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro: CEDEC/Paz e Terra, 1978.

DIAS, R. **A doutrina católica sobre autoridade no Brasil 1922-1933**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

DUNN, J. The Identity of the History of Ideas. **Philosophy**, vol. 23, n. 134, p. 85-104, 1968.

FAORO, R. **Os donos do poder**. 3 ed. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2001.

FAUSTO, B. **A revolução de 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERNANDES, F. **Capitalismo dependente e classe social na América Latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972.

GERTZ, R. **Os teuto-brasileiros e o integralismo: contribuições para a interpretação de um fenômeno político controverso**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

HALE, C. **The transformation of liberalism in late nineteenth-century**. Princeton: Princeton University Press, 1990.

LEITE, J. H. Jr. A Edificação dos camisas-verdes: a formação ideológico discursiva. **Revista Eletrônica Lato Sensu**. Guarapuava, ed. 6, 2008.

LIMA, A. A. **No limiar da idade nova**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935b.

_____ **Pela ação católica**. Rio de Janeiro: Editora da Biblioteca Anchieta, 1935a.

_____ **Preparação à sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Centro D. Vital, 1931.

MANNHEIN, K. O pensamento conservador. In: MARTINS, J.S. **Introdução crítica a sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 77-131.

MICELLI, S. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais. In. **História das ciências sociais no Brasil**. v. 1. São Paulo: Vértice/Idesp/Finep, 1989.

_____ **A elite eclesiástica brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009

POCOCK, J. The History of Political Thought: A Methodological Enquiry. In__ P. Laslett e W. G. Runciman. **Philosophy, Politics and Society.** Oxford: Blackwell, p. 183-202, 1962

RÉGIS, J. R. Integralismo e Coronelismo: Interfaces da dinâmica política no interior do Ceará. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SALGADO, P. **A Quarta humanidade.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1934.

Carta de natal de fim de ano. **A Offensiva.** Rio de Janeiro, n. 32, p. 11-12, dezembro 1935a.

_____ **Diretrizes integralistas.** Manifesto. Disponível no fundo Plínio Salgado no acervo público e histórico do município de Rio Claro, 1933a.

_____ **Manifesto de outubro.** Manifesto. Disponível no fundo Plínio Salgado no acervo público e histórico do município de Rio Claro, 1932.

_____ **O que é o integralismo.** Rio de Janeiro: Schmidt, 1933b.

_____ **Preliminares do Manifesto Programa da AIB.** Manifesto.

Disponível no fundo Plínio Salgado no acervo público e histórico do município de Rio Claro, 1936.

_____ **Psicologia da revolução.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935b.

_____ **Salvemos a democracia.** In: SALGADO, P. **Obras Completas**, v. 9. São Paulo: Editora das Américas, 1955.

SERRATO, E. B. F. **Estudo sobre o integralismo e seus momentos**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24. São Leopoldo: ANPUH, 2007.

SILVA, C. L. **Onda Vermelha**: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVA, R. S. A. política como espetáculo - a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n 50, p. 61-95 – 2005

SILVA, H. **Terrorismo em Campo Verde**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SKINNER, Q. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____ Some Problems in the Analysis of Political Thought and Action. **Political Theory**, v. 2, nº 3, p. 277-303, 1974.

_____ Meaning and Understanding in the History of Ideas. **History and Theory**, v.8, nº. 1, pp. 3-53, 1969.

_____ The Limits of Historical Explanation. **The journal of the royal institute of philosophy**, v. 26, nº157, p. 199-242, julho, 1996.

TILLY, C. Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834. **Social Science History**, v. 17. n. 2, 1993.

_____ **Social Movements 1768 – 2004**. Boulder: Paradigm, 2004.

TRINDADE, H. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930** 2. ed. São Paulo: Difel, 1979.

VACONCELLOS, G. **A ideologia curupira: análise do discurso integralista**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

VILLAÇA, A. C. **O pensamento Católico no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.